

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação Em Biblioteconomia

Patrícia dos Santos Costa

O PERFIL LEITOR DOS JOVENS E ADULTOS QUE FREQUENTAM OS CURSOS PRÉ-
VESTIBULARES COMUNITÁRIOS: ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA A FAVOR DA
EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.

Rio de Janeiro

2017

Patrícia dos Santos Costa

O PERFIL LEITOR DOS JOVENS E ADULTOS QUE FREQUENTAM OS CURSOS PRÉ-
VESTIBULARES COMUNITÁRIOS: ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA A FAVOR DA
EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, cultura e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Machado.

Rio de Janeiro

2017

Ficha catalográfica

C837p

Costa, Patrícia dos Santos

O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários: atuação bibliotecária a favor da educação / Patrícia dos Santos Costa. - 2017.

147 f. : il. algumas color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Campos Machado.

Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

1. Pré-vestibular comunitário. 2. Leitura. 3. Perfil leitor. 4. Políticas públicas. 5. Biblioteca pública. I. Título.

CDD 378.166 2

PATRÍCIA DOS SANTOS COSTA

**O PERFIL LEITOR DOS JOVENS E ADULTOS QUE FREQUENTAM OS CURSOS
PRÉ-VESTIBULARES COMUNITÁRIOS: ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA A FAVOR
DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elisa Campos Machado – Orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Alberto Calil Junior – Titular interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dra. Jane Paiva – Titular externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Geni Chaves Fernandes – Suplente interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Diógenes Pinheiro – Suplente externo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

A minha avó Maria Azevedo de Souza, *in memoriam*, que tinha o sonho de saber ler e escrever. Não sabia, mas tinha o dom de contar e encantar com suas histórias,

.

AGRADECIMENTOS

Quando retomei os estudos, depois de ter ficado três anos longe da escola, a sensação que eu tinha era a de estar sempre correndo atrás de um tempo que passou. Mas até então, o sonho era concluir o ensino médio. Vinda da classe popular, estudante da rede pública e, no ensino fundamental, bolsista integral de uma escola particular e aluna do pré-vestibular comunitário, meu desejo era me tornar alguém que fizesse diferença na sociedade. A graduação não bastou, e o desejo de contribuir e pesquisar aumentou. Hoje apresento essa singela contribuição, graças ao PPGB-UNIRIO.

Agradeço primeiramente a Deus, pelas bênçãos diárias, por me dar saúde e energia para concretizar os meus sonhos. Também, por permitir que pessoas especiais fizessem parte da minha vida, as quais algumas delas cito neste agradecimento.

Ao meu marido Eduardo um muitíssimo obrigada pelo grande apoio e, principalmente, por ter me dado o meu melhor presente: no período do mestrado engravidamos!

Ao Caio, meu filho querido, sonhado e amado, que veio durante o desenvolvimento dessa dissertação, peço desculpas por eventuais ausências nos primeiros momentos da sua vida. Mas espero que ele um dia entenda que essa dissertação é a realização de um sonho da mamãe.

Aos meus pais, Silvino e Evani, por todo auxílio com Caio, para que eu pudesse desenvolver essa dissertação.

À Helena pelo carinho comigo e com o Caio, além da ajuda no repasse dos questionários e formatação dos dados coletados.

À Lúcia e ao Mário por todo carinho e atenção que sempre tiveram comigo, e também por ficarem com o Caio para que eu pudesse ir às reuniões de orientação.

A minha tia do coração Ana Maria por ler e revisar este trabalho com tanto carinho.

Aos familiares e amigos por compreenderem minhas ausências durante o período do mestrado, em especial a minha prima Cássia que sempre me ajudou na realização da pesquisa.

Às Luluzinhas que me inspiram a ser uma profissional cada vez melhor, por terem me apoiado desde o início do mestrado e contribuído muito com nossas conversas, em especial Emília pela atenção e auxílio na formatação.

A minha mamãe da vida Sandra, por torcer por mim e também pela revisão.

A minha orientadora por todo carinho, parceria, dedicação, paciência e entusiasmo. Obrigada pela oportunidade de poder trabalhar com você. Saiba que você é muito querida.

Aos membros da banca Alberto Calil, Jane Paiva, Geni Chaves Fernandes e Diógenes Pinheiro, pela disponibilidade e contribuições para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos de classe do programa de mestrado, essa turma tão dedicada e companheira, que apoiou uns aos outros nessa trajetória. Em especial as amigas Eliane Gomes, Renata Alves (noja), Ana Paula (figo seco) e Graciele Ferreira, amigas da vida que o mestrado me concedeu. Não poderia deixar de citar Cilene com quem dividi angústias e compartilhei ideias para construção da nossa pesquisa.

As minhas colegas de trabalho, em especial a Celeste e a minha chefe Cássia, por todo incentivo. Que Deus abençoe vocês sempre!

Aos pré-vestibulares comunitários por existirem e desenvolverem um papel tão importante na vida de tantas pessoas, e também por terem permitido que eu pudesse desenvolver a pesquisa. Sem vocês não estaria aqui hoje.

À Zélia e Marilzinha que dividiram comigo o sonho de entrar na vida acadêmica, que sempre me incentivaram a voar mais alto. Hoje nós somos pessoas realizadas no que escolhemos.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram nessa trajetória.

Leitura é a chave para se ter um universo de ideias e uma tempestade de palavras.

Pedro Bom Jesus

RESUMO

Esta dissertação visa apresentar os pré-vestibulares comunitários como instrumentos que auxiliam o acesso ao ensino superior de jovens e adultos oriundos da classe popular. O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre as contribuições que o bibliotecário e/ou a biblioteca pública podem oferecer para estimular a leitura de jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários. Trata-se de uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e quantitativa, com objetivos exploratórios. Adotou-se o levantamento bibliográfico como técnica para a construção do referencial teórico e o questionário como instrumento de coleta de dados. Partindo do conceito de diversidade cultural, apresenta uma reflexão sobre “multiculturalismo” e “interculturalismo” existente nesses cenários, tais como: a busca pela emancipação social, de igualdade de oportunidade, sem perder a identidade cultural de cada indivíduo. Traz a concepção de educação como principal instrumento de emancipação social. Apresenta as políticas públicas que dão acesso ao ensino superior adotadas nos últimos anos e seus impactos na sociedade. Traça o perfil leitor de jovens e adultos que frequentam cursos pré-vestibulares na cidade do Rio de Janeiro a partir do entendimento de leitura, da autopercepção dos alunos como leitores, das dificuldades apresentadas para ler e escrever, do uso da internet, do papel das redes sociais e da web no processo de leitura e escrita, da leitura de livros, jornais e revistas no meio físico e digital e, por fim, do uso da biblioteca. Os resultados apontam dificuldades na leitura e na concentração, a pouca familiaridade com o texto escrito, e a necessidade de melhorar a prática leitora desse grupo e, a partir destes, propõe o desenvolvimento de ações que estimulem e contribuam para melhorar a prática leitora desses jovens e adultos.

Palavras-chave: Perfil Leitor. Pré-Vestibular Comunitário. Jovens e Leitura. Biblioteca pública.

ABSTRACT

This dissertation aims to present community preparatory courses for college as instruments to help lower class youth and adults to have access to higher education. The main objective of this work is to reflect on the contributions of librarians and/or the public libraries in stimulating reading amongst young people and adults who attend college preparatory courses. It is an applied research with qualitative and quantitative approach and exploratory objectives. Bibliographical survey was the method chosen for building the theoretical references and the questionnaire was adopted as the instrument for data collection. Starting with the concept of cultural diversity, a reflection on "multiculturalism" and "interculturalism", which can be found in these scenarios, is presented, such as: the pursuit of social emancipation and of equal opportunities, without losing the cultural identity of each individual. It also brings the concept of education as the main instrument of social emancipation and presents the recently adopted public policies that provide access to higher education and its impacts on society. It traces the reading profile of youngsters and adults attending college preparatory courses in the city of Rio de Janeiro, based on the understanding of reading, students' self-perception as readers, their difficulties on reading and writing, internet use, social networks and web roles in the process of reading and writing, reading of books, newspapers and magazines in the physical and digital media and, finally, the use of the library. The results point to difficulties in reading and concentration, a lack of familiarity with the written text, and the need to improve the reading practice of this group. Based on these results, this study proposes the development of actions that will stimulate and contribute to the improvement of reading practice.

Keywords: Reader Profile. Community Preparatory Courses for College. Youth and Reading. Public Library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01	Gráfico da evolução da Escolaridade da População Brasileira (5 anos e mais)	42
Gráfico 02	Bolsas ofertadas pelo Prouni 2005 a 2014	51
Figura 01	Percentual de pessoas que frequentam ou já concluíram a Educação Superior por renda, cor/raça, sexo e região, segundo faixas etárias – Brasil 2011	54
Gráfico 03	Taxa de frequência líquida e bruta no Ensino Superior	54
Gráfico 04	Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940/2010	63
Gráfico 05	Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2014	64
Gráfico 06	Analfabetismo na população de 15 anos ou mais de idade por categorias selecionadas, 2009	64
Gráfico 07	Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões – 2010.....	65
Gráfico 08	Distribuição das pessoas de 15 anos a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino frequentado – Brasil – 2010	66
Gráfico 09	Distribuição das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por nível de instrução, segundo as Grandes Regiões - 3º trimestre de 2016	67
Gráfico 10	Frequência de leitura por tipo de material, independente do suporte	68
Gráfico 11	Hábito de leitura por classes de renda familiar (%)	68
Gráfico 12	Qual é a sua ocupação principal?	81
Gráfico 13	Qual é o seu grau de compreensão de um texto (sendo 1 muito fácil e 5 muito difícil)?	82
Gráfico 14	Marque o seu nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por gosto ou por necessidade	83
Gráfico 15	Para que você acha que lhe serve a leitura?	83
Gráfico 16	Avalie de 1 a 4: você está de acordo ou em desacordo em relação às seguintes afirmativas?	85

Gráfico 17	Quais leituras você realiza por gosto e por necessidade?	86
Gráfico 18	Quais das seguintes limitações ou dificuldades você tem para ler?	86
Gráfico 19	Quais são as principais razões para você não ler com maior frequência? .	87
Gráfico 20	Que pessoas influenciaram você a ler?	88
Gráfico 21	Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato? (Livros)	89
Gráfico 22	Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato? (Jornais)	90
Gráfico 23	Com que frequência você se conecta à Internet?	91
Gráfico 24	Quais são as principais razões para você não usar uma biblioteca?	93
Gráfico 25	O que você escreve e com que frequência faz isso?	94
Gráfico 26	Em que suporte você escreve com maior frequência?	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BPERJ	Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro
BRABCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CERLALC	Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe
COLUNI	Colégio de Aplicação da UFV
EDUCAFRO	Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
EDUCOM	Projeto Educação Comunitária
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FENAPRO	Federação Nacional das Agências de Propagandas
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FLUPP	Festa Literária Internacional das Periferias
FUNDEB	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPL	Instituto Pró-Livro
IPM	Instituto Paulo Montenegro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
OECD	Organization for Economic Cooperation And Development
OLB	Observatório ibero-americano do livro, da leitura e das bibliotecas -
ONU	Organização das Nações Unidas ONU
PCS	Projeto Construindo Saber
PISA	Programa Internacional de Avaliação dos Alunos
PNAD	Programa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE	Plano Nacional de Educação
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGB	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PVC	Pré-Vestibular Comunitário
PVCR	Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha
PVNC	Pré-Vestibular para Negros e Carentes
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SINAE	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	Justificativa.....	20
1.2	Objetivos	22
1.3	Metodologia	22
1.4	Referencial teórico	26
2	O PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO NO RIO DE JANEIRO	30
2.1	O perfil dos alunos do PVC	32
2.2	O multiculturalismo no Brasil	35
2.3	Educação emancipadora	38
3	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR	41
3.1	Políticas públicas	43
3.2	Elementos históricos do ensino superior no Brasil	45
3.3	O Fundo de Financiamento Estudantil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação	49
3.4	Programa Universidade para Todos – PROUNI	50
3.5	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI	52
3.6	Impacto das políticas públicas de acesso ao ensino superior	53
4	LEITOR, LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO	57
4.1	Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL	59
4.2	Jovens e a leitura	61
4.3	A biblioteca pública	70
4.4	O CERLALC e a busca por conhecer as práticas leitoras	72
5	CENÁRIO DOS PRÉ-VESTIBULARES PARTICIPANTES DA PESQUISA	76
5.1	Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes – EDUCAFRO	77
5.2	Projeto Construindo Saber – PCS	78
5.3	Pré-Vestibular Comunitário – EDUCOM	79
6	PERFIL LEITOR: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
7	AÇÕES DE ESTIMULO A LEITURA	96
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	108

ANEXO I	115
ANEXO II	118
APÊNDICE A	119
APÊNDICE B	140
APÊNDICE C	150
APÊNDICE D	151

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 17 anos, o governo federal investiu em políticas públicas de educação voltadas para a ampliação do acesso de jovens ao ensino superior. Exemplos como o Programa Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), o Programa Universidade para Todos (Prouni), entre outros, foram relevantes para mudar o perfil dos alunos nas universidades públicas e privadas por todo o país.

De acordo com os resultados do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), edição 2015¹, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), considerando apenas a nota das provas objetivas das 100 escolas com maior nota média, 97 são da rede privada de ensino. Os resultados indicam também que dentre os 30 melhores alunos aprovados, apenas um foi proveniente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), (COLUNI), escola pública localizada em zona urbana, na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Trata-se de uma escola de nível socioeconômico alto², que se configura como uma instituição diferenciada, se comparada à maioria das escolas públicas do país. Portanto, esse resultado indica que as escolas públicas e seus alunos estão em desvantagem e não disputam as oportunidades em nível de igualdade com alunos da rede privada de ensino.

Cabe ressaltar que o Enem, além de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, desde 2004³ funciona também como mecanismo de seleção, para o ingresso no ensino superior. Para atender essa nova demanda, foram implementadas mudanças no exame, de modo a contribuir para o acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). O Prouni, entre outros programas oferecidos pelo governo federal, se vale do resultado do Enem como critério de seleção.

Dentro desse cenário, os cursos de pré-vestibular comunitários oferecem a oportunidade para jovens e adultos de classe popular para ingressar no ensino superior.

Na cidade do Rio de Janeiro, os pré-vestibulares comunitários se popularizaram na década de 1990, a partir de uma política institucional implementada pela Pontifícia

¹ Endereço eletrônico: http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/resultados-das-escolas-na-edicao-de-2015-do-enem-ja-estao-disponiveis Acessado em 11/01/2017.

² O Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) possibilita, de modo geral, situar o público atendido pela escola em um estrato ou nível social, apontando o padrão de vida referente a cada um de seus estratos. Esse indicador é calculado a partir da escolaridade dos pais, da posse de bens e contratação de serviços pela família dos alunos. Os níveis são classificados em: muito alto; alto; médio alto; médio; médio baixo; baixo e muito baixo.

³ Endereço eletrônico: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem> Acessado em 11/01/2017.

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), cujo objetivo era de assegurar cotas de bolsas integrais a estudantes com o intuito possibilitar que estudantes negros e carentes pudessem ter acesso ao ensino superior.

No entanto, cabe lembrar que, além das escolas, entendidas aqui como espaços formais de educação, as bibliotecas públicas também dão acesso à informação, à leitura e ao conhecimento, e podem ser consideradas um instrumento para a autoformação e para a educação continuada. Portanto, é importante refletir sobre quais ações vêm sendo desenvolvidas por esse tipo de equipamento cultural para atender a essa demanda.

Segundo dados do Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (PISA) de 2015, no que tange ao letramento em leitura no Brasil, o índice manteve a nota obtida em 2012, com dois pontos percentuais a menos, se comparados à avaliação de 2009. Logo, tal resultado gera preocupação para os governantes e educadores.

Partindo do princípio de que grande parte dos estudantes de pré-vestibulares comunitários são oriundos de escolas públicas, onde o nível socioeconômico médio é muito baixo em relação à média estipulada pelo INEP, e encontram-se dentro do conjunto de alunos identificados pelo PISA com dificuldade de leitura, a biblioteca pública pode desenvolver um papel importante no auxílio ao letramento em leitura, por ser também considerado um local de formação e aprendizagem. Portanto, a escola e a biblioteca pública são aqui consideradas como espaços de emancipação social.

O pensamento freiriano entende o ser humano como um indivíduo inacabado e em constante busca de uma identidade na sociedade:

é esse inacabamento que abre todo um debate e toda uma possibilidade de intervenção educativa [...] nas a tomada de consciência não é suficiente. É preciso que ela seja acompanhada de uma ação sobre si mesma e sobre o mundo, essa ação de hominização do mundo, isto é, de intervenção na sociedade e na natureza tentando ultrapassar seu inacabamento (GADOTTI, 1992, p. 155).

A emancipação é entendida como “um processo de autonomia e empoderamento para intervir no mundo, promover ações voltadas ao desenvolvimento do ser humano, ressignificando o conhecimento e se apropriando de entendimentos dialéticos da história” (SILVA, 2013, p. 763).

Nessa direção, as bibliotecas e os bibliotecários possuem o papel de mediador (es) do conhecimento e têm por função familiarizar o público, não apenas com o livro, mas também com a leitura, seja qual for a forma ou meio de transmissão, transformando esse usuário de hoje em um potencial leitor no futuro.

No entanto, aparentemente, os jovens alunos de cursinhos pré-vestibulares comunitários não têm o hábito de frequentar as bibliotecas públicas de sua região, e as bibliotecas, por sua vez, não estão preparadas para atender às demandas de informação e educação desse público. Além disso, não temos dados referentes ao perfil leitor dessa população. Os dados que vêm sendo veiculados na mídia referem-se a pesquisas realizadas por instituições ligadas ao mercado editorial, que têm por objetivo identificar o tipo de leitura da população brasileira para direcionar a produção e comercialização editorial.

Assim, surgem as seguintes questões: Qual o perfil leitor dos jovens que frequentam os cursinhos pré-vestibulares da zona oeste do município do Rio de Janeiro? Esses jovens e adultos têm acesso ou frequentam bibliotecas públicas? Quais contribuições as bibliotecas públicas e os bibliotecários podem oferecer para instrumentalizar os indivíduos que frequentam os cursos de pré-vestibulares comunitários?

Com base nesse cenário, a presente pesquisa pretende identificar o perfil leitor dos jovens e adultos e propor ações de estímulo à leitura junto a esse público.

A pesquisa insere-se na Linha de Pesquisa “Biblioteconomia, Cultura e Sociedade”, do curso de Mestrado Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e integra o projeto de pesquisa “Políticas Culturais voltadas para Bibliotecas Públicas no Brasil”, dentro do grupo de pesquisa “Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática”.

A partir da vivência como aluna de curso pré-vestibular comunitário, esta pesquisa parte da hipótese de que os jovens que frequentam esses cursos não percebem as bibliotecas públicas como uma oportunidade de acesso à informação e ao conhecimento, e que as bibliotecas públicas, por sua vez, por não conhecerem as necessidades de leitura desse público, não oferecem serviços motivadores para o mesmo.

Partindo da premissa de que a leitura é uma ferramenta de inserção social e um direito de todos, e que a biblioteca pública pode ser um instrumento de emancipação, serão apresentadas a seguir as justificativas, os objetivos gerais e específicos, a metodologia e o referencial teórico que irá subsidiar a pesquisa.

1.1 Justificativa

O Brasil é reconhecido por sua grandeza, diversidade e multiculturalidade, e também pelas suas grandes disparidades sociais, educacionais e econômicas. Esse cenário gera demandas por melhoria da qualidade de vida e da condição de acesso aos direitos básicos da população de baixa renda.

A biblioteca pública, que atua diretamente com as comunidades locais, é considerada um dos instrumentos que podem colaborar para a mudança da condição dos jovens de classes populares nesse país. Assim, é determinante que se desenvolvam estudos sobre a realidade e o perfil leitor desses grupos, com o objetivo de oferecer subsídios aos bibliotecários, para que atuem nesses espaços e desenvolvam ações e projetos que ampliem as oportunidades e possibilitem que os jovens e adultos, sem a formação de base adequada, prossigam seus estudos.

Além disso, a experiência como aluna e colaboradora de cursos pré-vestibulares comunitários foi determinante na escolha desse tema, pois naquele momento foi possível vivenciar a problemática que envolve a dificuldade de acesso à informação e à leitura para a autoformação.

A minha formação leitora teve início na sala de leitura da escola. Primeiramente, por meio dos *gibis* e histórias em quadrinhos e, posteriormente, pelo acesso a uma literatura mais abrangente, oferecida pela Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro (BPERJ) e através de empréstimo de amigos que tinham condições de adquirir livros e outros materiais de leitura.

Ao terminar o atual Ensino Médio e tentar ingressar em uma universidade pública, foi possível constatar que o vestibular era uma nova etapa que merecia maior dedicação e mais estudo. Sem condições financeiras para pagar uma universidade particular ou um cursinho preparatório, fui apresentada, por meio de amigos, ao Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC). O curso, além tentar suprir as demandas do vestibular, possuía em sua grade um horário de aula sobre Cultura e Cidadania, cujo objetivo era despertar uma visão crítica para os dilemas sociais e para as políticas públicas.

Com a ajuda dos professores voluntários do pré-vestibular comunitário e de ex-alunos que disponibilizavam algumas horas da semana, foi possível perceber que existem formas de enfrentar as dificuldades relativas ao ensino e aprendizado para ingresso no ensino superior.

Passar no vestibular na primeira tentativa é raridade para boa parte dos alunos do curso, conforme foi possível observar como estudante, principalmente para aqueles que

pleiteiam cursar os mais concorridos como Engenharia, Direito, entre outros. Alguns alunos frequentam as aulas por mais de cinco anos, até ingressar em uma universidade pública. Nos cursinhos, as leituras de textos literários e sobre atualidade são, na maioria das vezes, feitas a partir de livros, revistas, jornais, doadas pelos professores ou voluntários.

Com dois anos de pré-vestibular consegui ingressar no curso de Bacharelado em Biblioteconomia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Após a conclusão do curso, senti a necessidade de retribuir ao pré-vestibular comunitário um pouco do que ele fez por mim.

Assim, iniciei um trabalho como voluntária, para dar aula de redação e interpretação de textos, e pude observar a dificuldade de leitura e compreensão de texto por parte dos alunos, bem como a de escrita e redação.

Tal fato fez com que mudássemos o modelo de aula, passando a preparar e colocar em prática rodas de leitura e discussão de texto, onde os alunos podiam ler de maneira lúdica e, ao mesmo tempo, ter contato com notícias atuais, nas áreas de economia, política, cultura, de cunho nacional e internacional, com o intuito de agregar valor para o resultado final do vestibular. Essa foi uma verdadeira experiência de mediação de informação e leitura.

Durante esta vivência, aliada à formação de bibliotecária, algumas questões foram sendo construídas: Esse tipo de trabalho poderia ser desenvolvido de maneira mais atrativa por bibliotecários ou nas bibliotecas públicas? Será que as bibliotecas públicas percebem esse universo como usuários potenciais? Até que ponto as bibliotecas se aproximam desses grupos sociais?

Dentro desse contexto, este projeto traz a possibilidade de estudar, refletir e propor ações de integração entre as bibliotecas públicas e os cursinhos vestibulares comunitários.

Cabe registrar que a participação no Grupo de Pesquisa "Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática" foi um fator que contribuiu para delimitar o objeto e universo da pesquisa.

1.2 Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir sobre as contribuições que o bibliotecário e/ou a biblioteca pública podem oferecer para estimular a leitura de jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários.

Os objetivos específicos são:

- refletir sobre as condições de leitura e educação de jovens e adultos no país;
- apresentar o perfil do público que frequenta os cursinhos pré-vestibulares comunitários.
- identificar como os jovens e adultos que frequentam cursos pré-vestibulares percebem a biblioteca pública;
- identificar o perfil leitor desses jovens;
- propor práticas de estímulo à leitura para jovens e adultos dos cursos de pré-vestibular comunitários a partir da análise do perfil leitor;

1.3 Metodologia

As opções metodológicas são determinantes para o desenvolvimento, a validação e o sucesso de uma pesquisa, portanto é importante iniciar pela definição de metodologia da pesquisa:

atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993, p. 230).

Acreditando na necessidade de aproximar a prática do conhecimento científico, serão apresentados a seguir os métodos, técnicas e instrumentos definidos para a realização desta pesquisa. O conhecimento científico, por sua vez, é entendido como a

busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação. O método tem, pois, uma função fundamental: além do seu papel instrumental, é a “própria alma do conteúdo”, como dizia Lênin (1965), e significa o próprio “caminho do pensamento”, conforme a expressão de Habermas (1987) (MINAYO, 1993, p. 230).

Dentro desse contexto e, de acordo com Silva e Menezes (2005), do ponto de vista de sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois pretende-se gerar conhecimento sobre a

interação dos pré-vestibulares comunitários e bibliotecas públicas através da aplicação de práticas, com o intuito de contribuir para solução do problema.

Tendo como foco os sujeitos envolvidos no processo (alunos dos pré-vestibulares comunitários), relacionados ao objeto da pesquisa (o perfil do leitor) e ao seu contexto (a relação com a biblioteca pública), optamos pela abordagem metodológica qualitativa e quantitativa.

No que se refere ao levantamento de dados, a partir do conhecimento adquirido através das leituras acerca das metodologias de pesquisa para o campo das Ciências Sociais e Aplicadas, entendemos que o questionário é meio adequado para coleta de dados. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, foi necessário submetê-la ao julgamento do Comitê de Ética da UNIRIO, através da Plataforma Brasil⁴. Esse procedimento ocorreu em janeiro de 2016 e obteve a aprovação em julho de 2016 (Anexo I).

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa pode ser classificada como exploratória, pois visa proporcionar uma proximidade maior com o problema, possibilitando a construção das hipóteses. Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa lançou mão da pesquisa bibliográfica na elaboração do referencial teórico e do levantamento de dados junto aos frequentadores dos cursos pré-vestibulares comunitários, com o fim de identificar o comportamento leitor desse público.

Tendo em vista a necessidade de proceder um recorte no universo da pesquisa, inicialmente elegemos a comunidade da Rocinha, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, como uma amostra para a realização do levantamento de dados. Pretendíamos cruzar dados relativos às ações da Biblioteca Parque da Rocinha, com os referentes ao perfil leitor dos alunos do cursinho pré-vestibular da mesma região. No entanto, em função da crise econômica que se instaurou no estado do Rio de Janeiro, no ano de 2016, onde muitos serviços essenciais para a população deixaram de funcionar, ou passaram a funcionar precariamente, a Biblioteca Parque da Rocinha fechou suas portas em 30 de dezembro de 2016⁵ inviabilizando que essa instituição fizesse parte do universo dessa pesquisa.

Cabe registrar que a crise do governo do estado do Rio de Janeiro se deu num cenário político nacional instável e de golpe político, que teve como ápice o afastamento e posterior destituição do cargo da presidente Dilma Rousseff, e a posse de seu vice-presidente Michel

⁴ <http://www.saude.gov.br/plataformabrasil>

⁵ Não houve nenhum comunicado oficial do governo do estado sobre o fechamento das bibliotecas, o Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) fez uma nota informativa através da rede social da biblioteca Parque da Rocinha. Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/biblioteca.darocinha/> acesso em 13/01/2017.

Temer em 31 de agosto de 2016, o qual passou a implementar uma série de cortes de programas e investimentos nas áreas da saúde, cultura e educação.

Diante desse cenário, foi necessário redimensionar a presente pesquisa e parte da metodologia.

Sendo assim, optamos por dar seguimento à pesquisa na região de Jacarepaguá, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde a pesquisadora cursou, lecionou, possui vínculo afetivo e facilidade de contato com os pré-vestibulares locais. Por tratar-se de uma região muito extensa, com diversos bairros, optamos em aplicar o questionário em três bairros que possuem pré-vestibulares comunitários, sendo eles: Taquara, Rio das Pedras e Gardênia Azul.

Nesse recorte territorial encontram-se os seguintes cursinhos pré-vestibulares: Projeto Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO), unidade localizada no bairro da Taquara; Projeto Construindo Saber (PCS), na comunidade do Rio das Pedras; e o Projeto Educação Comunitária (Educom) no bairro da Gardênia Azul. Os dados referentes ao território e aos cursinhos que compõem o universo dessa pesquisa são apresentados na seção quatro.

Cabe registrar que, apesar de Jacarepaguá possuir uma biblioteca pública mantida pelo município (Biblioteca Popular de Jacarepaguá), a mesma encontra-se localizada em ponto distante dos Pré-vestibulares selecionados para a pesquisa e, por esse motivo, não foi considerada como parte da pesquisa.

A identificação do perfil dos frequentadores dos cursinhos pré-vestibulares selecionados foi obtida a partir de consulta realizada em reuniões presenciais junto aos coordenadores e, também a partir da consulta a páginas da internet. Os resultados referentes a essas etapa encontram-se também na seção quatro.

Visando identificar o perfil leitor desse público, optamos pela aplicação de questionário como instrumento de coleta de dados, que, segundo Laville e Dionne (1999), tem como objetivo obter informação da população que irá responder, assim:

a abordagem mais usual consiste em preparar uma série de perguntas sobre o tema visado, perguntas escolhidas em função da hipótese. Para cada uma dessas perguntas, oferece-se aos interrogados uma opção de respostas, definida a partir dos indicadores, pedindo-lhes que assinalem a que corresponde melhor a sua opinião (LAVILLE e DIONNE, 1999, p.183).

Nesse caso, a estratégia adotada foi a de utilizar o questionário proposta pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe⁶ (CERLALC), no documento

“Metodologia comum para examinar e medir o comportamento leitor: o encontro com o digital”, visto que este instrumento vem sendo aplicado em vários países da América Latina e também em outras investigações realizadas pelos integrantes do projeto “Políticas culturais voltadas para bibliotecas públicas”, do qual esta pesquisa faz parte. Os dados levantados aqui comporão um banco de dados sobre o perfil leitor de jovens e adultos da cidade do Rio de Janeiro, com vistas à construção de instrumentos e estabelecimento de metodologias que possam ser replicadas em diferentes espaços e junto a diferentes públicos. Cabe lembrar que até o momento as pesquisas realizadas e difundidas sobre a temática vêm sendo lideradas por instituições ligadas ao mercado editorial.

Segundo o CERLALC o objetivo da “Metodologia comum para examinar e medir o comportamento leitor: o encontro com o digital” é:

identificar o papel dos diversos atores sociais e contextos nos processos de adoção de comportamentos e de evolução das práticas, assim como entender a trama de fatores sociais, culturais e econômicos que interagem com as motivações pessoais e com os traços identitários coletivos para configurar os comportamentos de consumo cultural.

No entanto, para atender aos objetivos dessa investigação foi feita uma adaptação do instrumento proposto, retirando e/ou modificando algumas perguntas (Apêndice A), uma vez que a proposta do CERLALC deve ser entendida como um conjunto de recomendações a serem adaptadas às condições específicas dos países.

Em julho de 2016, foi realizado um piloto da aplicação do questionário junto a 30 alunos do EDUCOM, com o objetivo de testar sua viabilidade. Naquele momento a pesquisadora distribuiu os formulários impressos, explicou o objetivo da pesquisa e estabeleceu um prazo para a devolução.

Desses, apenas 8 alunos responderam e levaram mais de 15 dias para devolver. Ao serem questionados sobre o que acharam, todos disseram que o questionário era muito extenso. Relataram dificuldade em responder algumas das questões, entretanto as dúvidas foram esclarecidas na hora da entrega. Os que não responderam o questionário disseram ter preguiça em fazê-lo, outros justificaram que não tinham tido tempo, mas comprometeram-se a entregar futuramente, o que não ocorreu. As maiores dificuldades apontadas foram com as perguntas relacionadas a outras e que, dependendo da resposta, permitiriam pular para outra parte do questionário.

A partir da amostra de dados coletada para teste, observou-se que o questionário precisava ser mais uma vez ajustado, e que a metodologia de abordagem e aplicação deveria ser modificada. Dessa forma, o questionário ficou estruturado em 8 partes, contendo 56

questões, e com o tempo médio de resposta de 25 minutos, como pode ser observado no apêndice B.

Como estratégia, para que fossem feitos os esclarecimentos necessários, optou-se pela presença da pesquisadora no momento da aplicação.

O contato com as instituições selecionadas foi realizado por e-mail, com uma carta de apresentação, solicitando a autorização para realizar a pesquisa, junto aos alunos. (Apêndice C).

Após a concordância da equipe responsável foi possível realizar o agendamento da atividade, definindo dia e horário.

A aplicação foi realizada em sala de aula, nos dias 10 de fevereiro de 2017 no PCS, 20 de fevereiro de 2017 no Projeto EDUCOM e no dia 26 de março de 2017 no EDUCAFRO.

Antes de iniciar a aplicação do questionário, foi realizada a apresentação da pesquisadora, da pesquisa e de seus objetivos (Apêndice D).

Terminada a etapa de aplicação, os dados coletados foram inseridos manualmente, um a um, numa planilha do *Google Docs*, com o objetivo de armazenar e sistematizar os resultados. O programa gera gráficos automaticamente a partir de cada resposta inserida, o que facilitou o processo de organização da informação para que a análise dos dados fosse realizada.

1.4 Referencial teórico

A pesquisa bibliográfica foi realizada inicialmente em fontes primárias e secundárias, recuperadas nas três principais bases de dados *online* da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. São elas: a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRABCI), o repositório (BENANCIB), no qual estão disponíveis os trabalhos e palestras do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIBs) e, por último, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Foi estabelecido um recorte temporal para a pesquisa que compreendia o período de 2000 a 2015.

A busca foi realizada a partir dos cinco principais termos relacionados a esta pesquisa: biblioteca pública, educação emancipadora, pré-vestibular comunitário, leitura e escrita. Elencamos os sinônimos dos termos para obter um maior retorno e usando o operador booleano *and* com o objetivo de recuperar os termos casados. Neste processo, não foi

realizada a pesquisa utilizando aspas, pois o objetivo era observar como os termos apareciam nas bases de dados, independente da área de conhecimento.

Com o termo biblioteca pública na busca realizada nas bases de dados, foram recuperados na BRABCI 695 documentos, na BNANCIB 2219 e na BDTD/IBICT 1266 teses e dissertações. Os resultados mostram que a biblioteca pública é um campo de pesquisa atual e relevante para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Educação emancipadora é o termo adotado por Paulo Freire para definir uma educação como instrumento de mudança social e de participação ativa na vida social. O termo faz parte do referencial teórico dessa pesquisa. Quando pesquisado, foram recuperados dois artigos de revista na BRABCI, nenhum documento na BNANCIB, e 96 teses e dissertações na BDTD/IBICT, mostrando que o tema ainda é pouco explorado pela área da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Pesquisando o termo Pré-Vestibular Comunitário na BRABCI, não foi recuperado nenhum documento; já na BNANCIB, retornaram apenas três documentos, e na BDTD/IBICT, 16 dissertações e 05 teses. Com os sinônimos (Pré-vestibular para Negro, Pré-vestibular para Carente, Curso Comunitário, Pré-vestibular Público, Pré-vestibular Popular e educação popular), observamos que obtiveram maiores resultados para os seguintes assuntos: Curso Comunitário, Pré-vestibular Público, Pré-vestibular Popular. Pesquisou-se também o termo composto Pré-Vestibular Comunitário e Pré-vestibular para Negros e Carentes, porém o retorno não foi significativo.

O termo Pré-Vestibular Comunitário será o adotado, já que ele é o mais abrangente e significativo para identificar esse tipo de ação, embora não seja o mais recorrente no levantamento bibliográfico realizado nessa pesquisa.

Cabe ressaltar que no momento da pesquisa foi utilizada a busca termo a termo, e em seguida o operador booleano *or* (ou), na tentativa recuperar o maior número de artigos, teses e dissertações que tratassem sobre o termo pesquisado e seus sinônimos.

Para combinar os termos da pesquisa foi feito uso do operador booleano *and* (e), que tem a finalidade de combinar diversas palavras-chave, para que elas correspondam, simultaneamente, ao objeto da pesquisa. Devido à especificidade do tema não foi feito um recorte temporal no levantamento bibliográfico.

Assim, utilizando o operador booleano *and*, o resultado para Pré-Vestibular Comunitário e Biblioteca Pública foi de apenas uma tese de doutorado na BDTD. Para leitura e escrita, foram recuperadas 24 teses e dissertações, e quando cruzados os termos leitura e escrita, com o termo Biblioteca Pública, foram recuperadas 27 teses e dissertações na BDTD.

A opção de fazer o levantamento bibliográfico em bases de dados de Biblioteconomia e Ciência da Informação, deu-se pelo fato de considerar necessário conhecer como o campo vem tratando essa temática. O resultado desse levantamento apontou que o estudo sobre o acesso ao ensino superior, de jovens e adultos da classe popular no Brasil, ainda que tenha relevância, é pouco explorado no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Todo o material foi reunido e, a partir da leitura dos resumos, foram selecionados documentos que, associados ao referencial apresentado nas disciplinas cursadas durante o mestrado, subsidiará a construção do referencial teórico desta pesquisa.

Para apresentação do cenário da pesquisa, utilizamos como pilar a Carta de Princípios do PVNC (1999) e a dissertação de Alexandre Nascimento (1999), um dos fundadores do PVNC.

Quanto à composição dos grupos sociais que vivem em comunidades e sua diversidade cultural, tomamos por base autores que trabalham a questão do multiculturalismo, interculturalismo e pluralidade cultural. Estes termos serão refletidos ao longo da dissertação, na tentativa de entender como são compostos esses grupos sociais. Destaque na pesquisa para os autores Stuart Hall (2011, 2013), Reinaldo Matias Fleuri (2003), Boaventura de Souza Santos e João Arriscado Nunes (2003).

A concepção de educação emancipadora, bem com o entendimento de emancipação social, é baseada nas ideias de Paulo Freire (1970, 1975, 1976, 1983).

A abordagem sobre as políticas públicas foi pautada no pensamento de Leonardo Secchi (2013) e foi realizado um levantamento das políticas públicas desenvolvidas nos últimos anos, com o intuito de contemplar esse grupo social.

Maria Helena Martins (1986) , Ângela B. Kleiman (1995), , Leda Vardiani Tfouni (1995), Alberto Manguel (1997) e Magda Soares (1999) são autores que abordam a temática de leitor, leitura e letramento.

Como a pesquisa tem por objetivo analisar o perfil do leitor dos alunos dos pré-vestibulares comunitários, não podemos deixar de citar a literatura acerca das condições e das relações estabelecidas pelos jovens na sociedade atual. Nesse sentido, vale citar Márcia Wada (2004), Michèle Petit (2008), Émile Faguet (2009), Rildo Cosson (2014) e Jane Paiva (2007; 2010, 2011, 2013).

Compreender a biblioteca pública também é determinante nesse cenário, para tanto, lançamos mão dos estudos e reflexões de Emir Suaiden (2000); Elisa Machado (2010); Oswaldo Francisco Almeida Junior (1995, 1997, 2008); Elisa Machado, Alberto Calil e Daniele Achilles (2014) e Alessandro Rasteli (2013, 2014, 2016).

Baseados nos autores acima citados, ao longo do trabalho serão apresentadas reflexões sobre a educação emancipadora dos pré-vestibulares comunitários, sobre a diversidade cultural que permeia esses grupos e a relação dos jovens com a leitura, bem como, o papel da biblioteca pública, que pode auxiliar esses alunos dos pré-vestibulares comunitários. Em seguida, as reflexões se darão a partir das políticas públicas voltadas para o acesso ao ensino superior no Brasil, finalizando com a análise do questionário aplicado nos pré-vestibulares comunitários, identificando o perfil leitor desse grupo e apresentando uma proposta de atuação do bibliotecário nestes espaços.

2 O PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO NO RIO DE JANEIRO

“Tu me dizes, eu esqueço. Tu me ensinas, eu lembro. Tu me envolves, eu aprendo.”

Benjamim Franklin

Embora não seja nosso propósito um estudo aprofundado a respeito do pré-vestibular comunitário, discutir esse tipo de iniciativa é necessário para entender o grupo de jovens e adultos que fazem parte do universo dessa pesquisa.

No cenário político da década de 1980, identificada como a época da redemocratização no Brasil, após um longo período de ditadura, emergiram ações coletivas para as mais variadas lutas, entre elas a educação para trabalhadores. Na década de 1990 esse movimento ganhou força e tornou o Estado do Rio de Janeiro arena de uma nova forma de organização, mobilização e articulação voltada para o acesso ao ensino superior, direcionados aos estudantes de classes populares e de grupos sociais discriminados: os Cursos Pré-Vestibulares Comunitários (NASCIMENTO, 1999).

O curso denominado inicialmente como “Pré-Vestibular para Negros e Carentes” (PVNC) foi iniciado em 1993, em São João do Meriti, na Baixada Fluminense. Organizado pela sociedade civil e formado por um grupo de moradores e professores voluntários foi concebido e organizado por David Raimundo dos Santos (conhecido por Frei David), Alexandre do Nascimento, Antonio Dourado e Luciano de Santana Dias (CARTA DE PRINCÍPIOS, 1998).

O movimento traz em sua luta o debate sobre as questões de:

desigualdades educacionais entre brancos e negros, ou seja, para os fundadores deste curso a população pobre é praticamente excluída do acesso ao ensino superior por causa da baixa qualidade de ensino destinada aos grupos populares, especificamente na baixada fluminense, seja ensino público ou particular. A situação é mais grave para os estudantes negros, pois o preconceito e a discriminação racial os colocam em situação de desvantagem, de pobreza, e de exclusão social (NASCIMENTO, 1999, p. 70-71).

Trata-se de um movimento laico, apartidário e sem fins lucrativos, cujo objetivo é de capacitar e dar oportunidade de acesso ao ensino superior, para estudantes economicamente desfavorecidos e excluídos socialmente, procurando desenvolver um trabalho direcionado para um plano de educação conscientizadora e inclusiva.

O PVNC atua através de práticas que não se resumem apenas ao ensino de conteúdos para o vestibular. Direciona também suas ações para um questionamento da instituição educativa, e para romper as barreiras de parcelas desfavorecidas da população no acesso ao

ensino formal, especificamente ao Ensino Superior. Tais ações acontecem através das aulas de cultura e cidadania cujo objetivo é:

realizar um amplo debate social-histórico, no sentido de potencializar as ações políticas e culturais dos educandos e educadores do PVNC. a partir/para valores humanitários e socialistas (solidariedade, igualdade e respeito aos seres humanos) e na perspectiva de desenvolver um trabalho de conscientização e formação de militância para as lutas populares por democracia e justiça social (CARTA DE PRINCÍPIOS, 1998, p. 13).

Logo outros movimentos sociais com a mesma finalidade e objetivos foram surgindo ao longo dos anos, como o EDUCAFRO (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), oriundo do PVNC, entre outros.

A partir de 2005-2006, por meio da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que institucionalizava o Prouni, o Enem passa a ser um dos principais meios para acesso à universidade em nível nacional, elevando às classes populares as possibilidades de acesso ao ensino superior, essa passa a ser o grande diferencial dessas políticas.

Das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro, apenas o vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) não é contemplado, ficando o processo seletivo realizado pela própria instituição⁷.

Logo, o Enem passa a ser um meio de se obter dados sobre a situação educacional nacional, mas o ingresso ao ensino superior continua sendo da classe média alta, traduzindo a realidade da educação no Brasil. Os resultados do Enem 2015 comprovam tal observação, uma vez que as notas mais altas são da rede privada, de alunos de nível socioeconômico muito alto/alto e onde o porte das escolas é de turmas pequenas⁸.

A necessidade de se preparar para uma competição, onde a oportunidade de ensino/aprendizado não é igualitária, fez com que surgissem diversos outros pré-vestibulares comunitários, com nomes similares, mas com a mesma ideologia: a de dar mais oportunidades para a classe popular no acesso ao ensino superior.

Uma vez apresentado o cenário onde a pesquisa foi realizada, faz-se necessário compreender a composição desse grupo de pessoas que fazem parte desse movimento social, o que será feito a seguir.

⁷ Mesmo não tendo integrado o seu processo seletivo do vestibular ao Enem, a Uerj cumpri a Lei nº 5346, de 11 de dezembro de 2008, que institui por 10 anos reservas de vagas, desde que comprovado a carência, para estudantes: negros; indígenas; alunos da rede pública de ensino; pessoas portadoras de deficiência, nos termos da legislação em vigor e; filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço.

⁸ Endereço Eletrônico: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem-por-escola> acesso em 11/01/2017

2.1 O perfil dos alunos do PVC

A cultura brasileira é marcada pela colonização portuguesa em uma terra antes habitada por uma diversidade de povos indígenas e, mais tarde, povoada também por escravos que chegaram ao Brasil vindos de diversos países do continente africano, através do tráfico transatlântico. Após libertação dos escravos, esses livres, mas sem ter para onde ir, o que comer e vestir, passaram a viver “à margem” da sociedade, pleiteando trabalhos assalariados para seu mínimo sustento. Além disso, a vinda de imigrantes de diversos países europeus nos permite dizer que o Brasil transformou-se em um celeiro cultural e que essa mistura tornou possível a formação da população brasileira.

Nesse sentido, os grupos que compõem alunos dos cursos pré-vestibulares comunitários no país está intimamente ligada a esse processo de formação do povo brasileiro, que vivem à margem da sociedade, denominados por Freire (1985) como grupos que formam a classe popular, os oprimidos.

Nesse aspecto, torna-se importante atentar para o fato de que, nesta diversidade cultural, não se excluem tensões e disputas de poder. Na maioria dos casos, a cultura do colonizador prevaleceu, o que fica evidenciado na definição do português como língua oficial e do catolicismo como religião oficial até 1890, quando o Brasil tornou-se um país laico.

O processo de ocupação e o desenvolvimento de um território de grande extensão possibilitaram a formação de um complexo painel multicultural no país.

Outro fato importante está ligado ao crescimento urbano de que:

nas décadas de 1940-1950 e seguintes assistiu-se à expansão metropolitana e à formação das periferias. A medida que as favelas esgotavam os espaços disponíveis no interior do tecido urbano, as alternativas para a população de baixa renda limitavam-se às periferias cada vez mais distantes, onde se multiplicaram os loteamentos populares (VAZ, 1998).

Esses grupos, moradores da periferia que compõem a classe popular, lutam por melhoria de suas condições de vida e reconhecimento da sua cultura. Em sua maioria, são marginalizados e buscam a garantia de seus direitos e o reconhecimento de seu espaço na sociedade.

A identidade pode ser entendida como conjunto de característica e traços que tornam o indivíduo único, logo a identidade marca a diferença entre cada pessoa ou grupo. Ciampa (1987) defende a ideia de que a identidade vive em constante transformação, sendo o resultado provisório entre a história de cada um, seu contexto histórico-social e seus projetos.

A identidade social “se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social vinculado a uma classe” sejam elas: classe sexual, de idade, social, a uma nação, etc. Através da identidade o indivíduo pode se localizar em um sistema social e seja localizado socialmente (BERLATTO, 2009, p. 142).

À expressão "multiculturalismo" é designada o entendimento da “coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades ‘modernas’”. O termo ainda pode ser associado a projetos e conteúdos emancipatórios e contra hegemônicos, uma vez que ele é baseado em lutas pelo reconhecimento da diferença (SANTOS; NUNES, 2003). Assim,

A ideia de movimento, de articulação de diferenças, de emergência de configurações culturais baseadas em contribuições de experiências e de histórias distintas tem levado a explorar as possibilidades emancipatórias do multiculturalismo, alimentando os debates e iniciativas sobre novas definições de direitos, de identidades, de justiça e de cidadania. (SANTOS; NUNES, 2003, p. 33).

A partir do entendimento de identidade e multiculturalismo, podemos deduzir que ambos são elementos importantes para os movimentos sociais, para analisar as relações políticas e compreender o processo de exclusão social e de construção de alternativas mais democráticas.

Os alunos dos pré-vestibulares comunitários, em sua maioria, são oriundos das escolas públicas e também são estudantes que necessitam entrar no mercado de trabalho para prover o sustento de sua família. Esses fatos combinados já mostram um cenário de desigualdade de disputa de uma vaga no ensino superior quando comparados aos estudantes que se dedicam apenas aos estudos e estudam em bons colégios da rede privada de ensino no Brasil.

Os resultados do Enem edição 2015, INEP, mostram claramente que os alunos oriundos das escolas públicas não concorrem com igualdade com os alunos das escolas privadas. As 10 escolas públicas mais bem colocadas são de nível socioeconômico muito alto, como são os colégios militares, federais ou escolas técnicas estaduais.

O artigo 5º da Constituição Federal de 1988, diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. A partir da análise dessa afirmativa, podemos entender que todos que vivem no Brasil têm os mesmos direitos, gozam das mesmas liberdades e oportunidades. No entanto, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as oportunidades não são igualitárias, tendo profundas desigualdades entre: ricos

e pobres, cor/raça, mulheres e homens, etc⁹. A realidade social mostra que as relações sociais são mantidas através de exclusão ou inclusão precária.

Mesmo sem ter o conhecimento aprofundado sobre o conceito de exclusão, é possível associar a palavra com a ideia de solidão, rejeição, marginalização, humilhação dentre outros tantos termos que podem ser citados para defini-la. No entendimento de Silva (2017, p. 47) “Os que sofrem o impacto da exclusão são os excluídos, uns mais e outros menos, dependendo do que estão sendo ou foram apartados, ou que deixaram de ter acesso, bem como, da necessidade deste algo para cada um desses indivíduos”.

Nesse sentido, suas causas podem ser compreendidas pelo processo de crescimento urbano rápido e desordenado, desigualdade de renda, dificuldade de acesso aos serviços essenciais tais como saúde e educação e também pela falta de integração ao sistema de ensino (SAWAIA, 2007).

Mesmo sendo um tema da atualidade, exclusão é uma expressão pouco precisa e dúbia do ponto de vista ideológico e tem caráter ambíguo, o que tem levado muitos pesquisadores a propor sua substituição por outros mais precisos (SAWAIA, 2007, p.7). Nesse sentido, é a partir do pensamento de Martins, J. (1997) que entendemos o sentido da inclusão precária. Para o autor não existe exclusão e sim “a inclusão daqueles que estão sendo alcançados pela nova desigualdade social produzida pelas grandes transformações econômicas e para os quais não há senão na sociedade, lugares residuais” (MARTINS, J., 1997, p. 26).

Partindo dessas premissas, os pré-vestibulares comunitários, surgem com o objetivo de combater essa inclusão precária. Nessa linha de raciocínio eles podem ser considerados um meio para emancipação social de jovens da periferia, entendendo emancipação como a combinação entre liberdade e igualdade

⁹ Informação disponível em:

http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/apresentacao_efa_29012014.pdf

2.2 O multiculturalismo no Brasil

No Brasil, mesmo sendo uma sociedade formada por povos de diferentes culturas (europeus, indígenas e africanos), não é incomum que uma grande parcela da população pense e aja, de acordo com os padrões dos nossos colonizadores. Os valores são profundamente marcados pela influência do eurocentrismo¹⁰. Não é difícil perceber nos pensamentos e posicionamentos dominantes a preponderância das culturas europeias.

O termo multiculturalismo ou interculturalismo tentam expressar essa pluralidade cultural. Mesmo sendo utilizado por alguns pensadores como sinônimos ou traduzidos como iguais, “esta diversidade terminológica, aparentemente banal, reflete posicionamentos fortemente diferenciados” (SANTOS, 1997 p.10).

O multiculturalismo traz com siglo a ideia de reconhecimento da existência de uma sociedade plural e a necessidade de se respeitar as diferenças e individualidade de cada um, mas visando a igualdade perante a lei, relativa aos direitos e deveres, seja na empresa, na biblioteca ou nas escolas para que não haja conflitos. Já o termo interculturalismo carrega uma ideia mais progressista em relação à questão da diferença. Uma vez que o prefixo “inter” “favorece o sentido de interação, troca, descerramento, reciprocidade e solidariedade que deve existir entre as diferentes culturas” (SANTOS, 1997, p.10).

Santos e Nunes (2003) ressaltam que os termos multiculturalismo, justiça multicultural, direitos coletivos, cidadanias plurais são termos sinônimos e recentes que tentam representar a diversidade cultural. O termo ainda não é preciso, mas pode-se afirmar que multiculturalismo tornou-se um modo de descrever as diferenças culturais em um contexto transnacional e global.

Para compreender o significado do termo multiculturalismo ou interculturalismo, é importante refletir sobre o que se entende por cultura nos tempos atuais. Para Santos e Nunes (2003 p. 3), a ideia de cultura comumente empregada está associada ao domínio do saber, eles definem cultura como “repositório do que de melhor foi pensado e produzido pela humanidade”.

Cultura é entendida por Chauí (2006, p.113) como “a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, social, religiosa, intelectual e artística”.

Forquin (1993, p. 11) amplia este conceito ao considerar como cultura:

¹⁰ Entende-se eurocentrismo como algo que coloca a cultura Europeia como a mais importante e avançada do mundo.

O conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os aspectos que se podem considerar como os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais 'inconfessáveis'.

O sentido dado à cultura por Chauí (2006) e Forquin (1993) também é defendido por Mattellart (2004), quando nos informa que podemos qualificar a emergência dos estudos culturais como a de um paradigma, de um questionamento teórico coerente, por considerar a cultura em sentido mais amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender que a cultura de um grupo e, inicialmente, a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder.

Neste sentido, enriquece o diálogo apresentar a conceituação de cultura e identidade cultural defendido por Hall (2003, p. 43) em que cultura é uma produção, tendo em sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo” que depende de um conhecimento da tradição, enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Já identidade cultural é esse “desvio através de seus passados” que faz com que nos capacitamos através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, identidade cultural não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições.

Hall (2003) afirma que, paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de tornar-se.

Embora não haja consenso sobre os conceitos de diversidade cultural, o Manifesto da IFLA/UNESCO por uma biblioteca multicultural (2006, p.1) define as expressões "Diversidade Cultural" ou "Cultura" como “a coexistência e interação de diferentes culturas” e parte do entendimento que a soma do termo "Cultura" com o termo *Multi* que vem do latim *multus* e significa: múltiplo e numeroso pode levar à compreensão que multiculturalismo significa a soma de diversas culturas. Para IFLA/UNESCO (2006) a cultura é:

O conjunto de traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais da sociedade ou um grupo social harmonioso, e que abrange, para além da arte e na literatura; estilos de vida, formas de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças. (IFLA/UNESCO (2006, p.1, tradução nossa).

Ainda em Santos e Nunes (2003, p. 3) a expressão multiculturalismo é usada para designar a “coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades modernas”. Ressaltam que o termo é utilizado para descrever

as diferenças culturais num contexto que vai além das fronteiras nacionais, englobando mais de uma nação, ou seja, transnacional e global.

Logo, adotamos o termo “multiculturalismo” para representar o grupo pesquisado, já que os movimentos que formam os pré-vestibulares comunitários buscam de reconhecimento da existência de uma sociedade diversificada; a necessidade de se respeitar as diferenças e individualidade e busca a igualdade perante a lei, relativa aos direitos e deveres de cada indivíduo na sociedade.

De acordo com informações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2014) podemos refletir que:

Os indivíduos tendem a sentir-se mais vulneráveis quando dispõem de poucas opções e menos certezas. [...], os trabalhadores analfabetos e não qualificados são mais vulneráveis do que as pessoas com mais educação, pois possuem menos opções de trabalho. As famílias profundamente endividadas tendem a ser mais vulneráveis à exploração e menos capazes de se proteger na adversidade.

Analisando o pensamento exposto à cima, podemos concluir que a educação é uma ferramenta importante para instrumentalização dos indivíduos e contribui de forma direta para emancipação social desse grupo mais vulnerável.

Ainda refletindo sobre a vulnerabilidade do indivíduo que vivem em situação de desvantagem social, a pobreza pode ser observada diretamente, já a vulnerabilidade não é vista de forma tão real, ela é uma medida do que pode acontecer no futuro. Um estudo realizado na Etiópia, onde foi analisado o impacto e as possíveis interações em domínios como a saúde, a educação e o consumo entre os pobres, concluiu que:

As pessoas afetadas tanto pela subnutrição crônica com pelo analfabetismo são mais vulneráveis à pobreza e apresentam maior probabilidade de permanecer por mais tempo em situação de pobreza profunda (RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2014, p. 28).

Enfrentar o analfabetismo através das práticas de leitura, investindo em educação e garantindo a qualidade do ensino pode ser medida eficiente de combate à pobreza do país.

A partir das reflexões acima, podemos concluir que o multiculturalismo propõe o reconhecimento da existência da sociedade plural e a necessidade de se respeitar as diferenças para que tal pluralidade não provoque conflitos.

No campo educacional, a ideia de multiculturalismo colabora para que se tenha maior visibilidade para questões referentes à diversidade cultural, racial, a desigualdade social, e as relações de poder que são estabelecidas uma vez que:

A própria educação, em particular a escola, tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados; mundo ocidental x mundo oriental; saber formal escolar x saber informal cotidiano; cultura

nacional oficial x culturas locais etc.), contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas (FLEURI, 2003, p.18).

Toda essa explanação torna-se importante para entender o cenário analisado nessa pesquisa. Os grupos que vivem em comunidades representam a diversidade cultural e têm buscado a ascensão e o reconhecimento social através da educação. O ensino superior pode ser considerado uma das etapas mais importantes, pois através da educação superior é possível almejar salários maiores e oportunidades de melhoria de vida.

A educação é um dos principais instrumentos para emancipação social do indivíduo, assim, a subseção a seguir apresentará uma explanação acerca da educação emancipadora, seus idealizadores e como a leitura é um meio importante de alcançá-la.

2.3 Educação Emancipadora

Para Anísio Teixeira (1957), a ciência da Educação é “como ciência autônoma, não existe nem poderá existir”¹¹. Ele compreende educação como prática que busca subsídios em outras áreas, destacando-se a psicologia, a antropologia e a sociologia.

Freire (1985, p. 27-28) ressalta que é impossível refletir sobre educação sem analisar o homem, esse ser inacabado e, por isso, precisa educar-se, “não haveria educação se o homem fosse acabado”. A educação é a busca permanente de “si mesmo” e ela não pode ser feita de forma exclusiva na individualidade.

Como seres inacabados, que devem ser educados para viver em sociedade, a educação é iniciada pela família, onde aprendemos os limites e o respeito ao próximo, para em seguida ter continuidade através da escolarização que se torna um meio capaz de desenvolver nos indivíduos sua potencialidade, ao permitir “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, como previsto no artigo 205 da Constituição Brasileira de 1988. Porém grupos de classes populares sofrem grande dificuldade para ter acesso a essa etapa.

Zitkoski, J (2008, p. 215-216) defende o pensamento freiniano ao dizer que:

Nesse sentido, Freire fundamenta a esperança de humanização a partir da transcendência de uma natureza que se constrói a si mesma em um processo sempre aberto para transpor as barreiras que atrofiam nosso potencial e/o vocação para o ser mais. O papel da educação libertadora é potencializar esse dinamismo da natureza

¹¹ Texto completo disponível em <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/ciencia.html>

humana e cultivar a dialética ação-reflexão na busca de conscientização histórica de um nível mais elevado de humanização do mundo.

A cultura tem um papel importante no processo educacional e, como vimos na primeira seção, a sociedade brasileira é composta de uma diversidade cultural ímpar, seja por questões de diferença de classe social ou cor de pele, o que traz dificuldade de atender a todos de maneira igualitária, mesmo com todas as políticas que visam à igualdade, vivemos numa sociedade contraditória, de extremos entre a riqueza e a pobreza, em que as classes populares encontram maiores dificuldade de emergir socialmente.

As classes populares, definidas pelo pensamento freiriano como detentoras de um saber, não valorizadas e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, mesmo apresentando a necessidade de construir uma educação a partir do conhecimento do seu povo, buscam na educação formal um meio de emancipação social.

Ainda em Freire (1975, p. 165), observa-se que as relações de poder entre oprimido e opressor têm o intuito de dividir e, ao mesmo tempo, manter divididas tornam-se condições imprescindíveis para a continuidade do poder.

Nesse sentido, ainda que se fale num modelo de educação com políticas sociais que visem a qualidade da educação, Paiva (2009, p. 85) destaca que essas políticas são voltadas para atender ao mercado, mesmo quando:

este modelo defende princípios de uma educação libertadora. Sujeitos – participantes ou não de lutas populares, que incluem as lutas por educação de qualidade são atravessados por diversas concepções de *qualidade* – explicitadas ou não nos discursos, nas formas de organização e nas relações entre os segmentos da escola.

As iniciativas adotadas pelo governo com o intuito de modificar essa relação entre opressor e oprimido, ou seja, uma busca de melhoria social através de acordos e metas estipuladas pelo governo e assinados junto à Organização das Nações Unidas (ONU) na área de Educação no início da década passada, auxiliaram o surgimento das políticas públicas, visto que o processo de ensino e aprendizado é um meio auxiliar importante na transformação e modificação da realidade social de grupos populares.

Uma vez que, parte considerável da população brasileira é composta de crianças e jovens¹², logo pensar em Educação de qualidade, é pensar no presente e no futuro do país, uma vez que jovens e adultos iram entrar para o mercado de trabalho e se tornarão

¹² Informação disponível no IBGE, site acessado: <http://vamoscontar.ibge.gov.br/atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/49-piramide-etaria>

profissionais. A educação superior é uma porta para que sejam capacitados para ocupar cargos de relevância, no entanto, o acesso não ocorre de maneira igualitária.

As questões do acesso ao ensino superior desses grupos, que vivem em desvantagem social e também com a qualidade de ensino prejudicada, estão no foco das políticas públicas nos últimos anos e serão analisadas na próxima seção.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Métodos estruturais e políticas públicas quando bem empregadas, determinam o equilíbrio na orla educacional dum país.

Erasmus Shallkyyton

A Constituição Brasileira de 1988 reconheceu a Educação e a Cultura como direitos sociais de todos. Afirma que é competência da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios proporcionar os meios de acesso, dentre outros, à Educação. Em seu Art. 205 afirma que a educação é um “dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A constituição ainda prevê o direito a igualdade.

Com base na Constituição, a questão da garantia de acesso à universidade para jovens e adultos de classe popular configura-se como um problema público e entrou para agenda política do governo federal, o que levou à construção de políticas públicas voltadas para emancipação social das classes populares em diferentes segmentos. No entanto, a ideia de reparar a desigualdade sofrida por esses grupos são trazidas por Lima (2010) ao salientar que as políticas públicas que se apresentam por meio de programas e projetos são implementadas como uma forma de “reparar” a desigualdade e as injustiças sofridas por grupos das classes populares, a exemplo do programa de cotas para negros, indígenas e pessoas com renda de até três salários mínimos, que dá acesso ao ensino superior, assim como as leis de combate ao racismo.

Sanar essa carência significa garantir maior acesso a um trabalho digno e condições melhores de vida, o que, além disso, influencia diretamente no desenvolvimento dos países, através da qualificação de profissionais e difusão do conhecimento.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), baseado no Censo da Educação Superior 2013, grupos da cor/raça negra, amarela, parda e indígena estão em minoria quanto ao acesso ao ensino superior em relação aos brancos.

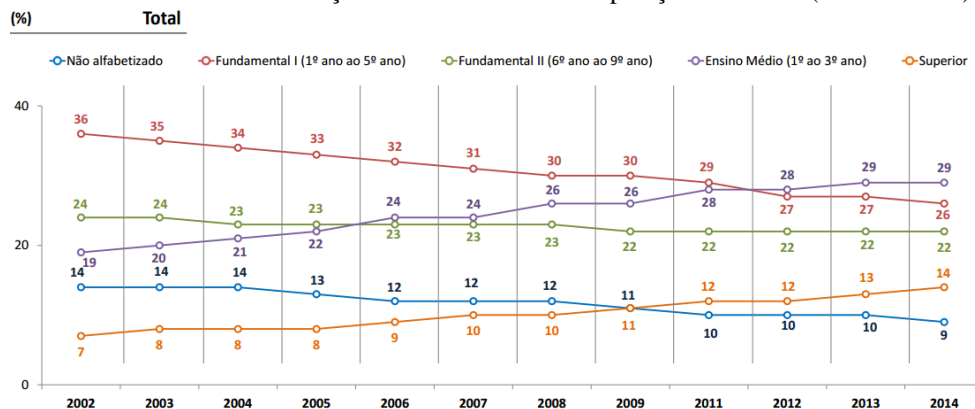
Este grupo já representa quase a metade da população brasileira, segundo o Censo 2010, 43,1% da população brasileira declarou-se parda. Ainda segundo o censo, 7,6% dos entrevistados declararam-se pretos.

No entanto, os dados do Censo da Educação Superior de 2013 mostram que a população branca e a amarela são maioria predominante no acesso ao ensino superior, representando, quando comparado por faixa etária, mais de 50% da população que frequenta ou já frequentou a universidade.

Há grupos desfavorecidos socialmente, pelo baixo índice de aprendizagem na educação básica, devido à política de progressão continuada ou aprovação automática, que durante anos foi adotado em alguns Estados do Brasil, como por exemplo, no Rio de Janeiro¹³. Esses estudantes acumularam dificuldades de ensino e aprendizagem para as etapas escolares futuras como o ensino médio. Dessa forma, a formação escolar não dá subsídio suficiente para formação de estudantes capazes de concorrer a uma vaga no ensino superior de maneira igualitária e justa.

Na tentativa de oferecer uma oportunidade de emancipação social para esses estudantes, algumas políticas públicas foram implantadas nas últimas décadas. O gráfico 09 apresenta a evolução da escolaridade da população brasileira, destacando para essa pesquisa o acesso ao ensino superior que dobrou passando de 7% para 14%, um crescimento considerável para os últimos 12 anos, mas ainda pequeno comparado à real necessidade de ingresso da população. Quando analisamos os grupos que vivem na periferia, que têm menos acesso à educação de base com qualidade, acredita-se que esses números são ainda menores.

Gráfico 01 – Gráfico da evolução da Escolaridade da População Brasileira (5 anos e mais)



¹³ A Resolução 959 de 18 de setembro de 2007 da Secretária Municipal de Educação regulariza a aprovação automática nas escolas municipais do Rio de Janeiro deixando o sistema de avaliação seriada (ano a ano) e adotando em seu lugar ciclos de três anos. Foi retirada a avaliação “insuficiente” dos boletins dos alunos, que passaram a ser avaliados apenas com “muito bom”, “bom” ou “regular”, na prática essa medida garante a aprovação de todos os estudantes. Em 2009 o novo prefeito Eduardo Paes decretou o fim da aprovação automática no município do Rio de Janeiro.

As diferenças sociais surgidas nos séculos passados ainda são sentidas pela sociedade. No campo da Educação, assegurar o direito previsto pela Constituição Federal de 1988 ainda é um desafio, mas as políticas públicas têm sido aliadas na busca pela igualdade social.

3.1 Políticas públicas

Partindo da visão de Secchi (2014) o termo políticas públicas é vinculado ao sentido de regra/regulamento. Trata-se de algo concreto e tem relação com orientações para tomada de decisão. O autor ressalta que uma “política pública possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e a resposta a um problema público” (SECCHI, 2014, p. 2).

Para Secchi (2014) o conceito de política pública é algo abstrato e que necessita de instrumentos para que a possa se materializar. Nesse sentido afirma que:

Políticas públicas tomam forma de programas públicos, projetos, leis, campanhas publicitárias, esclarecimentos políticos, inovações tecnológicas e organizacionais, subsídios governamentais, rotinas administrativas, decisões judiciais, coordenação de ações de uma rede de atores, gasto público direto, contratos formais e informais, com stakeholders, entre outros (SECCHI 2014, p. 11).

Para que as políticas públicas sejam regulamentadas é necessário que o assunto faça parte da agenda política. Como solução de um problema público, o acesso ao ensino superior enquadra-se nesta categoria, pois há necessidade de formação técnico-científica dos brasileiros. Logo, “uma política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público” (SECCH, 2013 p. 2).

São chamados de atores aqueles que estão envolvidos no processo de fazer com que determinado assunto entre na agenda. Esses podem ser estatais, pois têm “influência no processo de elaboração e implantação da política” ou pessoas e grupos interessados na solução de um problema público podendo ser identificados como atores governamentais e não governamentais. Esses atores possuem a capacidade de induzir de forma direta ou indireta, o conteúdo e os resultados de uma política pública (SECCH, 2013).

Barreto (2008, p. 9) afirma que:

No processo de formulação das políticas, há que considerar os termos pelos quais o tema se traduz nos planos, programas ou projetos de governo; os objetivos a que estes se propõem; os dispositivos jurídico-normativos que os regulam; os recursos alocados com vistas à sua execução e as estratégias de implementação delineadas, tendo em conta as culturas institucionais em que são engendrados e as inconsistências porventura existentes em virtude das próprias dificuldades de obtenção de consensos nos processos decisórios envolvidos nessa fase. Nesse percurso, é importante atentar para os recortes, deslizamentos, mudanças de sentido, priorização de certos aspectos, omissão de outros.

As políticas afirmativas¹⁴ podem ser consideradas políticas públicas, uma vez que tornam-se políticas com objetivos de alocar recursos em benefício de grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica. Têm como meta, segundo Cury (2005, p.15):

¹⁴ As políticas afirmativas são baseadas nas ações afirmativas, essas são medidas especiais temporárias tomadas pelo estado com o objetivo de eliminar a desigualdade historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de

Combater todas e quaisquer formas de discriminação que impeçam o acesso a maior igualdade de oportunidades e de condições. Desse modo, as políticas públicas incluídas corrigem as fragilidades de uma universalidade focalizada em todo e cada indivíduo e que, em uma sociedade de classes, apresenta graus consideráveis de desigualdade.

Diante das informações, podemos dizer que o que diz respeito à educação no país tem passado por uma fase importante, pois a questão do acesso ao ensino superior, visando ao crescimento do Brasil tem sido assunto da arena política.

Mas antes de aprofundar nas políticas públicas na área da educação universitária, que ocorreram nos últimos 15 anos, é importante entender o processo histórico de construção do ensino superior no Brasil.

3.2 Elementos históricos do ensino superior no Brasil

O acesso ao ensino superior no Brasil implica uma breve incursão na história da educação superior do país com o intuito de identificar e delimitar alguns pontos importantes que possam ter contribuído direta ou indiretamente para o delineamento da atual configuração das universidades brasileiras.

Aprile e Barone (2008) destacam que o país não teve um modelo próprio de universidade, recorrendo aos exemplos e experiências de países centrais europeus. Desde o seu surgimento, a educação superior no país sempre esteve voltada para famílias da elite social e econômica.

No período do Brasil Colônia, os jovens eram encaminhados por seus pais para estudar nas universidades europeias, dentre elas, destaca-se a universidade de Coimbra em Portugal. Com pouquíssimas exceções, “alguns jovens vindos de famílias menos favorecidas conseguiam frequentar cursos superiores por meio do ingresso na vida religiosa e, portanto, com o apoio da Igreja” (APRILE; BARONE, 2008, p. 42).

Com a chegada da Corte portuguesa, por volta de 1808, registra-se a criação das primeiras escolas de educação superior. Logo em seguida foram criadas as escolas médico-cirúrgicas, tanto no estado da Bahia como no Rio de Janeiro, centradas em cursos e faculdades, não partindo da concepção propriamente de universidade. Esses acontecimentos não mudaram o cenário, não durante os anos subsequentes: os filhos de famílias da elite social

oportunidades e tratamento. Também são meios de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de movimentos raciais, étnicos, religiosos, de gêneros e outros.

e econômica do Brasil tinham fácil acesso ao ensino superior. Não houve mudança no formato do sistema de ensino, mesmo com a independência política em 1822.

Em 1850 houve uma discreta expansão do número de instituições educacionais. A ampliação do ensino superior foi limitada às profissões liberais em poucas instituições públicas, era contida, pois dependia de sua vontade política e da capacidade de investimentos do governo central (MARTINS, A., 2002).

O debate sobre a criação de universidades não se restringia as questões estritamente políticas (grau de controle estatal) como antes, mas surge um novo conceito de universidade com foco nas suas funções sociais, que ganhou destaque na década de 1920. Martins, A. (2002, p.1) destaca que “o projeto elaborado pela elite intelectual laica defendia a universidade pública em oposição ao modelo de instituições isoladas e propunha a institucionalização da pesquisa em seu interior”.

Sampaio (1991, p 11) destaca que:

a universidade idealizada nos anos 20, além de não ter encontrado sua expressão legítima na Reforma Francisco Campos, tampouco refletiu-se na política do governo Vargas ao longo de toda a década de 30. Este período assistiria à criação de dois projetos universitários que teriam continuidade, o da Universidade de São Paulo e o da Universidade do Brasil, e o projeto frustrado da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.

O período de 1931 a 1945 é marcado por uma intensa disputa pelo controle da educação entre lideranças laicas e católicas.

Durante o período de 1945 a 1968 é caracterizado pela luta dos movimentos estudantis. Destacando a ampliação das vagas nas universidades públicas e gratuitas, que estivessem associadas o ensino à pesquisa, com foco para o desenvolvimento do país, Martins, A. (2002, p. 2) ressalta que durante esse período “estava em pauta à discussão sobre a reforma de todo o sistema de ensino, mas em especial a da universidade” uma vez a União Nacional dos Estudantes (UNE), reivindicava a substituição do setor privado, admitindo a permanência das PUC’s, do Rio de Janeiro e de São Paulo (MARTINS, A., 2002; SANTOS e CERQUEIRA, 2009).

Nesse sentido, em 20 de dezembro de 1961 é votada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, que pretendia atender aos anseios dos setores privatistas e conservadores, o que acabou por legitimar e ampliar o sistema existente. A LDB se preocupou basicamente em estabelecer mecanismos de controle da expansão do ensino superior e do conteúdo a ser trabalhado.

A década de 1980 é marcada pela crise econômica e de transição política que culminou, com uma nova Constituição em 1988. No campo educacional, observou-se uma redução progressiva da demanda para o ensino superior, em decorrência da retenção e evasão de alunos do 2º grau, inadequação das universidades às novas exigências do mercado e frustração das expectativas da clientela em potencial. Martins, A. (2002, p. 03) destaca que na década de 1990:

A proporção de jovens entre 20 e 24 anos que ingressa no ensino superior correspondia a 11,4%, conferindo ao Brasil o 17º lugar entre os países latino-americanos, superando apenas a Nicarágua e Honduras. Não é uma posição honrosa que como se comentou não é condicionada por falta de vagas no ensino superior, mas pelo número de egressos do ensino secundário. As deficiências do ensino público fundamental têm sido supridas parcialmente pela excelente qualidade do ensino nos estabelecimentos privados.

Em 1996 foi iniciado um novo cenário no campo da educação através da nova LDB, Lei nº 9.394, entendendo que educação “se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias”, o que fez com que a educação se tornasse um mecanismo de mudança social. Tal Lei fixa a:

obrigatoriedade do credenciamento das instituições de ensino superior, precedida de avaliações, além de estabelecer a necessidade de renovação periódica para o reconhecimento dos cursos superiores. Se para as instituições públicas pouco ou nada afetou a implantação da nova Lei, para o setor privado representou uma ameaça de perda de status e autonomia (SANTOS e CERQUEIRA, 2009, p. 7).

Na busca por tornar o Brasil um país em crescimento e torná-lo um país desenvolvido, a Educação, em todos os níveis, passa a fazer parte da arena política. Amaral e Oliveira (2011) afirmam que após a aprovação da Lei nº. 9.394, foi aberta uma nova arena no que se refere à Educação nacional, refletindo diretamente na questão do acesso ao Ensino Superior como a emergência de um conjunto de instituições dos tipos mais diversos, com vistas a ocupar as janelas de oportunidades.

Reforçando o cenário educacional, no ano 2000 foi aprovada pela ONU a “Declaração do Milênio”, documento que trata de um pacto assinado por 192 países membros da ONU. Nesse documento, constam as “Metas de Desenvolvimento do Milênio” conhecidas também com “Metas do Milênio”, estabelecendo oito metas a serem atingidas pelos países até 2015. Dentre as metas, destacamos a de número dois que tem por objetivo: “Atingir a educação básica de qualidade para todos”.

Ainda no ano 2000, o Ministério da Educação (MEC) apresentou do documento intitulado “Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação”. Essas metas deveriam ser atingidas até o ano de 2016. Dentre as metas, duas

destacam-se no cenário do acesso ao ensino superior, são elas as metas doze e treze, que dizem respectivamente:

Meta 12: elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada à qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público.

Meta 13: elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores (BRASIL, 2000, p. 13).

Assim, diante desse cenário, onde se tinham as metas a serem atingidas e do acordo assinado com a ONU, os atores envolvidos começam a se articular, para que a questão do acesso ao ensino superior entre para agenda política, possibilitando a implantação de políticas públicas visando atingir os objetivos assinados.

No entanto, com a expansão do ensino básico, a demanda pelo Ensino Superior foi intensificada e, conseqüentemente, houve aumento na relação candidato-vaga das universidades públicas. Para atender a essa demanda, o Estado vem incentivando e criando facilidades para a abertura e expansão de Instituição de Ensino Superior (IES), principalmente instituições privadas. Em contrapartida, tem restringido o apoio à manutenção e à expansão do setor público federal, que por sua vez têm relativa autonomia administrativa e financeira sobre seu orçamento.

Secchi (2013) ressalta que políticas públicas tratam tanto do conteúdo concreto como do conteúdo simbólico de decisões políticas e do processo de construção e atuação dessas decisões. Logo, pode se observar uma atenção especial na arena política, voltada para educação superior em meados da década de 1990.

Assim, neste cenário político e econômico, no início dos anos 2000 é adotado o modelo de políticas inclusivas compensatórias, que visam corrigir as lacunas deixadas pelas insuficiências das políticas universalistas. Esses programas são destacados por Cury (2005) por buscarem o equilíbrio de uma situação, uma vez que a balança tende a favorecer grupos hegemônicos no acesso aos bens sociais, conjugando o princípio de igualdade com o da equidade, compreendida como a melhor escolaridade. Buscam também a formação de mão de obra mais qualificada para atender ao mercado, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico do país.

A seguir, serão apresentados os principais programas de acesso ao ensino superior, bem como o papel desempenhado por eles e os objetivos que os mesmos pretendem atingir.

3.3 O Fundo de Financiamento Estudantil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação

Em 2001, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu como meta de aumentar de 12% para 30% o número de jovens da faixa etária entre 18 a 24 anos matriculados em curso superior até o ano de 2010. Mediante essa iniciativa, o governo precisou adotar medidas para a ampliação da rede de ensino superior.

Nesse sentido, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) foi criado por meio da Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001. Trata-se de uma política pública voltada para a população de baixa renda e considerada inclusiva, compensatória, focalizada e afirmativa, com o intuito de atender às medidas estabelecidas pelo PNE. Trata-se de um programa que financia cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação (MEC).

Os cursos de graduação com avaliação positiva são aqueles que obtiverem conceito maior ou igual a 3 (três) no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) que tem por finalidade:

a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e, especialmente, a promoção do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade.

O Fies, atende estudantes que desejam matricular-se em instituições de ensino superior privadas, mas que não tem condições financeiras para arcar os custos, que na maioria dos casos são altos.

A maioria dos países do mundo têm seus programas de financiamento estudantil, no entanto, no Brasil desde o final de 2014 esse programa vem sofrendo alterações por parte do Governo Federal, que estipulou novos critérios de concessão do financiamento, passando, a exigir uma pontuação mínima no Enem (450 pontos) e a limitar o índice de reajuste anual do valor das mensalidades.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) é formado por três instrumentos principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. Para obter os dados, possui uma série de instrumentos complementares: auto avaliação, avaliação externa, ENADE, avaliação dos cursos de graduação e instrumentos de

informação (censo e cadastro). Os resultados das avaliações possibilitam que o MEC trace um painel da qualidade dos cursos e instituições de educação superior no País.

O INEP é o órgão responsável pela operacionalização do SINAÉ e o mecanismo utilizado para avaliar é unicamente o ENADE. Seria necessário ter outros meios de avaliação que permitam obter um número maior de dados, possibilitando fazer uma análise comparativa, para que sejam propostas mudanças que possam melhorar o acesso ao ensino superior, bem como fiscalizar de maneira mais eficiente o acesso ao Fies.

3.4 Programa Universidade para Todos - PROUNI

Dentre os programas de acesso ao ensino superior, o Programa Universidade para Todos (Prouni) é o que tem maior destaque na análise das políticas de ação afirmativa, já que possibilitou maior acesso ao ensino superior, onde são ofertados números de vagas expressivos, para aluno do ensino público ou que tenha sido bolsista integral, em colégios particulares, e que tenha renda familiar de até três salários mínimos, como estipulado em lei. Assim como o Fies, o Prouni é voltado para a população de baixa renda e considerado uma política inclusiva e compensatória.

Criado a partir da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, o Prouni tem como objetivo a reserva de vagas para alunos de baixa renda, em instituições privadas de ensino superior, e concede bolsas de estudo integrais e parciais de 50%, em cursos de graduação, e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior cuja a renda familiar per capita não seja superior a 3 salários mínimos. Outro critério importante para concorrer a uma bolsa de estudos do Prouni é ter participado do Enem.

O Prouni é considerado um desdobramento das políticas públicas focalizadas e de caráter compensatório, uma vez que no Art. 2º é descrito para qual público as bolsas serão destinadas:

- I - a estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral;
- II - a estudante portador de deficiência, nos termos da lei;

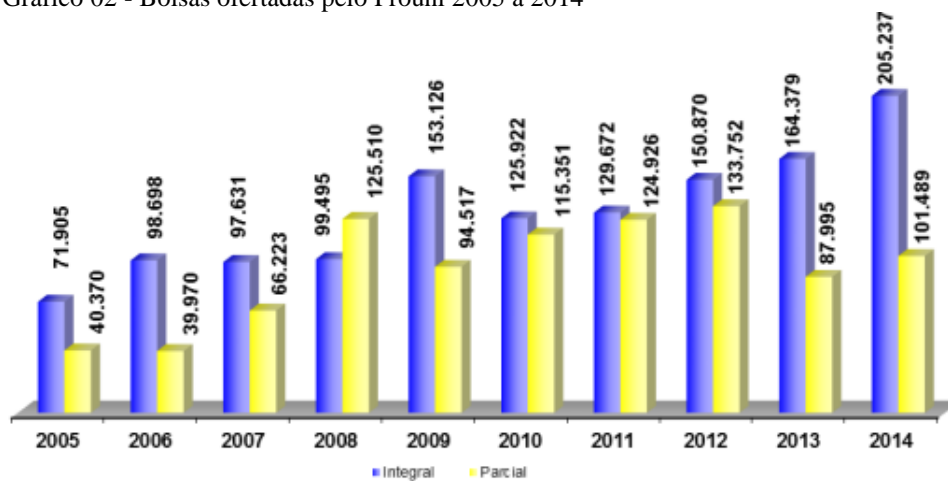
Em contrapartida, a instituição que adere ao programa fica isenta do Imposto de Renda (IR), pratica essa já desenvolvida antes, porém o Prouni passou a exigir que a isenção fosse cumprida de fato nos termos da lei.

Para o aluno, é possível utilizar até 2 programas do governo. Caso o aluno consiga bolsa de 50% pelo Prouni, pode solicitar ao Fies um financiamento de 50%, o que possibilita o acesso ao ensino, preocupando-se com o pagamento somente quando já estiver formado.

No entanto, considerando as regras que garantem a participação de pessoas de diferentes grupos étnicos, a proposta do Prouni pode também ser identificada como uma ação afirmativa. Integra o escopo do trabalho a análise sobre as relações entre o público e o privado no âmbito do Programa.

O gráfico a seguir (gráfico 10) apresenta dados referente a quantidade de bolsas oferecidas, na condição integral e parcial, nos últimos 10 anos pelo PROUNI:

Gráfico 02 - Bolsas ofertadas pelo Prouni 2005 a 2014



Fonte: Sisprouni 2015

Podemos observar que o investimento feito pelo Prouni tem crescido de forma gradual, sendo que em 2009, 2013 e 2014 foram os anos em que o número de bolsas ofertadas para a população foi significativo.

Ao longo dos anos o Prouni tem sofrido constantes mudanças em relação ao texto original da lei, o que acaba permitindo alterações e favorecendo os interesses das instituições privadas. Mesmo assim, o programa é marcado pela busca de inclusão de grupos da classe popular pela oportunidade de cursar o ensino superior, diminuindo assim a exclusão social.

Cabe destacar, no entanto, que o programa visa ao aumento das vagas apenas no setor privado, o que nos faz refletir que essa inclusão é um processo instável, principalmente, para os grupos das camadas populares que necessitam de condições econômicas e socioculturais que garantam a sua permanência no ensino superior com qualidade. Em momentos de crise econômica, como o vivido nos dias atuais, coloca-se em cheque se o beneficiário do Prouni terá a garantia de obter o tão sonhado diploma de ensino superior.

3.5 Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI

O Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) tem por finalidade ampliar, não apenas o acesso, mas também a permanência dos ingressantes na educação superior em universidades federais, reduzindo as taxas de evasão nos cursos presenciais de graduação.

Instituído pelo Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007, é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) que incentiva a adoção da política de cotas instituída pelas universidades federais brasileiras.

Segundo o governo federal, em seu Plano de Desenvolvimento da Educação de 2007, considera que a educação superior esteja banalizada pelos seguintes princípios complementares entre si:

- i) expansão da oferta de vagas, dado ser inaceitável que somente 11% de jovens, entre 18 e 24 anos, tenham acesso a esse nível educacional, ii) garantia de qualidade, pois não basta ampliar, é preciso fazê-lo com qualidade, iii) promoção de inclusão social pela educação, minorando nosso histórico de desperdício de talentos, considerando que dispomos comprovadamente de significativo contingente de jovens competentes e criativos que têm sido sistematicamente excluídos por um filtro de natureza econômica (Brasil, 2007 b, p. 26).

O REUNI é mais do que um simples programa, já que abriu espaço para reformulação das universidades públicas federais através de grande investimento na educação superior, dos planos pedagógicos.

Por meio do REUNI, o governo federal aumentou o quantitativo de cursos noturnos com foco em estudantes das camadas sociais que têm a necessidade de trabalhar durante o dia e cuja renda salarial seja de até três salários mínimos, assim visa atender o objetivo de reduzir as desigualdades sociais.

O REUNI é considerado um instrumento que permite que a universidade pública possa expandir e se defender, uma vez que os objetivos do REUNI vão muito além, já que:

propicia que cada instituição encontre, autonomamente, seu caminho de desenvolvimento no momento em que, em plena revolução científica, as fronteiras entre áreas do conhecimento tornam-se tênues e novas possibilidades de formação vão se delineando. A exata compreensão dos fins do programa, portanto, exige atenção quanto aos meios a serem empregados: a expansão dos cursos noturnos, a ampliação da mobilidade estudantil, a revisão da estrutura acadêmica e a diversificação das modalidades de graduação. Itinerários rígidos, desperdício de créditos, imobilidade e especialização precoce são incompatíveis com uma estrutura universitária à altura dos novos desafios da ciência. A reestruturação que se espera, portanto, é acadêmica e, como tal, qualitativa (BRASIL, 2007, p. 27-28).

No entanto, não é possível afirmar que o REUNI realmente permita toda essa expansão e a democratização das oportunidades de vagas, antes de fato implantar o programa e obter seus resultados concretos. Nesse sentido Filardi (2014, p. 573) ressalta que:

apesar dos esforços, o número de matrículas de graduandos presenciais com idade de 18 a 24 anos ainda é abaixo do esperado, equivalendo a 14.35% do total da população na faixa etária de 18 e 24 anos. O governo esperava chegar, ao início da década dos anos 2010, em 20% de matrículas no ensino superior nesta faixa etária

Enquanto o Prouni visa o acesso da classe popular em instituições particulares, isentando as instituições de impostos, o REUNI destaca-se por visar à ampliação das universidades públicas, extensão do horário dos cursos noturnos, além das políticas de cotas.

Além disso, cabe uma reflexão para o processo de privatização da educação superior no Brasil, mesmo não sendo recente, para Filardi (2014, p. 575), os governos nos últimos anos, mais precisamente a partir de 1995 até 2010, esse processo vem se concretizando de forma mais evidente.

Observamos que, entre 2010 e 2011, 73.7% das matrículas eram em instituições privadas; os interesses e a atuação das empresas ligadas à educação superior privada no Brasil, naquele período citado, aumentaram consideravelmente, tanto que o mercado, nesta área, se tornou extremamente competitivo com a atuação de empresas e capitais estrangeiros.

Não basta oferecer o acesso ao ensino, faz-se necessário que o governo tenha como meta, para que o processo de privatização da educação superior não seja concretizado, maior investimento nas IES públicas, com renovação do quadro funcional.

Uma vez que se investe no crescimento das universidades federais, cria-se um patrimônio que será usufruído pela população por longos anos.

3.6 Impacto das políticas públicas de acesso ao ensino superior

Como já foi afirmado anteriormente, no Brasil, o acesso à Educação de qualidade é direito de todos, garantido pela Constituição. A partir dos dados apresentados nas subseções anteriores, é possível dizer que as políticas públicas adotadas nos últimos anos têm contribuído para modificar o cenário de acesso ao ensino superior das classes populares.

A partir da análise dos dados do Censo de Educação Superior (2013), podemos observar o crescimento da população com características de cor da pele e da idade que estão frequentando ou já frequentaram o ensino superior.

Figura 01 – Percentual de pessoas que frequentam ou já concluíram a Educação Superior por renda, cor/raça, sexo e região, segundo faixas etárias – Brasil 2011

Faixa etária (em anos)	Total	Renda*		Cor/raça					Sexo		Região				
		1º quintil	5º quintil	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Masculino	Feminino	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
18 a 24	17,8	5,1	43,9	26,0	9,0	11,1	33,7	9,6	14,8	20,8	12,1	12,0	20,3	22,5	24,1
25 a 34	18,2	2,7	49,0	26,1	10,4	11,2	33,7	12,5	15,5	20,7	13,8	12,0	21,1	21,3	23,1
35 a 44	14,0	2,0	40,2	19,3	8,7	8,9	27,7	10,2	12,1	15,7	11,6	9,6	16,2	15,2	16,7
45 a 54	12,4	1,8	32,6	17,0	7,3	7,3	34,1	9,1	10,8	13,9	9,2	8,8	14,5	12,1	15,4
55 a 64	9,7	1,0	27,6	14,1	4,1	4,5	30,2	7,4	9,7	9,7	6,1	6,6	11,8	9,2	11,0
65 e mais	5,4	0,8	18,6	7,9	1,0	2,4	8,6	1,0	6,4	4,6	2,7	3,0	7,2	5,2	5,4

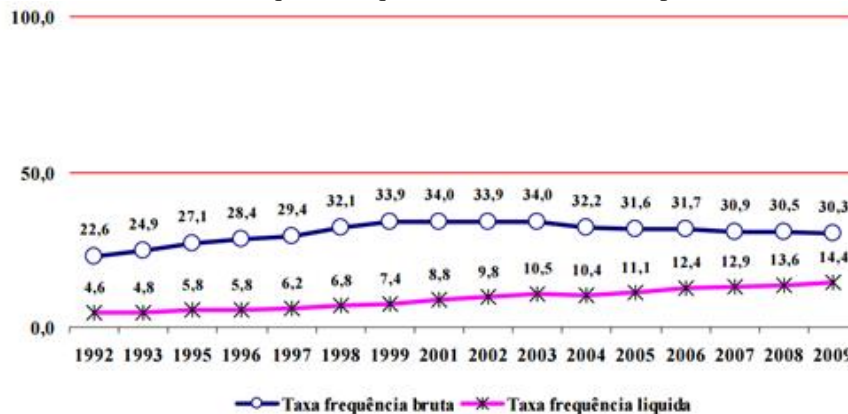
Fonte: CENSO IBGE 2013

Diante dos dados, o Censo da Educação Superior (2013, p. 4) constata que:

Os impactos da expansão da educação superior podem ser observados a partir das características de escolaridade entre as gerações mais recentes no Brasil. Apesar de expressivos avanços entre gerações, considerando diferentes dimensões (renda, cor ou raça, sexo e região geográfica), fica claro que as políticas de inclusão em curso precisam ser mantidas e ampliadas para garantir igualdade de oportunidades educacionais para todos os brasileiros.

Os dados mostram o crescimento do ingresso de grupos que antes viviam em desvantagem social, mas prova que ainda há muito a ser feito para que o acesso ao ensino seja igualitário.

Gráfico 03 - Taxa de frequência líquida e bruta no Ensino Superior



Fonte: IPEA 2009

A partir da análise do gráfico, podemos afirmar que o crescimento entre 1992 a 2009 é de 9,8%, da taxa líquida, índice muito baixo, levando em consideração que a taxa de alunos que sai do ensino médio é de 50,9%, o que evidencia que a maioria dos que saem do ensino médio ainda não conseguem alcançar o ensino superior. Observamos um crescimento significativo a partir de 1998. A taxa de frequência líquida quase dobrou e nos permite deduzir que:

É provável que o aumento da frequência líquida na faixa etária de 18 a 24 anos seja um dos efeitos da política de ampliação do acesso à educação superior, encampada pelo Ministério da Educação, a qual vem sendo estruturada por três linhas de ação: (a) ampliação das vagas nas instituições federais de ensino; (b) ampliação do Financiamento 23 Estudantil (Fies); e (c) instituição do Programa Universidade para Todos (Prouni). Essas iniciativas deram novo fôlego à expansão da educação superior no Brasil (PNAD, 2009, p. 19).

As políticas públicas apontadas mostram-se importantes para o crescimento técnico-científico e também para emancipação social de pessoas da classe popular, uma vez que, em sua maioria, tinham como objetivo atender a grupos com renda de até três salários mínimos. Pensar em melhorias sociais é pensar na melhoria de um todo e colocar em prática o acesso a uma educação de qualidade para todos de um país.

Carvalho (2004, p. 330) destaca duas vertentes importantes sobre a democratização do ensino:

enquanto para uns, a democratização se caracteriza por políticas públicas de abertura da escola para todos, para outros, ela decorre de práticas pedagógicas capazes de formar indivíduos livres.

Logo, investir em Educação é a base para que a qualidade de vida de cada indivíduo melhore. Através da Educação é possível alcançar a tão sonhada emancipação social que tantos educadores desejam. No entanto, é importante salientar que somente as políticas públicas não podem ser consideradas suficientes, se não mudarmos as práticas educacionais o que implica na formação continuada dos professores e dos bibliotecários, e em maiores investimentos dos governos nos seus diferentes níveis (municipal, estadual e federal) na capacitação desses profissionais.

Não há como negar que o crescimento do ensino superior e as políticas adotadas na última década foram e são importantes. Como já mencionado anteriormente esses mecanismos ampliaram o acesso das classes populares ao ensino superior.

Importante registrar que no cenário atual, as políticas públicas criadas nos últimos 17 anos estão ameaçada de serem extintas, pois após o processo de *impeachment* da presidente eleita Dilma Rousseff, aprovado pelo Senado federal no dia 31 de agosto de 2016, o presidente interino do governo provisório, deu início a uma série de mudanças que impactam diretamente as áreas da Cultura, Educação, Ciência & Tecnologia, principalmente os órgãos que atuavam na garantia e defesa dos direitos das minorias no país. Nessa linha o Ministério da Cultura (MinC), foi extinto e transformado em Secretaria vinculada ao Ministério da Educação (MEC) por meio da Medida Provisória nº 726, de 12 de maio, e recriado 11 dias depois, por da Medida Provisória nº. 728, de 23 de maio de 2016.

Dentro desse novo cenário que se apresenta, as políticas públicas que possibilitam o acesso ao ensino superior a grupos da classe popular brasileira têm sido ameaçadas. Exemplo disso é a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que limita os gastos com a saúde e a educação nos próximos 20 anos.

4 LEITOR, LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO

*A leitura é uma fonte inesgotável de prazer,
mas por incrível que pareça, a quase
totalidade, não sente esta sede.
Carlos Drummond de Andrade*

As reflexões sobre os termos apresentados nessa subseção são importantes para a pesquisa, pois trazem a baila seus conceitos e aplicação nas áreas de educação, social e no campo da biblioteconomia e ciência da informação.

No campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, o leitor é definido por Cunha e Cavalcanti (2008, p.221) como “pessoa que lê, com certa regularidade, uma determinada publicação”. Na pesquisa desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro (IPL), leitor é entendido como “aquele que leu inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses”, Já o não leitor é aquele “que não leu nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido qualquer livro nos últimos doze meses” (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2016).

Dentro dos entendimentos do que é leitor, destaca-se a nossa percepção para a palavra, e entende-se que leitor é a pessoa que pratica com regularidade o ato de ler um texto. Tal ato pode ser por prazer, ou por ofício, dependendo da necessidade e da ocasião.

No campo social e da educação, a leitura vai além do processo de decodificação da escrita. No entendimento de Freire (1989 p. 7) a leitura da palavra é precede a leitura do mundo. Entendendo a leitura de mundo como o primeiro passo e, talvez o mais importante que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se, pois “permite compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Manguel (1997, p. 20) entende a leitura de mundo onde “todos nós lemos a nós e o mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial”.

Nesse sentido, Martins, M. (1986, p. 38), ressalta que a leitura é um “processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida”.

A habilidade de ler, decodificar códigos linguísticos, ou de estar alfabetizado não garante a real função da leitura, muito menos a condição de leitor de um indivíduo. Para que a

leitura ganhe sentido é necessário que tenha uma relação com o sensorial e com o cognitivo do sujeito.

Martins, M. (1986, p.30) destaca que o “ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o lido”.

O termo letramento foi introduzido muito recentemente na língua portuguesa e ainda não está dicionarizada, tanto que quase é possível datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez (SOARES 1999). Ainda em seus estudos, Soares (1999) relata que a palavra “apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986”.

Kleiman (1995, p. 19) define letramento como o “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Nesta linha de pensamento Tfouni (1995, p. 20) ressalta que “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio- históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Letramento em leitura significa “a capacidade de compreender, utilizar, refletir e envolver-se com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade” (PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS, 2012 p. 38).

Soares (1999) considera que no meio social e cultural, a pessoa letrada:

não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.”

A partir da análise sobre leitor, leitura, escrita e letramento, podemos concluir que para ser considerado um leitor, o indivíduo deve ser alfabetizado e letrado de forma que desenvolva habilidades para que possa ler o que está escrito. No entanto, apenas ler não o torna uma pessoa letrada. Para isso é imprescindível à leitura que permita a inteiração com o mundo, possibilitando que desenvolva o senso crítico e que permita ver além do senso comum, ou seja, que esse leitor ganhe autonomia, tornando-se um ser letrado e, conseqüentemente, mudando seu lugar sociedade.

Nesse sentido, a subseção a seguir irá tratar sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura, iniciativa que foi criada através de decreto de lei cujo objetivo é criar estratégia permanente

de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no País.

4.1 Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) é fruto dos debates que tiveram início em 2003, estimulados pelo movimento internacional de estímulo a prática de leitura coordenada pelo CERLALC,

o Programa Fome de Livro, instituído no início de 2005, surge como uma estratégia para articular o conjunto de ações realizadas pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade civil organizada. Paralelamente, com o objetivo de iniciar um grande movimento nacional e em sintonia com o Plano Ibero-americano de Leitura, o governo federal estabeleceu o ano de 2005 como o ano do livro e da leitura e instituiu a marca VIVALEITURA. Em decorrência dessa ação, surgiu, capitaneada pelo MinC, o Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), com a intenção de se constituir numa política de Estado para a área (MACHADO, 2010, 102).

Assim, ainda em 2003, foi sancionada a Lei de Diretrizes do Livro n. 10.753 de 30 de outubro de 2003, que instituiu a Política Nacional do Livro e foi anunciada a implantação do PNLL. Criado em 30 de outubro de 2003, no entanto só foi instituído por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, pelos Ministérios da Cultura (MinC) e Ministério da Educação (MEC). O texto vigorou integralmente até sua reedição em dezembro de 2010 e entrou em 2011 por meio do Decreto 7.559, em 1 de setembro de 2011¹⁵.

O PNLL propõe diretrizes para construção de política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil e tem por objetivo central:

assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja individual ou coletivamente (Brasil, 2010, p. 25).

O Plano é fundamentado em 4 eixos que orientam, a saber:

- **EIXO 1** - Democratização do acesso: visando a ampliação do acesso a leitura, bem como auxiliar a formação de leitores de maneira justa igualitária, esse eixo visa garantir acessibilidade à leitura e à biblioteca a todos os sujeitos, independente de sua classe social. Suas ações têm como finalidade: implantação de novas bibliotecas; fortalecimento da rede atual de bibliotecas; conquista de novos espaços de leitura; distribuição de livros gratuitos;

¹⁵ <http://www.cultura.gov.br/pnll>

melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura; incorporação e uso de tecnologias de informação e comunicação.

- **EIXO 2** - Fomento à leitura e à formação de mediadores - Sua intenção é promoção da prática leitora, bem como contribuir na formação e capacitação de mediadores, as ações para que se atinjam esses objetivos são: formação de mediadores de leitura; projetos sociais de leitura; estudos e fomento à pesquisa nas áreas do livro e da leitura; sistemas de informação nas áreas de bibliotecas, da bibliografia e do mercado editorial; prêmios e reconhecimento às ações de incentivo às práticas sociais de leitura.
- **EIXO 3** - Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico: Define ações que têm como objetivo criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura, que podem ser convertidas no fomento às práticas sociais da leitura em uma política de estado, com programas governamentais; formulação de políticas nacionais, estaduais e municipais; realização de fóruns, congressos, seminários e jornadas; pesquisas e estudos sobre políticas públicas do livro, leitura e biblioteca pública, entre outras.
- **EIXO 4** - Desenvolvimento da economia do livro: na tentativa de ampliar o acesso ao livro e leitura para população, propõe diminuir o preço dos livros literários. É fundamentado no desenvolvimento da cadeia produtiva do livro; distribuição, circulação e consumo de bens de leitura; apoio à cadeia criativa do livro; maior presença no exterior da produção nacional literária, científica e cultural editada.

Nesse sentido, podemos afirmar que o PNLL foi criado com objetivo de incentivar as práticas da leitura, na busca da institucionalização de uma política pública de estado a favor da democratização do acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas no país.

O Plano valoriza três fatores qualitativos e dois quantitativos que a UNESCO identifica como necessários fundamentar a existência expressiva de leitores em um país. Os fatores são:

Qualitativos:

- a) O livro deve ocupar destaque no imaginário nacional, sendo dotado de forte poder simbólico e valorizado por amplas faixas da população;
- b) Devem existir famílias leitoras, cujos integrantes se interessem vivamente pelos livros e compartilhem práticas de leitura, de modo que as velhas e novas gerações se influenciem mutuamente e construam representações afetivas em torno da leitura; e

c) Deve haver escolas que saibam formar leitores, valendo-se de mediadores bem formados (professores, bibliotecários) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade.

Quantitativos:

d) Deve ser garantido o acesso ao livro, com a disponibilidade de um número suficiente de bibliotecas e livrarias, entre outros aspectos; e

e) O preço do livro deve ser acessível a grandes contingentes de potenciais leitores. Uma vez apresentado ao PNLL e a sua importância para respaldar as práticas de incentivo a leitura e a formação de mediadores de leitura, é relevante entender a relação dos jovens com a leitura (BRASIL, 2010, p. 19).

Santa Anna, Gregório e Gerlin (2014), compartilham da ideia que a leitura desempenha um papel transformador na sociedade, nesse sentido o PNLL torna-se uma política pública importante, pois visa à formação de leitores e o incentivo à leitura no país.

Uma vez que o PNLL tem por objetivo fomentar a implantação de planos estaduais e municipais da leitura, com vistas à construção de políticas públicas que estimulem a formação de leitores na sociedade brasileira, cabe tentar identificar a relação dos jovens com a leitura. Nesse sentido, a subseção a seguir irá tratar desse assunto, buscando dados que mostrem a real situação de leitura e letramento desses jovens e adultos no Brasil, mostrando que os fatores desigualdade de oportunidades e a qualidade de ensino são instrumentos que dificultam o letramento da classe popular.

4.2 Jovens e a Leitura

A leitura é considerada um importante instrumento na aquisição de informações, desde o surgimento da imprensa (RASTELI 2013) e partindo do princípio de que a leitura é um ponto inicial para modificar o meio (FREIRE, 1989). As classes populares estão em desvantagem nessa trajetória em nosso país. Para justificar essa afirmativa, basta olharmos dados do IBGE, que mostram que “no Brasil, no 2º trimestre de 2015, entre as pessoas em idade de trabalhar, 38,6% não tinham completado o ensino fundamental e 42,6% haviam concluído pelo menos o ensino médio”. Os dados do IBGE mostram ainda que, no país, apenas 1,9% da população com idade de trabalhar havia concluído o nível superior. Destacando que a Região Sudeste possui o percentual, 14,9% , quase o dobro do observado nas Regiões Nordeste e Norte, 7,6% e 7,5%, respectivamente.

Observando esses dados, podemos concluir que, apesar da vantagem percentual da região sudeste, muito ainda deve ser feito para melhorar esses índices. O acesso ao ensino

superior ainda é um desafio, mesmo com políticas públicas desenvolvidas nos últimos anos com o intuito de melhoria dos dados apresentados.

A desigualdade de oportunidades e da qualidade de ensino médio pode ser considerada um fator que dificulta o acesso ao ensino superior. Wada (2004, p. 23) destaca em sua pesquisa que grupos de jovens que sempre residiram na periferia e de “baixa renda”, mesmo completando o ensino médio em boas escolas, não têm as mesmas oportunidades de trabalho que estudantes de instituições de ensino semelhantes. Esses grupos acabam sendo atendidos através de políticas que visam minimizar um problema de acesso, ao invés de focarem na própria estrutura educacional e na melhoria do sistema de ensino.

A emancipação social da classe popular não é apenas fruto do desejo individual, mas pode ocorrer por meio de um projeto maior que o acesso ao ensino de qualidade. É necessário que se tenha o desejo de mudanças e que as relações sociais e de poder estabeleçam sistemas de mérito a partir de classes sociais e do poder econômico.

Os "bem nascidos" têm maiores chances de ter seus diplomas na parede e seu lugar reservado na pirâmide social, independente de terem percursos brilhantes ou não. Isto não funciona assim para jovens da classe popular, cuja inserção social, mesmo com escolaridade, só é mais facilitada a partir de uma rede social de sustentação que os ajuda a se colocarem no mundo do trabalho (PAIVA, 2016).

Pode-se confirmar esta afirmativa através de dados do INEP 2016 onde as escolas que obtiveram as médias mais altas no Enem 2015 são da rede privada, com alunos de alto poder aquisitivo e turmas pequenas. Realidade esta não vivida por estudantes da rede pública de ensino, exceto os que frequentam escolas públicas que têm nível socioeconômico bastante alto, possuindo “vestibulinho” para alunos frequentarem o ensino médio, afirma Maria Inês Fini, presidente do INEP ¹⁶.

O acesso à leitura e a possibilidade de ter acesso a ela por meio das bibliotecas públicas pode fazer com que esse fenômeno ocorra, pois segundo Petit (2008), é possível adquirir algumas vantagens específicas que a diferencie de outras formas de lazer. Entende que:

por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro (PETIT, 2008, p. 19).

¹⁶ Informações contidas no <http://especiais.g1.globo.com/educacao/2016/enem-2015-notas-por-escolas/>

Nesse sentido, Almeida Júnior (2009, p. 192) nos leva a refletir a leitura como um processo de produção de significados e de apropriação da informação, uma vez que:

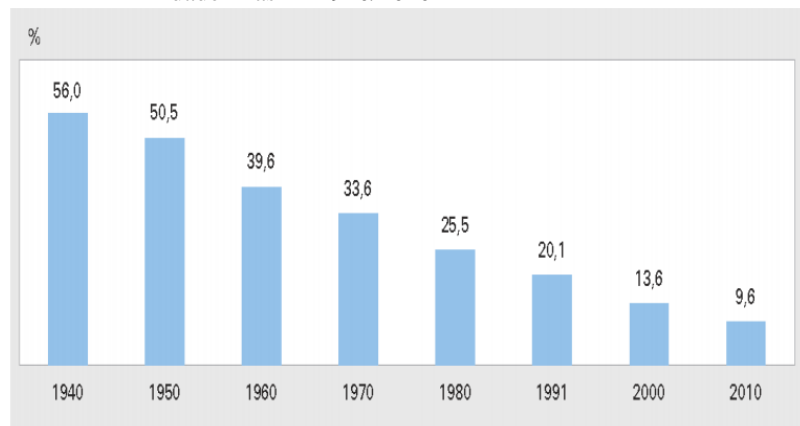
a informação, por ser intangível, precisa de um suporte para ser veiculada e apropriada, e a decodificação desse documento pela leitura permite a apropriação da informação, possibilitando a transformação do conhecimento de quem lê.

Logo, o conhecimento adquirido por meio da leitura pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e capacitados para o convívio e atuações sociais, políticas e culturais (MARTINS, M., 1986, p. 38).

Segundo o dicionário Aurélio: analfabetismo é “estado ou condição de analfabeto” e analfabeto é quem “não conhece o alfabeto; que não sabe ler e escrever”. Nesse sentido, Soares (1999, p.1) constata que analfabeto “é aquele que é privado do alfabeto, a que falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever”.

No Brasil a taxa de analfabetismo tem diminuído gradativamente, como podemos observar no gráfico 01, desde os anos de 1940, saindo de 56,0% para 9,6% em 2010, redução considerável.

Gráfico 04 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940/2010

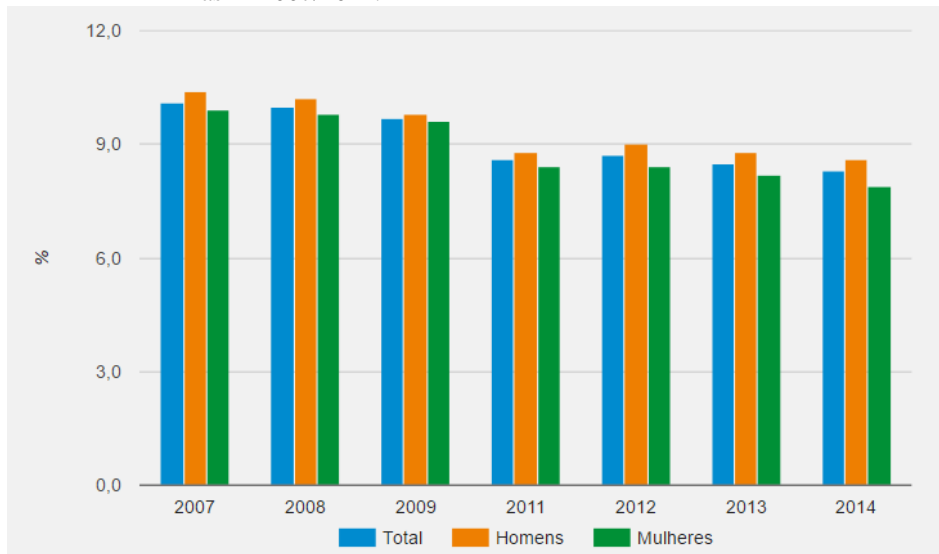


Fonte: IBGE, 2010

Apesar do Gráfico 01 apresentar dados até o ano de 2010, consideramos o mesmo representativo ao demonstrar a queda expressiva desde a década de 40 até 2010.

Em estudos mais recentes, podemos observar que a taxa de analfabetismo continua diminuindo, como mostra o gráfico 02, o número de analfabeto total em 2014 esta em 8,3% o que ainda é um indicador elevado, se levarmos em conta o tamanho da população brasileira.

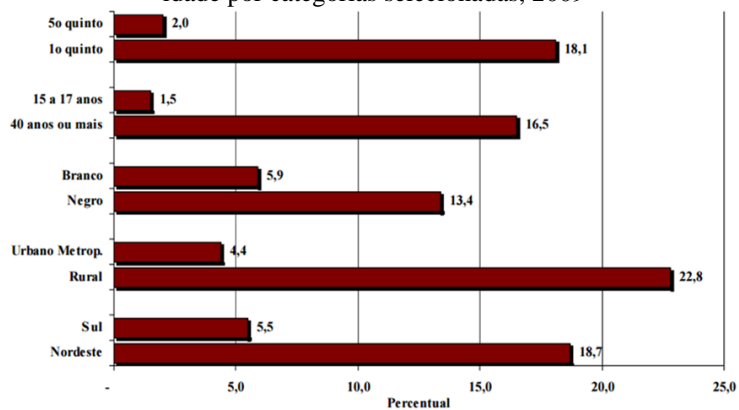
Gráfico 05 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2014.



Fonte: IBGE

Observando a categoria localização, na população rural, a taxa de analfabetismo é de 22,8%, já para a população urbano-metropolitana esse índice é de 4,4%. Podemos afirmar que a população negra tem um índice maior de analfabetos (13,4%) quando comparada à população branca (5,9%).

Gráfico 06 – Analfabetismo na população de 15 anos ou mais de idade por categorias selecionadas, 2009



Fonte: IPEA, 2009.

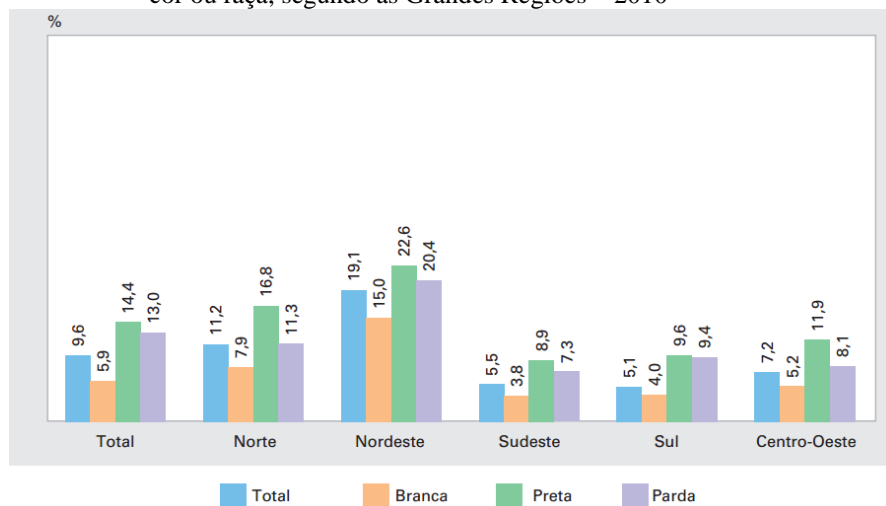
Quando trata de jovens leitores, dados do Programa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009 mostram que o índice de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade é um fator preocupante, uma vez que a leitura é um meio importante para que se tenha oportunidade de crescimento dos indivíduos e da sociedade como um todo. Wada (2004, p. 23) destaca que:

pensar em juventude é pensar as ideias do futuro de um país, de uma fase da vida, de um período com muita energia, de busca do que ser e fazer, de curiosidade e possibilidades; é poder se realizar nos sonhos, conhecer, pensar, viajar para construir o mundo.

Logo, as práticas de incentivo à leitura, durante essa fase de curiosidade, são uma forma de inserir a leitura no cotidiano desses jovens, pois além de contribuir para o seu crescimento pessoal e social, contribui também para o crescimento do país.

Analisando a questão do analfabetismo, quando visto a partir da cor ou raça, observa-se que 5,9% da população brasileira entre 15 anos ou mais de idade, que se declararam de cor ou raça branca, são analfabetas, enquanto a proporção foi de 14,4% para pretos e 13,0% para pardos.

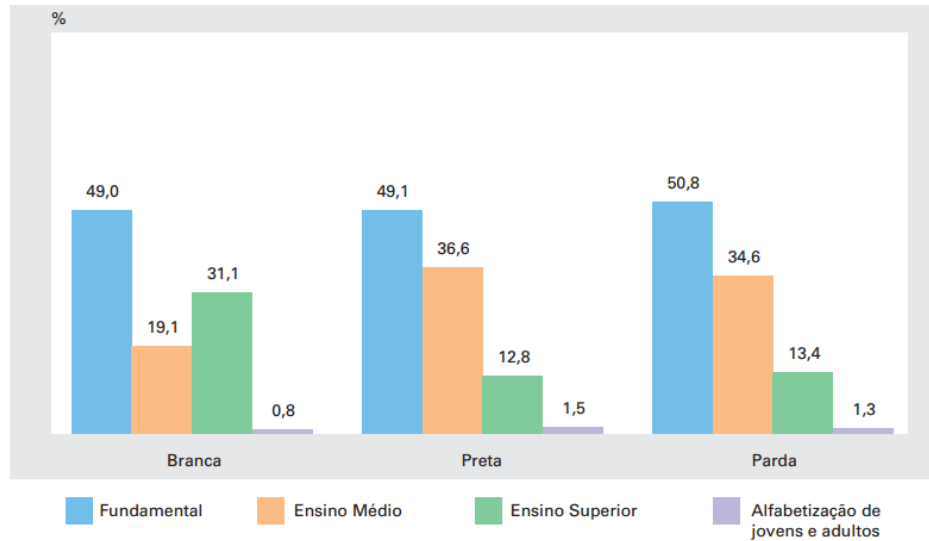
Gráfico 07 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões – 2010



Fonte: IBGE, 2010

Assim como no caso do analfabetismo, há uma forte diferença no acesso a níveis de ensino pela população segmentada por cor ou raça. No que diz respeito ao grupo em nível superior, a diferença foi fortemente marcada, os brancos nesse grupo etário, estão em 31,1% dos ingressantes, enquanto apenas 12,8% são pretos e 13,4%, pardos.

Gráfico 08 – Distribuição das pessoas de 15 anos a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino frequentado – Brasil – 2010



Fonte: IBGE, 2010.

Além dos analfabetos, ainda temos o grupo que sofre com o analfabetismo funcional, termo que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sugeriu que fosse adotado e que pode ser entendido como: os indivíduos que, mesmo que saibam reconhecer letras e números, não são capazes de compreender textos simples, assim como realizar operações matemáticas mais elaboradas.

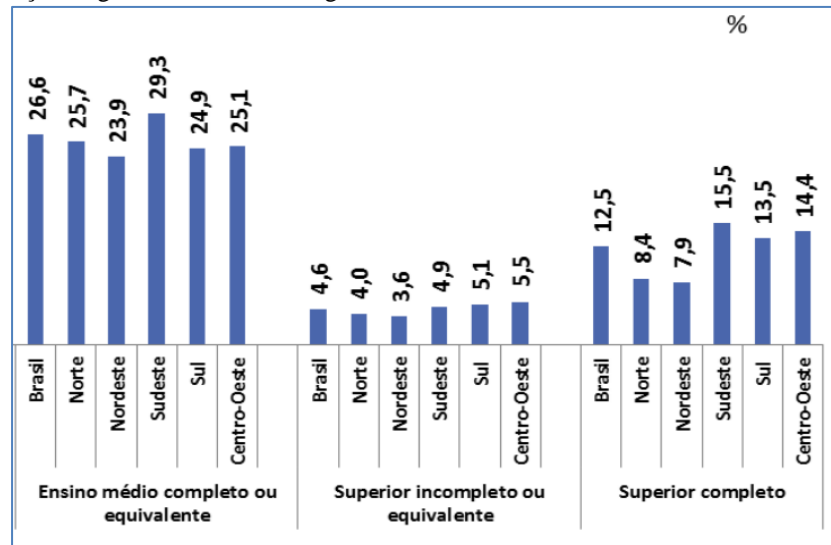
Para Ribeiro (1997, p.145) o termo analfabetismo funcional significa:

a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins pragmáticos, em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho, muitas vezes colocado em contraposição a uma concepção mais tradicional e acadêmica, fortemente referida a práticas de leitura com fins estéticos e à erudição.

Nesse sentido podemos aferir que o processo de educação dos jovens não se dá apenas nas escolas, eles precisam ter domínio da leitura e da escrita, precisam saber analisar, sintetizar e interpretar dados, enfim precisam compreender o que está escrito e o que acontece, para atuar em seu entorno social.

O Gráfico 06, elaborado pelo IBGE e apresentado a seguir, mostra que, no Brasil, no 2º trimestre de 2016, há uma diferença significativa entre os alunos que completam o ensino médio (26,8%) e os alunos que entraram no ensino superior (12,6%). Dos 26,8%, apenas 12,6% da população em idade de trabalhar havia concluído o nível superior, destacando a Região Sudeste, onde o percentual é de 15,7%, quase o dobro quando comparado com as Regiões Nordeste e Norte, 7,7% e 8,5%, respectivamente, conforme apresentado no gráfico 06.

Gráfico 09 – Distribuição das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por nível de instrução, segundo as Grandes Regiões - 3º trimestre de 2016



Fonte: IBGE (2016)

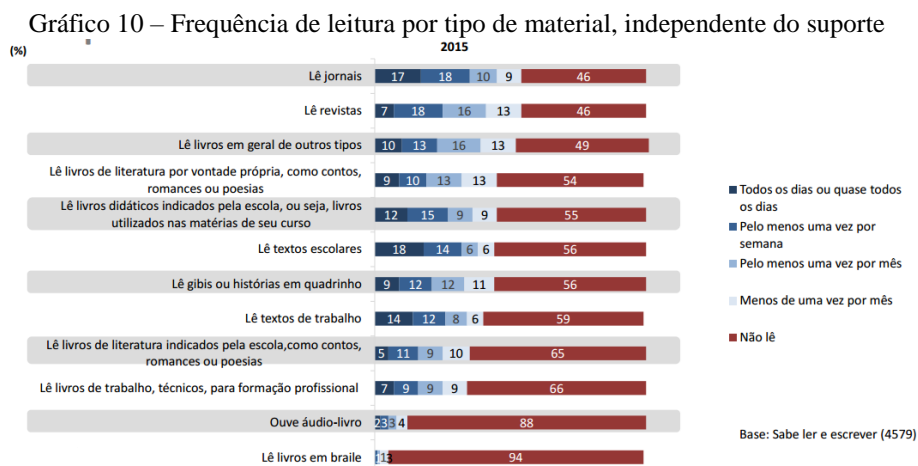
Dados da pesquisa desenvolvida pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM), o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) (2011), gráfico 07, mostram que entre as pessoas sem nenhuma escolaridade, 95%, ou seja, quase a totalidade, são analfabetas funcionais e 41% foram consideradas de nível rudimentar. Destaca ainda que entre as pessoas com ensino médio, nível no qual se esperaria que todos ingressassem já com alfabetismo pleno, apenas 35% nesse patamar. A maioria permanece no nível básico (57%). Mesmo entre as pessoas com nível superior, o nível pleno fica longe de corresponder à totalidade, abarcando apenas a 62%. O estudo destaca ainda a:

necessidade de investimento na qualidade, uma vez que o maior acesso, ainda que tenha contribuído para a redução do analfabetismo funcional, não foi suficiente para que o nível de alfabetismo da população evoluísse mais rapidamente para o nível pleno, que permaneceu estagnado ao longo de uma década nos diferentes grupos demográficos (INAF BRASIL 2011, p. 23).

A pesquisa Retratos da leitura no Brasil 2011 ressalta que 80% dos jovens na faixa de 11 a 17 anos (24,3 milhões) leem apenas para cumprir tarefas escolares. A grande maioria, 13 milhões, afirma que ler é um tédio e que o fazem por obrigação, enquanto 6,5 milhões não leram nenhum livro em um período de três meses. Apesar desses números, a pesquisa aponta que 4,8 milhões de adolescentes leem literatura porque gostam.

Tal constatação é reforçada por Soares (1999) quando afirma que “no Brasil as pessoas não leem. São indivíduos que sabem ler e escrever, mas não praticam essa habilidade e alguns não sabem sequer preencher um requerimento”.

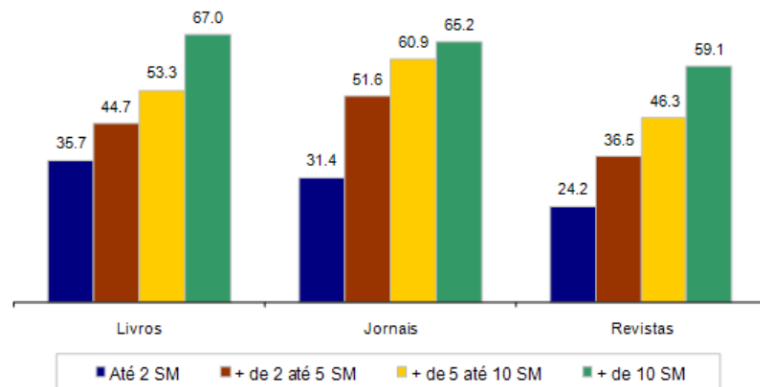
A pesquisa publicada pelo Instituto Pró-livro (2016), apresentada no gráfico 07, mostra que mais de 40% da população não têm a frequência de leitura independentemente do suporte, destacando-se a não leitura de material em braile e audiolivro, leituras essas destinadas à deficientes visuais. A não leitura para trabalho ou crescimento profissional chegou a 66%, taxa muito elevada, levando-se em conta que os alunos que compõem essa pesquisa podem ser inseridos nesse grupo e deveriam ter uma carga mais elevada de leitura.



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (2016)

O Relatório Pesquisa Quantitativa Hábitos de Informação e Formação de Opinião da Federação Nacional das Agências de Propagandas (FENAPRO) (2010)¹⁷ aponta que a população que ganha até dois salários mínimos lê bem menos, quando comparada a grupos que ganham mais de dez salários mínimos, como podemos observar o gráfico abaixo.

Gráfico 11 – Hábito de leitura por classes de renda familiar (%)



Fonte: FENAPRO (2010)

¹⁷ As pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Pró-livro (Retratos da leitura no Brasil) e o Relatório Pesquisa Quantitativa Hábitos de Informação e Formação de Opinião da Federação Nacional das Agências de Propagandas (FENAPRO) são pesquisas voltadas para o mercado editorial.

Podemos destacar a partir da análise do gráfico acima, que a leitura de jornais tem maior incidência junto às classes de renda familiar entre 2 até 10 salários mínimos. O fator renda é determinante para a formação do leitor e, logicamente, a leitura para grupos inseridos nas classes populares deve ser um ponto relevante de estudo. Sem a prática da leitura, como esse grupo irá concorrer a uma oportunidade, seja ela de emprego, ou de acesso ao ensino superior de maneira igual a grupos que têm maiores salários e hábito de leitura muito mais elevado?

Nesse sentido, a biblioteca e os profissionais que atuam nela podem tornar-se mediadores importantes no processo de formação desse leitor. Ao se preparar para o vestibular, o aluno deveria ser um leitor ávido, pois deveria ter desenvolvido a habilidade da compreensão de texto e dominar a escrita para desenvolver boas redações e obter uma boa nota nos exames.

Identificar o perfil do leitor do grupo de estudantes do Pré-Vestibular Comunitário da região de Jacarepaguá torna-se relevante para esta pesquisa no sentido de entender o nível de leitura e em que tipo de leitura que esses alunos estão. A partir dessa análise, verificar o que a biblioteca faz para atender a esse grupo e, com isso, propor que se possam desenvolver atividades direcionadas. Logo, entender o que é a biblioteca pública, seu papel e como os jovens se relacionam com este espaço, faz com que a pesquisa aqui proposta ganhe sentido.

Por meio da leitura é possível criar essa ponte entre o crescimento do país e a educação de qualidade. Assim, a biblioteca torna-se um espaço importante para auxiliar na transformação dos jovens em leitores potenciais. Mas qual a relação desses jovens com a biblioteca? A subseção a seguir irá tratar sobre essa temática na tentativa de melhor esclarecimento do que é a biblioteca pública e dos jovens leitores.

4.3 A biblioteca pública

Discutir o papel da biblioteca pública, sua função social e de que maneira ela pode auxiliar na prática da leitura dos jovens e adultos e, por fim, como o bibliotecário pode atuar de forma proativa nesse processo é o que se propõe nesta etapa. Para tanto, vamos fazer uma pequena explanação de como a biblioteca pública é vista e entendida.

O Manifesto da IFLA/UNESCO (2006) que trata sobre bibliotecas multiculturais afirma que independentemente do tipo de biblioteca, cada uma delas deve refletir, apoiar e promover a diversidade, não apenas cultural, mas também a linguística e, em nível local, nacional e internacional e trabalhar para o diálogo intercultural.

A biblioteca pública para Machado, Calil Junior e Achilles (2014) é entendida como instituição social no espaço público e o bibliotecário como agente público que atua nesses espaços. Ainda de acordo com os autores, a biblioteca pública assume diversas funções, tais como: memória; fomento de cultura; difusão de informação à comunidade, acesso e produção de conhecimento dentre outros.

O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas de 1994 as define como:

uma organização criada, mantida e financiada pela comunidade, quer através da administração local, regional ou central, quer através de outra forma de organização comunitária. Disponibiliza acesso ao conhecimento, à informação, à aprendizagem ao longo da vida e a obras criativas, através de um leque alargado de recursos e serviços, estando disponível a todos os membros da comunidade independentemente de raça, nacionalidade, idade, género, religião, língua, deficiência, condição económica e laboral e nível de escolaridade.

O papel da biblioteca pública vai além de ter suas portas abertas, conforme declarado no Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas de 1994, ela é o meio que proporciona:

a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

Refletindo sobre as afirmativas acima, podemos concluir que a biblioteca pública é o espaço onde a diferença informacional, cultural e social são passíveis de serem bem recebidas e adequadamente tratadas, fazendo com que grupos que vivem à margem da sociedade possam ser integrados. Sua função social é apresentada de forma clara e é muito mais fácil de ser visualizada e compreendida (ALMEIDA JÚNIOR, 2013). Logo, ela pode contribuir para

emancipação desses grupos na sociedade. Entender e respeitar a cultura de cada grupo é de grande importância para o crescimento de uma sociedade.

O objetivo da biblioteca pública para Suaiden (1995) é de preservar e disseminar o conhecimento, principalmente quando nos referimos à cultura local. Dentre os diferentes tipos de bibliotecas existentes, a biblioteca pública é a que possui o caráter de uma instituição social.

A biblioteca pública é local que pode contribuir no processo de formação de leitores, além de promover a prática de leitura, sendo espaço fundamental para o acesso à informação e apropriação de conhecimentos (RASTELI, 2016).

Quanto ao seu papel, Rasteli (2013) destaca que para auxiliar na formação de leitores é necessário que a biblioteca pública seja:

viva e atuante, onde esse espaço seja um recurso educativo, cultural, pedagógico, amplo, com acervo diversificado, atualizado e dinâmico. Também, nesse espaço, devem ocorrer práticas interativas e mediadas auxiliando no desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, traduzindo-se em competências leitoras (RASTELI, 2013, p. 74).

Os objetivos propostos pelo manifesto da IFLA/UNESCO (1999) para bibliotecas escolares, no sentido de auxiliar o desenvolvimento de competência em leitura no processo de educação e que as bibliotecas públicas também devem seguir, são essenciais para sua existência e consistem em:

- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de utilização, produção e uso da informação voltadas para a aquisição do conhecimento, à compreensão, ao desenvolvimento da imaginação e ao lazer;
- prover acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os alunos às ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- organizar atividades que incentivem a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania plena e responsável e ao exercício da democracia;

As expectativas sobre o papel da biblioteca pública são diferentes entre os diversos segmentos da sociedade. Suaiden (2000) destaca que, para os educadores, a biblioteca pública deve ser o alicerce do processo ensino-aprendizagem. Ainda ressalta o termo Biblioteca pública remete a “uma entidade prestando serviços ao público em geral, independentemente das condições sociais, educacionais e culturais”.

No entanto, podemos concluir que o objetivo e função da biblioteca pública é atender ao público em geral de maneira igualitária. Portanto, são as que estão mais próximas de

desenvolver trabalhos com grupos étnico-culturais, dando acesso à informação, contribuindo para sua integração social.

Acredita-se que a biblioteca pública pode contribuir para emancipação das classes populares por meio do incentivo à leitura e à escrita dos alunos inseridos em pré-vestibulares comunitários, de modo que consigam ingressar no ensino superior.

Em seus estudos, que tratam da leitura para jovens marginalizados na França, Petit (2008) aponta a importância que as bibliotecas públicas têm para esses grupos. Segundo a autora, “é nesses espaços que os jovens encontram um lugar estruturante, um profissional pronto para aconselhá-los e formas de sociabilidade” (PETIT, 2008, p. 11), o que pode fazer com que esse indivíduo desperte para a prática de leitura.

Os movimentos sociais, mais especificamente os pré-vestibulares comunitários, mostram-se como importantes instâncias que contribuem para a supressão da desigualdade social e as bibliotecas, fontes do conhecimento, devem servir de meio para atender à demanda de conhecimento desse grupo.

Na América Latina, o CERLALC é a instituição que vem se destacando no trabalho de valorização das bibliotecas públicas e de estímulo a criação de políticas do livro, leitura, literatura e bibliotecas locais, portanto a próxima subseção foi reservada para apresentá-lo.

4.4 O CERLALC e a busca por conhecer as práticas leitoras

O CERLALC é um organismo intergovernamental, patrocinado pela UNESCO, onde seu trabalho é voltado para criação de condições para o desenvolvimento de sociedades leitoras. Suas ações são voltadas para o incentivo da produção e circulação do livro; para a promoção da leitura e da escrita; para a formação dos agentes da rede do livro e para o estímulo e proteção da criação intelectual.

Neste sentido, dá assistência técnica na formulação de políticas públicas, gera conhecimento, divulga informação especializada, desenvolve e impulsiona processos de formação e promove espaços de acordo e cooperação.

A Nova Agenda para o livro e leitura tem como propósito transformar o CERLALC num grupo de reflexão, que acompanha os países membros da construção de políticas públicas em torno do livro e da leitura.

Visando ampliar o fomento ao livro e a leitura, o CERLALC realiza pesquisas e estudos que servem de subsídio tanto para governos como, também, ao setor privado.

Desenvolve ações de promoção ao livro, leitura e à biblioteca, tais como o Observatório ibero-americano do livro, leitura e bibliotecas (OLB), que tem por finalidade a divulgação do conhecimento e da informação, com objetivo de chegar a cada um dos países da região, com informação sistêmica e atualizada sobre o mundo da leitura, das bibliotecas e da produção.

Outra ação desempenhada pelo CERLALC é o Observatório ibero-americano de cultura e educação para a primeira infância (OPI) que é um sistema de informação cujo objetivo é identificar e difundir projetos, programas e políticas de educação e cultura em Ibero América e outros países, gerando dados atualizados, estudos e tendências internacionais relacionadas à população infantil entre 0 a 6 anos.

O interesse por conhecer as práticas leitoras, sua formação como leitor, a vivência tanto na leitura como na escrita, além do uso e apropriação do ato de ler não são novos. As políticas públicas, tais como os Planos Nacionais de Leitura da América Latina e Caribe, reforçam uma preocupação e valorização da prática de leitura, além de ter como objetivo facilitar o acesso a materiais de leitura através das bibliotecas públicas.

No entanto, faltava um mecanismo que fosse capaz de complementar algo que já foi realizado: as mediações e avaliações destas políticas públicas, que para o CERLALC (2015, p. 17) trata-se de “um desafio nada fácil se entendermos que a medição e a análise das práticas leitoras compreendem a subjetividade do íntimo, pessoal e intangível da experiência de leitura”. Seguindo esta análise, o CERLALC (2015) ressalta a dificuldade metodológica e uma limitação dos estudos, uma vez que, na maioria dos casos, essas medições são de cunho estatístico e visam determinar os elementos, indicadores e parâmetros que contribuem para a construção de categorias no que diz respeito à abordagem da leitura.

O CERLALC entende que a busca por conhecer as práticas leitoras tornou-se:

Um interesse compartilhado de superar as simplificações que reduzem as relações a quantidades, colocando em evidência novas questões sobre, por exemplo, o vínculo entre o número de estudantes e o aumento de leitores frequentes, entre ler com intensidade e bons resultados escolares, entre vender mais livros e um aumento de interesse pela leitura ou entre saber ler e o prazer pela literatura (CERLALC, 2015 p. 28).

O Instituto Pró-Livro, orientado por especialistas e CERLALC, entende a importância de identificar o comportamento leitor e como isso reflete nas mudanças do cenário social, cultural e da educação na sociedade brasileira.

Desde o ano 2000 o Instituto Pró-Livro vem desenvolvendo a pesquisa Retrato da Leitura. Já está na sua 3ª edição e se baseou nas diretrizes propostas pelo CERLALC. No entanto, uma crítica recorrente a essas pesquisas é o fato de estar muito voltada para o mercado editorial e focada no livro como principal suporte de leitura.

As edições anteriores do Retrato da Leitura no Brasil, assim como de pesquisas realizadas em outros países da América Latina e Caribe, deram subsídios para o CERLALC construir o documento “Metodologia comum para examinar e medir o comportamento leitor: o encontro com o digital”, lançado no ano de 2011.

Esta metodologia [...] procura, entre outras coisas, valorizar justamente a leitura em tempos fragmentários. Da mesma forma, faz um apelo à superação da visão centrada no livro que relegou a um lugar subsidiário as leituras que não cabem dentro desse marco.[...] esta metodologia pode funcionar como núcleo ou componente estruturador, agenda de indicadores compartilhados e lista de variáveis iniludíveis para posicionar o trabalho de medição em um plano de comparabilidade regional (CERLALC, 2015 p. 12).

Desde a sua publicação, foram realizados estudos sobre o perfil leitor utilizando a metodologia como instrumento de coleta de dados na Argentina (2011), Brasil (2011), Chile (2014), Colômbia (2012 e 2014), Equador (2012) e Venezuela (2012).

Assim, a metodologia proposta pelo CERLALC serve como um guia, pois segue:

uma fórmula aberta que pode ser enriquecida mediante sustentáculos culturais, sociais e políticos locais, a fim constatar o que ocorre em cada país e em cada momento histórico particular. Desde este ponto de vista, é um sistema aberto e permeável, com vocação para agrupar-se e entrelaçar-se (CERLALC, 2015 p. 15).

Logo, a metodologia pode ser adaptada às condições específicas, possibilitando uma análise mais realista de um determinado público a ser pesquisado. Além disso, é entendida como um conjunto de recomendações a serem seguidas, já que considera que a leitura não se dá somente com objeto livro, mais também de revistas, jornais em suporte físico e, tempos onde a tecnologia é de fácil acesso, cabe avaliar a leitura no meio digital.

Neste sentido, essa pesquisa adotou o questionário proposto pelo CERLALC com adaptações, conforme descrito na subseção XX, entendendo que:

As experiências de leitura e escrita, como outras formas de produzir e compartilhar conteúdos culturais, estão sendo renovadas rápida e profundamente ao serem atravessadas por fenômenos distintos, mas todos de natureza convergente-digital (CERLALC, 2015 p. 29).

Tal instrumento será utilizado na tentativa de identificar o perfil leitor dos alunos dos cursinhos pré-vestibulares comunitários com o objetivo de propor atividades a serem desenvolvidas nesses espaços que estimulem práticas de leitura, portanto, a seguir são

apresentadas a história, bem como as características comuns e as diferenças de cada um dos cursinhos que participaram dessa pesquisa.

5 CENÁRIO DOS PRÉ-VESTIBULARES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
Paulo Freire

Os pré-vestibulares comunitários surgiram no início dos anos de 1990 na cidade do Rio de Janeiro e ganharam força ao longo dos anos seguintes. O primeiro nessa trajetória foi o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), a partir dessa iniciativa, outros grupos foram surgindo.

Uma característica importante e que os cursos comunitários têm em comum são as aulas-palestra sobre cultura e cidadania, já que esta aula tem um papel importante, pois traz para reflexão e debate noções de direitos sociais, cidadania, inclusão social, consciência racial, dentre outros temas relevantes aguçarem o senso crítico sobre questões políticas e a desigualdade social. Cabe ressaltar que as aulas de Cultura e Cidadania têm por objetivo estimular o senso crítico e político dos seus alunos.

Os professores do curso são voluntários, sendo a maioria ex-alunos que conseguiram passar no vestibular e estão recém-ingressados ou terminando o ensino superior. Eles retornam ao curso com objetivo de retribuir e/ou também obter experiência em sala de aula. Tornam-se exemplos de superação, cidadania e valores e passam a ser agentes de transformação social, multiplicando os benefícios sociais de se fazer parte do projeto.

Os alunos que entram para os pré-vestibulares, em sua maioria, pertencem à classe popular, com renda familiar de até três salários mínimos (dependendo do curso). No entanto, cada curso adota critérios de seleção específicos, que será apresentado a seguir em cada subseção.

5.1 Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes – EDUCAFRO

A Fundação Educafro foi criada em 1987 (na época chamada de Pré-Vestibular para Negros e Carentes – PVNC), sendo pioneira na defesa das cotas raciais e a levar o debate adiante, liderando a luta pelo acesso a educação superior de qualidade para oprimidos dos morros e periferias, única ferramenta capaz de transformar os seus sonhos em realidade e pavimentar a sua mobilidade social. Surgiu a partir da ideologia do Frei David Raimundo dos Santos, um dos fundadores do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que é uma experiência anterior à Educafro, advinda da dissidência desse primeiro movimento, hoje existente somente no Rio de Janeiro.

Assim como o PVNC, o Educafro se estabelece na constatação da ausência do negro em cargos de prestígio no mercado de trabalho, bem como na representação política, participação desse grupo nos espaços públicos e acesso às universidades públicas.

O primeiro núcleo do Educafro surgiu em São João de Meriti, Rio de Janeiro em 1993. Atualmente, o Projeto possui filial em diferentes estados e cidades do território nacional, sendo eles: Brasília, Rio de Janeiro, Santos (Baixada), Minas Gerais e São Paulo (Regional Bragantina¹⁸). É considerado uns dos projetos mais bem sucedidos das experiências de cursinhos comunitários no Brasil

Atualmente prepara para o vestibular cerca de 5000 (cinco mil) estudantes negros que, sem o curso, teriam dificuldades financeiras para continuar os estudos. A entidade conta com 184 núcleos, presentes em toda a periferia da cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior, e mantém intenso diálogo com diversos setores de atuação, como Direitos Humanos, Moradia, Reforma Agrária, entre outros. Os núcleos são formados a partir do momento em que atores sociais têm o propósito de transformar a luta que a Educafro encampa numa luta de toda a comunidade (CASTRO, 2005, p. 55).

O projeto pode ser considerado um movimento de resistência e de relevância no que diz a inclusão de negros e carentes no ensino superior. Somente no município do Rio de Janeiro possui cinco unidades: Centro, próximo a Praça Tiradentes; Zono Oeste, na Taquara e em Campo Grande e dois na Zona Norte em Parada de Lucas. Na baixada fluminense, possui unidades nos municípios de: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e São Mateus, totalizando 11 núcleos somente no estado do Rio de Janeiro.

A unidade que participou da pesquisa foi o núcleo João Cândido, localizado na Taquara, zona oeste de Jacarepaguá. O coordenador informou que o pré-vestibular recebe recomendação por parte da Fundação de, no processo seletivo, analisar o perfil sócio

¹⁸ <http://www.educafro.org.br/site/>

econômico dos alunos que têm interesse em ingressar no curso. No entanto, eles têm autonomia para definir o processo seletivo.

O núcleo dá preferência no processo seletivo para pessoas que residem em comunidades; a idade é um quesito importante, pois utilizam como critério de seleção quem tiver maior idade; por tratar de um movimento de inclusão de negros e carentes, a cor/raça também é um critério de seleção, além de considerar a renda *per capita* de até um salário e meio por pessoa da família.

5.2 Projeto Construindo Saber – PCS

O Projeto Construindo Saber¹⁹ foi fundado no ano de 2006, a partir da iniciativa de um grupo de jovens que tinham uma crescente preocupação com a desigualdade que permeia a sociedade brasileira. Nesse sentido, o projeto busca na educação a base para democratização das oportunidades.

Sua proposta é oferecer suporte didático a jovens e adultos da comunidade, com o objetivo de reforçar o ensino/aprendizado que recebem nas escolas. Assim, prepará-los para o acesso às universidades e escolas técnicas.

O processo seletivo dos alunos é realizado a partir de um roteiro de entrevista (Anexo II) e conforme a necessidade, outras perguntas são feitas com a finalidade de complementar o perfil do aluno. Também são observados os critérios para acesso a bolsas do PROUNI, tais como: ter estudado em escola pública ou particular com bolsa integral e possuir renda familiar de até três salários mínimos. 20% das vagas ofertadas são destinadas aos alunos do Colégio Estadual CAIC Euclides da Cunha, colégio esse onde o projeto é instalado.

Inicialmente, o Projeto mantinha, em suas turmas, jovens e adultos da comunidade do Rio das Pedras. Porém, com a crescente procura de moradores das redondezas e uma vez que sua filosofia é de democratização das oportunidades, hoje, sua área de atuação estendeu-se para as adjacências, incluindo parte da Baixada de Jacarepaguá e as redondezas da Barra da Tijuca.

¹⁹ <http://pcsriondaspedras.wixsite.com/home/donate>

5.3 Pré-Vestibular Comunitário – EDUCOM

O Pré-vestibular Comunitário (Educom) nasceu a partir da iniciativa de um grupo formado por 10 alunos oriundos do Pré-vestibular comunitário da Cidade de Deus, mas que residiam no bairro de Gardênia Azul, com o objetivo de solucionar as dificuldades enfrentadas por estes alunos para frequentar as aulas naquela localidade. Nesse sentido, houve uma mobilização para fundar o projeto.

Idealizado no início de 2002, situado no bairro de Gardênia Azul, funcionando efetivamente, o Educom segue as diretrizes da EDUCAFRO, no entanto, possui sua própria carta de princípios que norteia as ações e decisões do projeto.

Mesmo antes da sua inauguração do Projeto, várias ações de entendimentos com entidades culturais já haviam sido feitos, como por exemplo: o estabelecimento da carta de princípios e a possibilidade de uma “franquia social” através do EDUCAFRO; A inscrição do Pré-vestibular na PUC-Rio, com vistas a pleito futuro de bolsas para os alunos com melhor aproveitamento na Escola Municipal Helena Lopes Abranches, a fim de demonstrar o empenho, a função social e o respeito ao ambiente, bem como, a gratidão pelo espaço cedido; Na 7ª CRE, para o endosso da concessão.

O trabalho desenvolvido foi consistente. Mesmo tendo sido iniciado em setembro, com o aproveitamento dos alunos que já vinham estudando juntos e um programa de estudos mais focado no vestibular, ao final do ano tivemos dez alunos aprovados. - “mas mesmo que fosse apenas um já teria valido a pena”, segundo um dos mentores do EDUCOM.

Algumas situações fizeram com que o projeto corresse o risco de acabar. Foram perdas de espaços, já que teve de mudar cinco vezes durante sua existência; dissidência de coordenador, fazendo com que professores abandonassem o pré-vestibular; Perseguição por políticos que queriam vincular sua imagem ao Projeto Social, fazendo parecer que a iniciativa era um projeto político, o que fere diretamente a carta de princípios, já que com base nesta, a Educafro e seus filiados não podem estar vinculados a partidos políticos.

O EDUCOM atende alunos oriundos de Jacarepaguá e adjacência, bem como tem recebido oferta de voluntários de outros municípios distantes do local de funcionamento.

Os alunos que entram para o projeto possuem, em sua maioria, renda familiar de até dois salários mínimos e histórico de acesso a educação no período noturno, logo tem pouco tempo para estudar, já que trabalham. Partindo do princípio de que os alunos possuem uma base fraca de conhecimentos, principalmente, português, matemática e física e devido à

dificuldades de acompanhar o conteúdo ministrado em sala para o vestibular, há uma tendência natural à evasão. Por mais que sejam ofertadas opções para a continuidade, desistem do seu objetivo, mas há um número significativo de alunos que retornam em anos posteriores para nova tentativa.

Visando uma maior inclusão e redução da descriminalização, o projeto não dá importância para critérios como: raça, cor, credo ou opção sexual, elevando o respeito mútuo, ao ambiente e à vontade de estudar para “quebrar a escrita” de que por viver em área de periferia, só lhe resta estar na periferia social²⁰.

²⁰ Informação dada pelo coordenador do Projeto

6 PERFIL LEITOR: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

“O que prevemos raramente ocorre; o que menos esperamos geralmente acontece”.
(Benjamin Disraeli)

Participaram da pesquisa 119 alunos, sendo 66 do PCS, 37 do EDUCAFRO e 16 do EDUCOM. O questionário foi estruturado em oito partes, contendo 56 questões em suporte de papel, aplicado com a presença da pesquisadora e depois transcrito as respostas para o *googledocs*, onde foi possível gerar os gráficos com o objetivo de serem analisados. Nesse sentido, a apresentação dos resultados será relacionada de acordo com a estrutura do questionário.

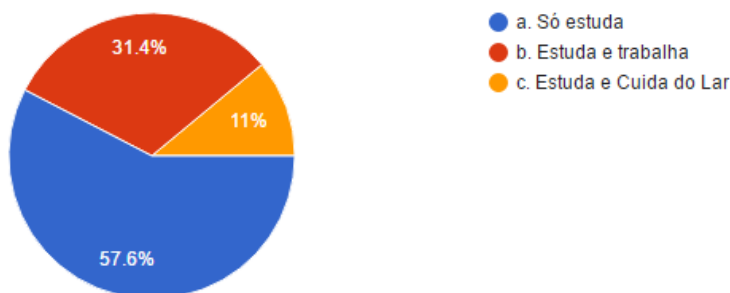
Parte I – Caracterização do entrevistado

Como apresentado na metodologia, os cursos onde os questionários foram aplicados estão localizados na região de Jacarepaguá, logo os participantes são moradores da região, sendo a maioria (44,5%) do sub-bairro do Rio das Pedras.

Um dado que chamou a atenção na pesquisa foi que as mulheres estão em maioria (65,5%) quando se refere aos estudos e à busca por uma oportunidade de ingresso ao ensino superior nesses espaços.

A idade dos alunos dos cursinhos vai de 16 até 54 anos. No entanto, a maior parte dos alunos tem entre 17 e 19 anos. Dado relevante, pois mostra que os jovens, ao concluir o ensino médio, estão buscando dar seguimento ao estudo através do acesso ao ensino superior. Diante desse perfil, 57,6% dos respondentes só estudam como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 12 - Qual é a sua ocupação principal?



Fonte: Autora

Dos respondentes, a maioria (45%) tem interesse em prestar o vestibular para a área das Ciências Humanas, disseram que almejam a área das Ciências Exatas 31,5% e 23,4% Ciências da Saúde.

A partir do momento que se almeja o acesso ao ensino superior, a leitura e interpretação são quesitos importantes e cobrados constantemente nas provas e estão presentes em todas as áreas. O vestibular, independente da área de conhecimento, demanda tempo e dedicação por parte dos estudantes. No entanto, os cursos mais concorridos demandam maior disponibilidade de tempo de estudo para que estejam mais preparados para as provas.

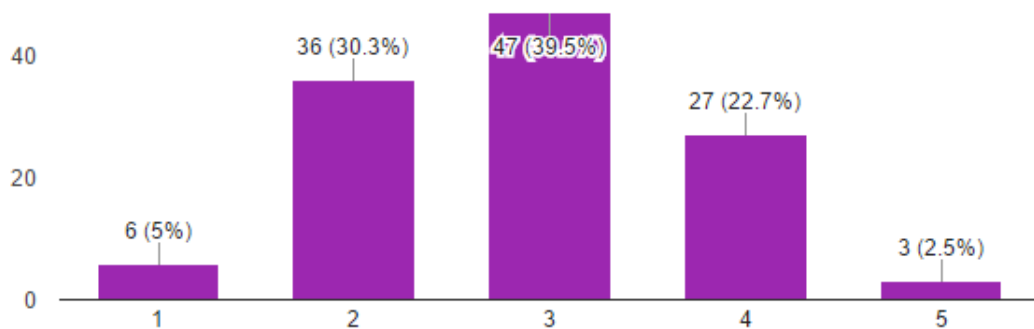
Parte II – Perfil do Leitor

A – Autopercepção

A primeira pergunta dessa etapa da pesquisa gerou muita dúvida dos participantes, no questionário teste não tivemos essa percepção, talvez por ter sido deixado com eles e não ter contado com a presença da pesquisadora durante o preenchimento. Enquanto no presente caso, como a pesquisadora estava presente, os respondentes não acharam a pergunta clara e objetiva, necessitando de esclarecimento mais de uma vez para o grupo e individualmente.

Quando perguntados sobre o grau de compreensão de um texto, apenas 5% disseram ter compreensão de texto muito fácil, como podemos observar no gráfico 13. 64,7% estão entre o nível intermediário ao muito difícil. Esse resultado torna-se relevante uma vez que se tratando de alunos que estão se preparando para o vestibular, onde a leitura e compreensão de textos são cobrados nos exames.

Gráfico 13 - Qual é o seu grau de compreensão de um texto (sendo 1 muito fácil e 5 muito difícil)?

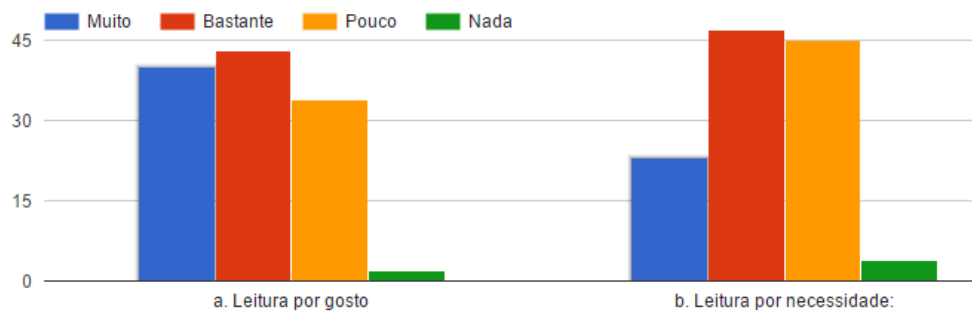


Fonte: Autora

Perguntados sobre o nível de leitura praticado, comparado ao ano anterior, 33,1% dos respondentes afirmaram que leem mais atualmente, no entanto, 39,8% leem igual e 23,7 leem menos e 3,4% não souberam identificar. Novamente observamos que os grupos pesquisados são pessoas que estão se preparando para ingressar no ensino superior e que o nível de leitura deveria ser maior, pois não se trata apenas de leitura de lazer, mas de leitura visando sua capacitação para o vestibular.

Quando perguntados sobre o nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por gosto ou por necessidade, conforme o gráfico 14, observou-se que as respostas foram bem equilibradas, ainda que um número maior de respondentes tenha afirmado que leem por gosto.

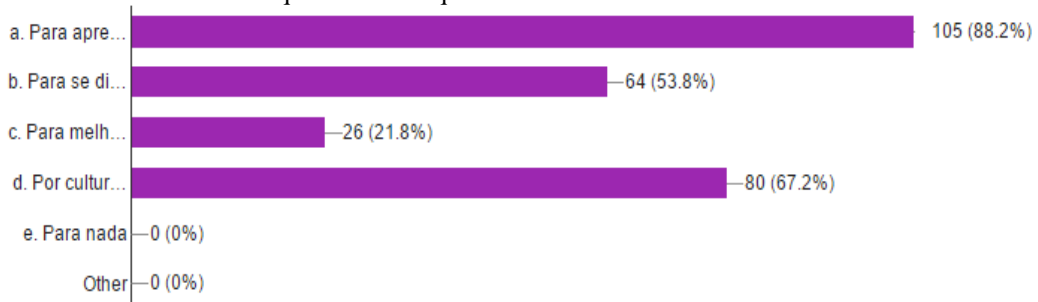
Gráfico 14 - Marque o seu nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por gosto ou por necessidade:



Fonte: Autora

O gráfico 15 mostra que a leitura, no entendimento dos respondentes, é menos utilizada para melhorar no trabalho (21,8%). No entanto, a maioria (88,2%) ressaltou a importância da leitura para o aprendizado, seguido da leitura para adquirir cultura geral (67,2%), para se divertir (53,8%) e ninguém respondeu que a leitura não serve para nada, o que mostra que alguma função ela desempenha na vida dos alunos.

Gráfico 15 – Para que você acha que lhe serve a leitura?



Fonte: Autora

A pergunta a seguir oferecia 12 opções de respostas, permitindo ao respondente informar mais de uma resposta sobre o seu nível (de 1 a 4) se estavam de acordo ou em desacordo em relação às seguintes afirmativas:

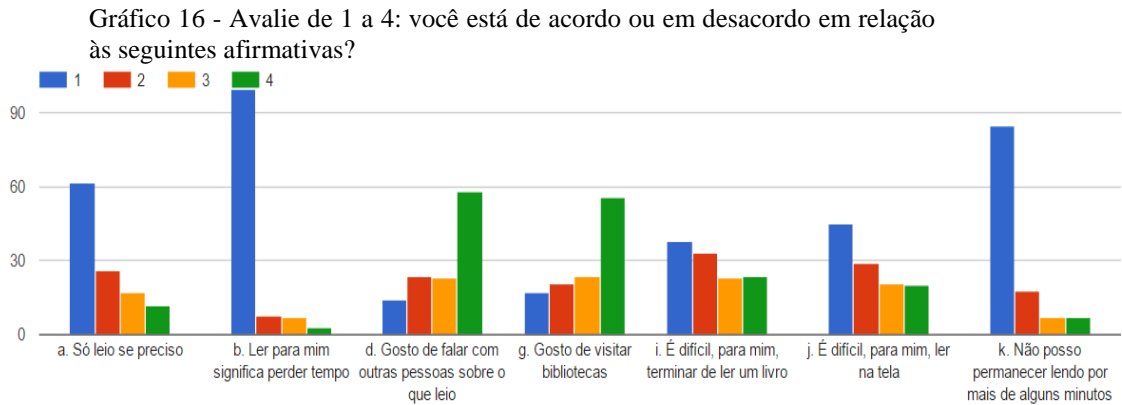
- a. Só leio se preciso;
- b. Ler para mim significa perder tempo;
- c. Ler é um dos meus passatempos favoritos;
- d. Gosto de falar com outras pessoas sobre o que leio;
- e. Fico contente de receber um livro de presente;
- f. Gosto de visitar livrarias e bancas de revistas;
- g. Gosto de visitar bibliotecas;
- h. Gosto de trocar livros e revistas com os meus amigos;
- i. É difícil, para mim, terminar de ler um livro;
- j. É difícil, para mim, ler na tela;
- k. Não posso permanecer lendo por mais de alguns minutos e;
- l. Gosto de ler na tela.

Essa pergunta gerou dúvidas por parte dos alunos, sendo necessário explicar mais de uma vez para os grupos e individualmente. Dessas perguntas apontadas acima, optou-se em selecionar as respostas que tiveram maior relevância para pesquisa, são elas: “a”, “b”, “d”, “g”, “i”, “j”, e “k”.

Observa-se no gráfico 16 que a maioria dos respondentes só lê quando precisa e que ler, para eles, significa perder tempo, além de não poderem permanecer lendo por mais de alguns minutos, também não gostam de falar com outras pessoas sobre o que leem, não ficam contentes de receber um livro de presente e não gostam de visitar livrarias, bancas de revistas ou bibliotecas. Então podemos concluir que mesmo lendo por necessidade e achando este ato perda de tempo, compartilhar o que se leu e estar em ambientes literários, não é uma prática realizada com frequência.

62,2% dos respondentes afirmaram ter dificuldade para ler na tela, podemos aferir que esse resultado é direcionado para leitura de livro, uma vez que na Parte VI do questionário (Internet, uso e acesso), esclarece que eles usam o recurso tecnológico com muita frequência, no entanto, o uso para a maioria é com o objetivo de acessar as redes sociais, leitura de jornais e revistas. Logo, para leitura de livros, o suporte em papel, mesmo na era tecnológica, apresenta mais conforto para o leitor.

Com relação à resposta para a pergunta “k”, não posso permanecer lendo por mais de alguns minutos, podemos aferir que esse grupo possui dificuldade para ler textos extensos.



Fonte: Autora

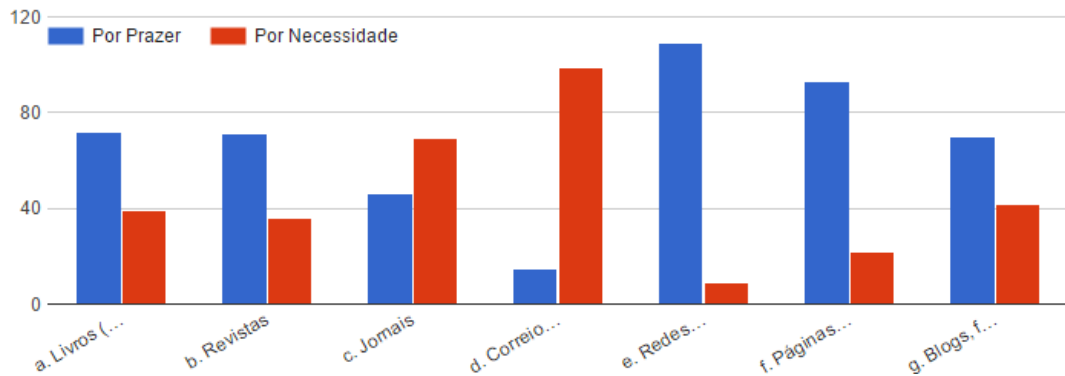
B– Práticas leitoras, motivos e dificuldades para ler

Nessa parte da pesquisa, o objetivo era identificar as práticas leitoras, as razões que os levam a ler e as dificuldades encontradas. A primeira pergunta dessa etapa foi sobre as principais razões para ler e a frequência. Os respondentes tinham que informar a frequência de leitura em relação a um conjunto de sete razões pré-determinadas. As respostas que se destacaram foram relacionadas a cinco destas razões, sendo quatro delas com destaque para uma maior frequência de leitura. Somando-se os que responderam que “leem diariamente” e “alguma vez por semana” a razão que teve o maior percentual das respostas (89,1%) foi “ler para se informar”, seguido de “leitura por razões de estudo” (79%), “lazer e/ou gosto” (63%) e para “atualização profissional” (58%). Por fim, a razão que se destacou com o mais baixo costume de leitura na pesquisa foi por “motivos religiosos” 63,9%, somando os que “nunca” leem, os que leem “alguma vez por trimestre” e os que leem “alguma vez por mês”. Observa-se que a leitura religiosa tem um número considerável de respondentes (36,1%), somando-se os que “leem diariamente” e os que leem “alguma vez por semana”.

O gráfico abaixo traz dados sobre a leitura por gosto e necessidade, destacando que a leitura por prazer são as redes sociais e páginas da *web* que não sejam jornais, revistas e blogs. Já para a leitura por necessidade, destacam-se os correios eletrônicos (e-mail) e os jornais.

A partir desse resultado, podemos concluir que a preferência de leitura dos respondentes é o acesso às redes sociais e às páginas da internet.

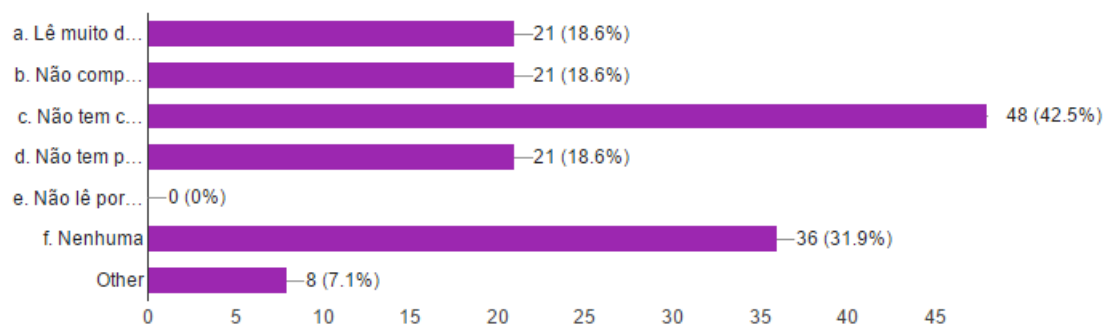
Gráfico 17 - Quais leituras você realiza por gosto e por necessidade?



Fonte: Autora

Quando perguntados sobre as limitações ou dificuldades para se ler, conforme apresentado no gráfico 18, a dificuldade de maior destaque (42,5%) foi “não ter concentração suficiente para ler”. Já 18,6% dos respondentes disseram ler muito devagar, não compreender o que leem e não ter paciência para ler.

Gráfico 18 - Quais das seguintes limitações ou dificuldades você tem para ler?



Fonte: Autora

Algumas dificuldades encontradas que não estavam listadas foram destacadas através da pergunta aberta, tais como:

“Começo lendo um conteúdo e vou para outro sem terminar, pois considero que o que resta do primeiro conteúdo já não [me] acrescenta”.

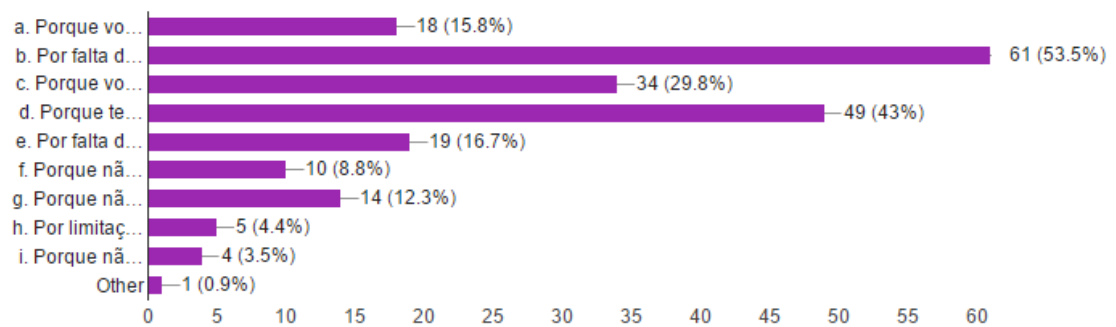
“[A leitura] Me dá sono e acabo cochilando”

“A luz, ao bater em folhas muito claras e reluzentes”.

“Quando o assunto não é do meu interesse”.

A falta de tempo é um dos principais motivos para os estudantes não lerem (53,5%), seguido da preguiça (43%) e por preferir outras atividades recreativas (29,8%). Apenas 3,5% disseram não ler com frequência porque não têm acesso permanente à Internet, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 19 - Quais são as principais razões para você não ler com maior frequência?



Fonte: Autora

C– Leitura durante a infância e práticas de mediação de leitura

Nessa parte do questionário, o objetivo era coletar dados sobre a interação familiar no processo de prática de leitura, buscando essa relação na memória afetiva da infância.

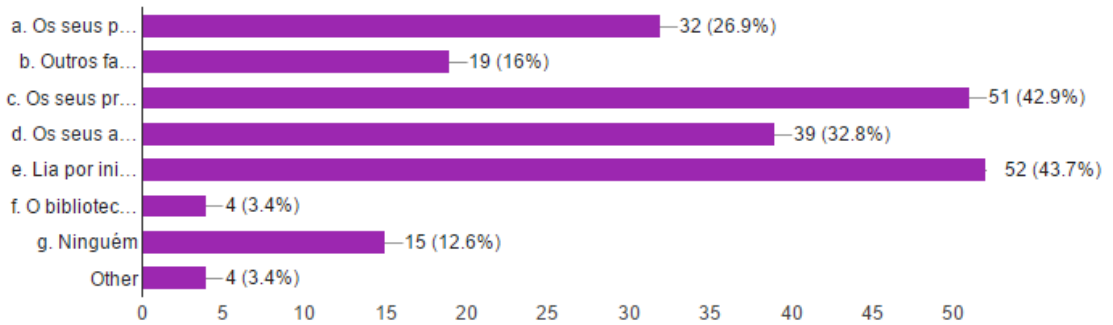
A partir dos resultados obtidos, observou-se que a família desses grupos tem/teve pouca, ou quase nenhuma, participação no processo de formação leitora desses jovens e adultos. A maioria (54,6%) respondeu que “nenhum familiar” leu para eles durante a infância, e na pergunta exclusiva sobre o pai e mãe, as respostas foram respectivamente de 72,3% e 55,5% que nunca leram para os seus filhos, deixando para a escola a tarefa de iniciação à leitura, 68,9%, o somatório das respostas “sempre” e “1 x por semana” no qual os professores liam para os respondentes.

Acredita-se que esse resultado deve-se ao fato de se tratar de estudantes cujos pais têm baixo nível de escolaridade. São eles, em sua maioria, vindos de outros estados, principalmente norte e nordeste, em busca de oportunidades de emprego e melhoria de vida para eles e os seus.

Os principais influenciadores da leitura para os alunos, como apresentado no gráfico 20, são eles mesmos (43,7%), depois os professores (42,9%) e seus amigos (32,8%). Os

bibliotecários foram indicados como os que menos influenciaram na formação leitora desse grupo, apenas 3,4%, o que demonstra que a relação entre esses alunos e a biblioteca ou a figura do bibliotecário não é próxima.

Gráfico 20 - Que pessoas influenciaram você a ler?



Fonte: Autora

No entanto, depois do processo de alfabetização, os pais e familiares passam a ser mais presente na vida leitora desses alunos. 35% disseram que algumas vezes eram presenteados com livros, revistas em quadrinhos e/ou outras revistas, 24,8% muitas vezes, 23,1% poucas vezes e 17,1% nunca.

Em relação a esses dados o que mais chama atenção é o fato dos bibliotecários terem pouca influência na formação leitora desses alunos o que sugere a importância dessa investigação.

D- Cenários transmidiáticos

Nesse item, o objetivo era identificar a relação da leitura com outras ações, e se os respondentes desenvolvem alguma atividade participativa na Internet vinculada com a leitura, com um tema ou com um autor e entender o que fazem durante seu tempo livre.

Com relação a leitura vinculada a outras atividades, noventa e nove dos respondentes disseram que preferem a leitura em silêncio, sem interferências de outros meios. Poucos disseram ter a habilidade de ler enquanto desenvolvem outra atividade, mostrando que a leitura precisa de atenção e disponibilidade.

Quando perguntados se realizam alguma atividade participativa na Internet vinculada com o que lê, com o tema ou com o autor, percebe-se maior participação através das redes sociais (*facebook, twitter, etc*).

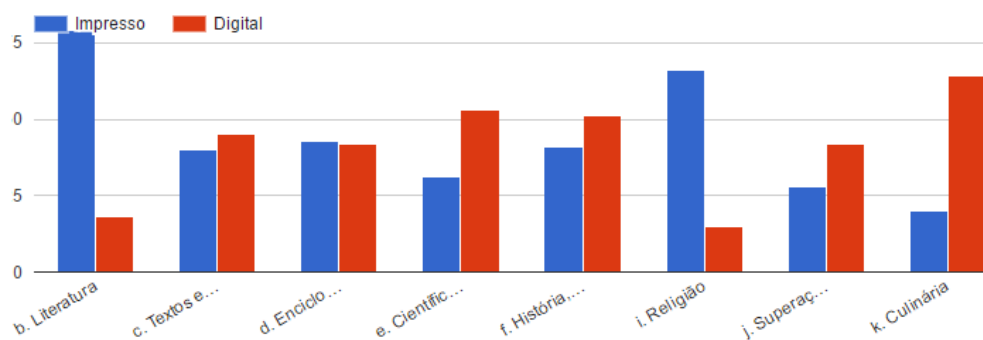
Durante o tempo livre poucos frequentam cinema, teatro, museus, concertos e exposições. A maioria respondeu que os momentos de lazer são usados para navegar na internet, seguido de escutar música, assistir vídeo, ler e assistir televisão. Cerca de 60,6% dos respondentes disseram ler muito ou bastante no seu tempo livre, superando as mesmas respostas para assistir televisão (54,6%). Este resultado gerou certa surpresa, talvez pela presença da pesquisadora, ao longo do preenchimento do questionário.

Parte III. Perfil do leitor de livros

Na análise do perfil do leitor de livro, a pergunta inicial foi quanto à frequência de leitura de livros; 22% dos respondentes disseram que leem livro diariamente. Se somarmos com os que leem alguma vez na semana, temos 47,7%. Esse número é consideravelmente menor do que os 60,65% dos estudantes que informaram, no item anterior, ler muito ou bastante no seu tempo livre. Enquanto que a soma dos que leem com menor frequência totaliza 18,5%, correspondendo às respostas de “alguma vez no trimestre”, “alguma vez por ano” e “nunca”.

Como apresentado no gráfico 21, a leitura realizada em formato impresso, livros de literatura e livros religiosos, é a mais recorrente dentre os estilos de leituras apresentados no questionário. Os menos lido, independente do suporte, são os livros de superação pessoal e autoajuda. O mais lido em formato digital são as receitas de culinária, o que podemos deduzir que não se trata de leitura de livros, mas sim de material disponível na *web*.

Gráfico 21 - Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato? (Livros)



Fonte: Autora

Os gêneros literários destacados pelos respondentes através de pergunta aberta são romance, drama e ficção, respectivamente, e as principais razões que levam esse leitor a

escolher um livro, são “pelo tema” (80,7%), “recomendação de um amigo ou familiar” (49,1%), “pelo autor” (36,8%) e por “recomendação em sites especializados ou nas redes sociais” (35,1%).

Quanto a forma de aquisição, as três principais são por meio de compra, empréstimo por amigos ou familiar e quando presenteados. 6,3% disseram adquirir por meio de cópia.

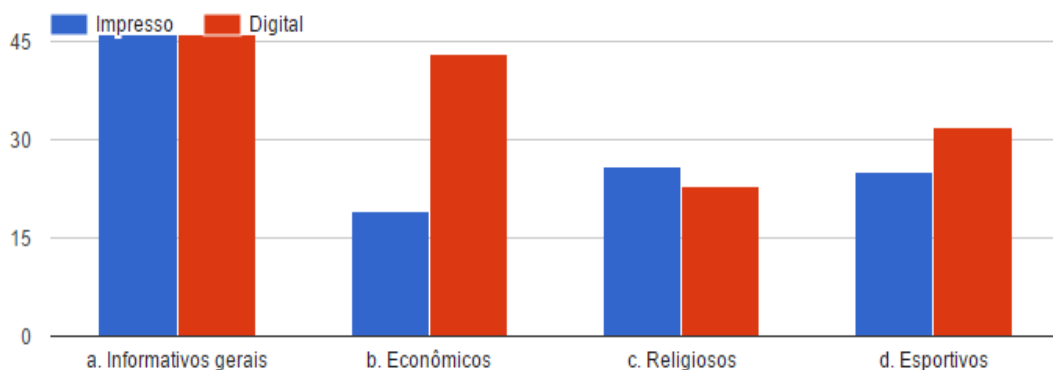
A quantidade total de livros que os respondentes possuem (38,65%) são de até dez livros impressos e 51,8% não tem nenhum livro em formato digital.

Parte IV. Perfil do leitor de Jornais

Na análise do perfil do leitor de jornal, quando perguntados sobre a frequência de leitura de jornais impressos, 49,5% dos respondentes não possuem o hábito de leitura de jornais.

No gráfico abaixo, pode-se observar que a leitura de jornais realizada em formato impresso e digital, ainda que com uma pequena diferença, o formato digital é o meio mais utilizado, empatando apenas em leitura para informativos gerais, quando de jornais religiosos, o impresso ainda tem maior relevância no formato impresso.

Gráfico 22 - Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato? (Jornais)



Fonte: Autora

A maioria respondeu que os jornais lidos são gratuitos, tanto o impresso como também os consultados pela internet. Apenas 2,1% disseram ler jornais comprados através de assinatura digital e nenhum possui assinatura de jornal impresso. 41,5% disseram que a forma de aquisição é por meio de compra em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.).

Parte V. Perfil do leitor de revistas

No perfil do leitor de revistas, observa-se que as maiorias dos respondentes (70,2%) não possuem o hábito de ler esse tipo de material, apenas 5,3% leem revista diariamente.

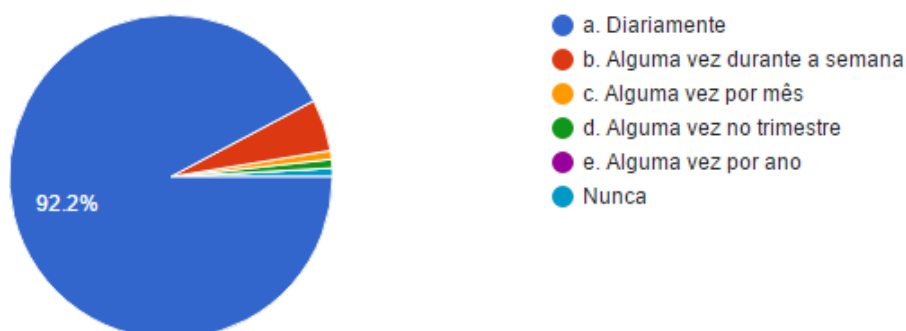
O suporte de leitura mais utilizado é o digital, dentre os gêneros listados, apenas histórias em quadrinhos/passatempos e revistas religiosas são lidas pela maioria em formato impresso.

As revistas são adquiridas pela maioria de forma gratuita, tanto o no suporte impresso como também os consultados pela internet. Apenas 3,3% disseram possuir revistas compradas através de assinatura digital e 2,2% possuem assinatura de revista impressa. 50% disseram que uma forma de aquisição é por meio de compra em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.).

Parte VI. Internet, uso e acesso

Quanto ao uso e acesso a internet, podemos aferir que os respondentes são conectados e utilizam, com muita frequência, a internet. Quase todos (97,4% quando somados os que usam diariamente e algumas vezes na semana), apenas uma pessoa (o que representa 0,84%) disse nunca ter usado internet, como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 23 - Com que frequência você se conecta à Internet?



Fonte: Autora

Os principais lugares onde se conectam à Internet são a própria casa (94,8%), área pública (38,3%) e o trabalho (25,2%). Apenas 11% usam a internet em bibliotecas públicas.

Os 76,3% dos participantes disseram usar o telefone celular como dispositivo para se conectar a internet e 17,5% usam outros dispositivos como *tablets*, *notebook* ou *desktop*. O que mais se lê nos dispositivos digitais, e com maior frequência, são as mídias sociais, páginas da *web*, seguida da leitura de correio eletrônico e blogs.

Quando perguntados sobre o que costumam ler com os dispositivos digitais, 72,1% fazem leitura de material de interesse pessoal e 11,7% leem para estudo e para se manter informados.

As três razões principais para se conectar à Internet são para buscar informação (83,5%), para participar das redes sociais (69,6%) e para estudar (47%). Apenas 4,3% se conectam para ler livros.

Parte VII. Uso de bibliotecas

Nessa parte da pesquisa o objetivo era saber qual a relação dos respondentes com a biblioteca, os motivos para frequentar ou não e as atividades desenvolvidas nesse ambiente. Os resultados mostraram que a biblioteca mais utilizada é a pública (39,5%), seguido de um grande número de estudantes que não visita nenhuma (35,3%).

Esse dado chamou a atenção e acredita-se que esse resultado tenha ocorrido, provavelmente, pela grande divulgação através das mídias de comunicação (rádio e televisão) das bibliotecas parque, além das atividades lúdicas, propostas por elas, antes do seu fechamento.

Mesmo sem colocar a “biblioteca escolar” como uma das opções de acesso pré-definidas no questionário como múltipla escolha, 0,8% dos respondentes, representados por uma pessoa, respondeu que frequenta esse espaço no campo discursivo “outros”.

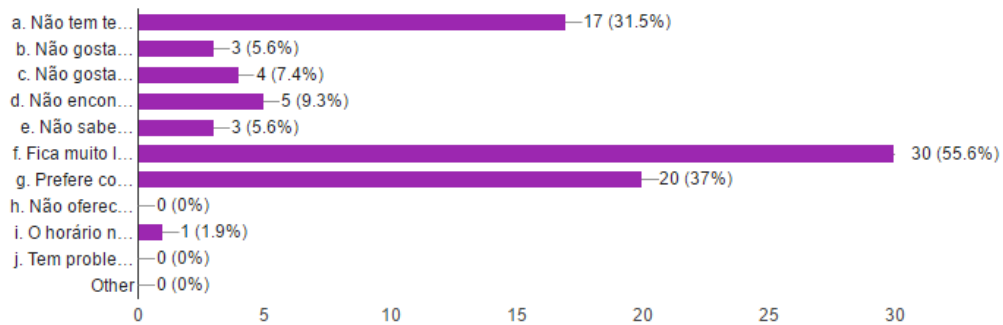
Vale esclarecer que na comunidade do Rio das Pedras existe uma biblioteca comunitária (Biblioteca Comunitária Wagner Vinício) e, no entanto, apenas (10,1%) disseram frequentá-la. Cabe ressaltar que sessenta e seis dos respondentes são inscritos no curso localizado na comunidade. Com isso, pode-se concluir que a relação do pré-vestibular com a biblioteca não seja próxima, necessitando de maior interação entre eles.

Dentre os principais motivos para utilizar uma biblioteca, três deles destacaram-se: para ler (65,8%); para estudar (57,9%) e para procurar informação (46,1%).

O gráfico 24 mostra alguns motivos para que os alunos não frequentem a biblioteca, as principais razões são: ficar muito longe (55,6%); prefere conseguir material de leitura por outros meios e não ter interesse em ir a uma biblioteca (31,5%).

Não conseguimos identificar nessa pesquisa, quais bibliotecas os respondentes frequentaram e o índice de frequência.

Gráfico 24 - Quais são as principais razões para você não usar uma biblioteca?

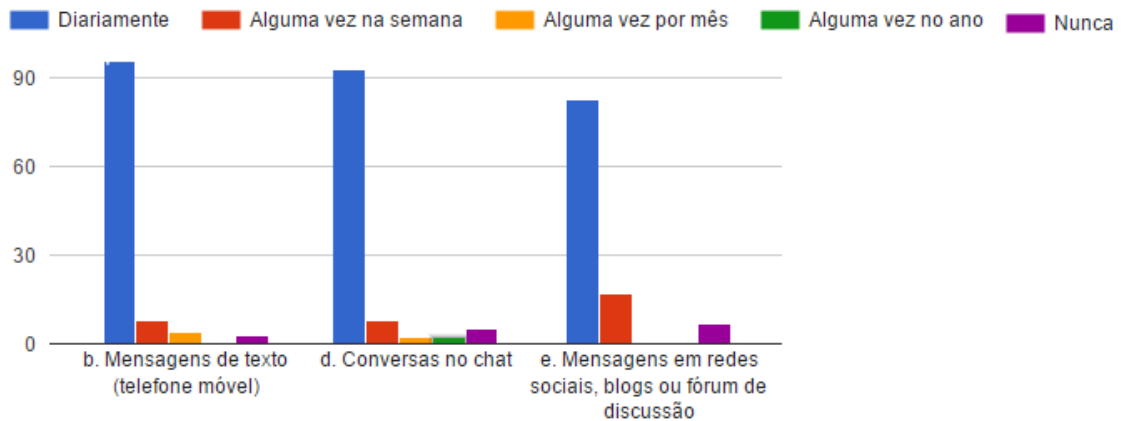


Fonte: Autora

Parte VIII. Práticas de escrita

Os resultados dessa parte da pesquisa mostram que apenas 14% consideram que a escrita serve para o aprendizado. Os dados apontam que os respondentes gostam de escrever e também que têm facilidade para isso, 49,1% e 23,7% respectivamente. Acha que a principal razão de escrever é possibilitar a comunicação com outras pessoas e expressar as suas emoções ou pensamentos. No entanto, gosto e aptidão são voltados para escrita informal em mensagens de texto via telefone móvel, mensagens em redes sociais, blogs ou fórum de discussão, redes sociais e conversas no chat como apresentado no gráfico 25 que foi adaptado com os resultados mais relevantes:

Gráfico 25 - O que você escreve e com que frequência faz isso?



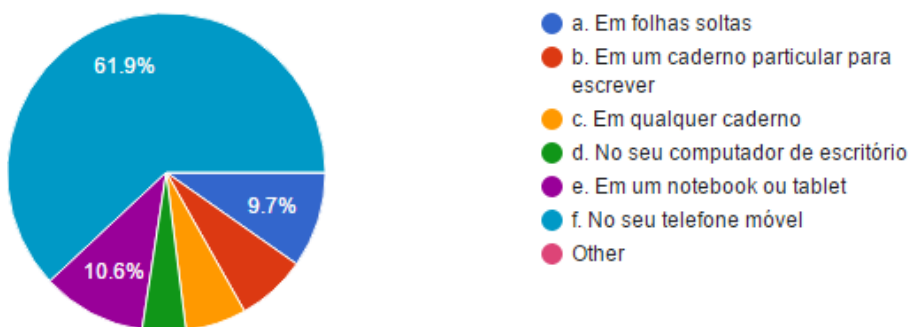
Fonte: Autora

Quando perguntados sobre qual seria a principal razão para não escrever com uma maior frequência, somados a “falta de motivação”, “não ter nada a dizer” e “não ter vontade” totaliza 77,4% dos respondentes. Apenas 13,1% alegou não escrever com maior frequência, por não ter ninguém para guiá-lo ou corrigi-lo.

A forma de compartilhamento do que é escrito comprovaram que a escrita acontece no meio informal de comunicação, 76,8% dos respondentes informaram que utilizam as redes sociais para compartilhar informação e desses, 66,7% disseram que são com os amigos que compartilham.

O gráfico 26 mostra que o suporte de escrita mais utilizado pelos respondentes é o celular. Mais uma vez, o resultado confirma que a escrita realizada pelos alunos é para comunicação com outras pessoas, não se preocupando com as regras de português e com a qualidade de um texto formal, o que é cobrado em uma redação de vestibular.

Gráfico 26 - Em que suporte você escreve com maior frequência?



Fonte: Autora

Após responderem o questionário, agradecemos pela participação e foi deixado um espaço para que os respondentes deixassem comentários. Recebemos críticas pelo questionário ser muito longo e também elogios tais como:

“Gostei das perguntas, pena que não tenho sabedoria para responder com mais experiência, gostaria de ler mais com prazer”.

“Gostaria muito depois [que depois] desse questionário desenvolver o hábito da leitura através de ajuda”.

“Muitas escolas não têm biblioteca ou quando tem, quase não tem livros. São poucas bibliotecas públicas e ficam muito longe”.

“Vocês precisam diminuir mais isso. Ninguém gosta de perder muito tempo respondendo”.

“As alternativas poderiam ser: sim, não, talvez e nunca. Fica mais fácil”.

7 AÇÕES DE ESTÍMULO À LEITURA

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
Arthur Schopenhauer

Os resultados apresentados na seção anterior revelam que a maioria dos alunos dos 3 cursos pré-vestibulares que participaram dessa pesquisa é jovem, tem idade entre 17 e 19 anos, com renda familiar de até 3 salários mínimos e oriundo de escolas públicas.

Observou-se que a família tem/teve pouca, ou quase nenhuma participação na formação leitora desses jovens e adultos, deixando a cargo da escola, dos professores e de pessoas de convívio próximo.

O grupo estudado reconheceu que possui dificuldades para compreensão de texto, principalmente, quando se trata de textos mais extensos, uma vez que possuem dificuldades de concentração e não gostam de dedicar muitas horas para leitura. Para eles, esse ato é considerado perda de tempo.

A maioria dos alunos dos cursos pré-vestibulares comunitários que participaram da pesquisa prefere a leitura por meio da *web* no celular, onde a principal fonte de leitura são as redes sociais. Poucos têm a prática de leitura de outros tipos de materiais e suportes, principalmente, de livros.

Apesar de lerem mais ou igual, quando comparado ao ano anterior, a leitura é direcionada para coisas que seja de interesse pessoal. Cabe lembrar que o *facebook*, *twitter*, *whatsapp* e a *web em geral*, mesmo sendo formas de contato com a leitura, são considerados meios informais de comunicação onde não há uma preocupação com a norma escrita.

Poucos leem revistas e jornais e, quando o fazem, a forma de leitura é no meio digital. O resultado aponta para uma nova tendência de leitura de jornais e revistas, onde o suporte digital ganha mais espaço para esses formatos.

A leitura de livro apresentou uma significativa relevância para o grupo e esses leitores gostam de realizá-la no suporte em papel. O ato de manusear o objeto livro ainda tem seu encantamento, talvez por trazer mais conforto no ato de ler. Mesmo com toda facilidade, a leitura no meio digital é utilizada para textos menos extensos e que demandam um grau de concentração menor.

O fator tempo para se dedicar a leitura foi salientada pelos respondentes, no entanto, levando-se em consideração que a maioria deles não trabalha e só estuda, teoricamente, o tempo para se dedicar a leitura não deveria ser um problema. Esse resultado nos faz lembrar a

citação de Galeano (2016, p. 115) “Como são esquisitos os civilizados! Quase todos têm relógio – mas quase nenhum tem tempo”. Tal frase nos faz refletir sobre as diversas situações no nosso cotidiano, onde temos que saber administrar o nosso tempo para dar conta das tarefas diárias, na maioria das vezes, ao terminar o dia concluímos que faltou tempo para fazer tudo que planejamos. Será que estamos distribuindo adequadamente nosso tempo?.

Para que sejamos leitores, é necessário dedicação, ou seja, reservar algum momento do dia à leitura, como destacado no PNLL, a leitura deve ocupar destaque no nosso imaginário (BRASIL, 2010, p. 19). Diante disso, é possível supor que a leitura não é prioridade para esse grupo de alunos.

Cabe destacar que, no que tange a leitura religiosa, tanto em livro (bíblia), revistas e jornais, ainda que seja acessada em meio digital, os resultados apontam que o meio mais comum de leitura é no suporte em papel.

Os resultados demonstram também que a biblioteca pública não tem participação na formação leitora desses alunos, no entanto, é interessante identificar que boa parte dos jovens e adultos já foi ou frequentou uma biblioteca para ler e pegar livros emprestados. Os dados mostram a necessidade de articulação e aproximação da biblioteca pública com esse universo dos alunos dos cursos pré-vestibulares comunitários.

Visto que leitura não é apenas o ato de ler e levando em consideração as condições e a realidade desse grupo, propomos atividades que possam estimular a prática da leitura, a partir da análise do perfil leitor dos alunos dos cursos dos pré-vestibulares comunitários que participaram da pesquisa. Focando no entendimento do que é leitura de mundo, proposta por Martins, M. (1986) como aquela que permite que o indivíduo desenvolva o senso crítico e veja além do senso comum, que através da leitura esse ser ganhe autonomia, mudando seu lugar na sociedade.

A leitura é uma atividade que não deve deixar de ter um caráter lúdico, um formador de leitores precisa saber quais as atitudes a serem tomadas, pois a linha que separa um futuro leitor de um indivíduo avesso à leitura é tênue. A leitura deve acontecer de maneira consciente e prazerosa e de forma a aumentar o senso crítico em cada leitor, e não somente juntar letras e sílabas. (TEIXEIRA, 2009, p. 12).

Nesse cenário, existem profissionais que em sua formação desenvolvem competências para atuar como mediador de leitura e o bibliotecário é um dos profissionais capacitados para desenvolver essas atividades, tendo dentre suas funções: - incentivar a prática de leitura utilizando livros, revistas e jornais como método de interação, atividades literárias e lúdicas buscando conhecimento e; - atuar como um facilitador cultural oferecendo meios de complementação a educação formal, propondo visitas aos museus, centros históricos e assim

possibilitando que os alunos ampliem seus conhecimentos e ideias acerca do mundo em que estão inseridos.

Rasteli (2013, p. 39) entende e considera a mediação da informação para a leitura sendo:

não somente a leitura da palavra (que muitos reduzem de forma equivocada apenas a leitura literária), mas principalmente a leitura de mundo (aquela leitura do cotidiano do usuário que motiva a construção de conhecimento para a vida).

Almeida Júnior (2009) propõe que a mediação da informação permita que o usuário saia da categoria de mero receptor, para tornar-se ator central do processo de apropriação do conhecimento. Essa concepção ganha uma nova consciência que remete para um novo olhar:

O olhar passa a ser outro, desloca-se: em lugar da mirada sobre os objetos em si, agora a atenção está sobre as práticas dos sujeitos que se apropriam dos objetos que circulam para construir significados. Olhar que não está interessado em somente descrever, mas, sim, em inter-relacionar(-se), construir junto, compartilhar. Em compreender, informar e ler como formas de reinventar, recriar, reescrever o mundo (NÓBREGA, 2009, p. 98).

Para o fomento da mediação da informação e da leitura entre os alunos dos pré-vestibulares, a seguir, são elencamos uma série de atividades a serem desenvolvidas por bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas, em parceria com os cursinhos pré-vestibulares comunitários, visando estimular a prática de leitura.

Cabe registrar que essas atividades não são propostas novas, mas entendidas como práticas estratégicas que podem colaborar para a formação do leitor desse grupo de alunos.

Leitura em casa

Já que os resultados apontaram para pouca ou quase nenhuma participação da família no processo de formação leitor desses jovens e adultos e levando em conta que o ambiente familiar influencia a formação da leitura, como atividade, pode-se propor uma oficina onde o bibliotecário irá selecionar alguns textos literários para que o aluno escolha e leve para sua casa, com o objetivo realizar a leitura para um ou mais membros da família, trazendo essa experiência para compartilhar com a turma.

Os relatos desse experimento podem ser expressos na forma de um texto escrito, construído em uma atividade integrada de prática de leitura com língua portuguesa. Dessa forma, a oficina poderá proporcionar para alguns o primeiro contato com a leitura em família

e também o exercício da escrita, prática esta cobrada nas redações e nas provas discursivas dos vestibulares.

Espera-se que esta atividade possa despertar um sentimento caloroso com a leitura familiar e que possa criar oportunidade de unir e compartilhar histórias, conhecimento, experiência e vivência em família em torno da leitura.

Oficina de leitura e interpretação de texto

O grupo estudado apresentou dificuldade para compreensão de texto, principalmente, quando se trata de textos mais extensos, uma vez que possuem dificuldade de concentração e não gostam de dedicar muitas horas para leitura, chegando a considerar perda de tempo.

Na tentativa de chamar a atenção desses alunos para a leitura, uma proposta a ser desenvolvida seria oficinas de leituras e interpretação de textos utilizando como instrumento: cartum, charges, quadrinhos e outros tipos de documentos contendo imagens entremeadas de textos escritos. Essa aula pode ser dada em parceria com a equipe de história, uma vez que analisando o histórico de provas anteriores do Enem na área de ciências humanas e suas tecnologias²¹, observou-se que, nos últimos anos, tem sido recorrente ter, pelo menos, uma questão onde o pano de fundo é expor um fato histórico, cobrando interpretação e conhecimento sobre a disciplina de história.

Esta oficina tem como objetivo explicar fatos históricos a partir da análise de cartum, charges, quadrinhos e/ou imagens, propondo debates sobre a temática que os meios apresentam, instigando para que os alunos participem de forma a colaborar com a oficina e ampliando o conhecimento. Com essa iniciativa, espera-se estimular o interesse pela leitura.

Rodas de leitura

No vestibular, a redação e estrutura das questões são curtas, podendo ser parte de uma música, uma poesia, parte de uma reportagem de jornal ou revista, por isso a importância desses jovens e adultos fazerem uso desses tipos de leitura. No entanto, a pesquisa mostrou que poucos leem revistas e jornais e, quando o fazem, a forma de leitura é no meio digital.

²¹ Levantamento realizado a partir das provas disponíveis em <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>>

Em parceria com os professores de português e literatura, o bibliotecário pode sugerir textos que serão trabalhados em sala de aula, para serem lidos na oficina de roda de leitura.

A roda tem como objetivo instigar a curiosidade por meio da troca de informação entre os leitores. É uma atividade interessante, pois permite que os alunos ampliem seus conhecimentos literários, possibilitando interagir com a leitura sob diferentes pontos de vistas. Ao compartilhar experiências de leitura e confrontar opiniões e interpretações diferentes a cerca de um mesmo texto, pode-se criar um ambiente prazeroso e de estímulo a leitura.

Oferecer livros de poesias e de contos, uma vez que são leituras curtas, de acordo com o interesse de cada um, também, pode ser entendida como uma estratégia para trazê-los para o universo da leitura. Na escola, quando são ofertados livros, esses seguem o conteúdo pedagógico e muitas vezes são textos de grandes e excelentes escritores, mas de difícil assimilação, como por exemplo, Machado de Assis (Dom Casmurro), Luís de Camões (Os Lusíadas), José de Alencar (Iracema), dentre outros. Os títulos citados são considerados clássicos da literatura e cobrados no vestibular, no entanto, grande parte desses leitores têm pouca prática, ou até mesmo quase nenhuma intimidade com o ato de ler, logo ao invés de desenvolverem o gosto pela leitura, passam a achar algo ruim e deixam de ter prazer em ler.

A roda de leitura permite que os participantes conheçam autores, gêneros literários, bem como diferentes ilustradores e permite que os participantes contribuam com novos textos do seu interesse.

Tal oficina foi desenvolvida pela pesquisadora quando contribuiu junto ao pré-vestibular comunitário e foi uma experiência bem aceita pelos alunos.

Leitura nas redes sociais

Uma vez que a maioria dos alunos dos cursos pré-vestibulares comunitários que participaram da pesquisa demonstrou preferência pela leitura através do uso das redes sociais e da internet e, partindo do princípio que estes não vão abrir mão do uso dessas ferramentas, os educadores têm que achar um caminho para que o ensino não seja prejudicado. Nesse sentido, propomos atividades utilizando esses recursos tecnológicos como aliado para a prática leitora, criando grupo no *whatsapp* e página no *facebook* com o objetivo de compartilhar textos, resenhas, notícias e informações que contribuam com o processo de ensino e aprendizado e auxiliem na preparação para o vestibular.

O objetivo é tornar as redes sociais uma aliada que contribua para a formação leitora desses alunos.

Atividades culturais

A pesquisa mostrou que os alunos não têm o hábito de frequentar espaços culturais, tais como: teatros, cinemas, museus, galerias de arte, exposições, feiras literárias, etc. Esses espaços culturais podem oferecer oportunidades para despertar o interesse por novas experiências com relação à cultura.

O bibliotecário pode criar alguns roteiros de visitas, selecionar eventos culturais que estejam em cartaz e articular com os alunos para que eles possam, preferencialmente, ir em grupo. É importante conferir se os mesmos são oferecidos gratuitamente e, caso não sejam, tentar parcerias para viabilizar um número de ingressos gratuitos.

Propor visitas às bibliotecas comunitárias, a biblioteca nacional, ao museu da favela da Maré e outros museus, centros históricos e centros culturais com objetivo oferecer meios de complementação à educação formal, assim possibilitando que os alunos ampliem seus conhecimentos e ideias acerca do mundo em que estão inseridos.

Realizar visitas às feiras de livros, tais como a Bienal do Livro, Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, Festa Literária Internacional das Periferias (FLUPP) entre outras com o objetivo de estimular a participação dos alunos no universo literário, mostrando que livros proporcionam conhecimento sobre diversos aspectos. Nesses ambientes é possível estimular a leitura literária, além de dar oportunidade de ampliar a leitura e visão de mundo através do universo cultural.

Após a realização de uma dessas atividades, propor uma redação relatando a experiência vivida, assim pondo em prática à escrita, cobrada nos vestibulares.

Visita guiada a biblioteca pública

Realizar visita guiada em uma biblioteca pública, com o objetivo de apresentar os serviços oferecidos e atividades que são desenvolvidas dentro dos espaços para os alunos dos cursos pré-vestibulares comunitários.

Tal iniciativa tem por finalidade aproximar os alunos com o universo da biblioteca e com os fazeres da biblioteconomia. Uma vez que os dados obtidos mostram que, embora a biblioteca não tenha uma contribuição relevante na formação leitora dos respondentes, é considerada o espaço que pode atender melhor a demanda e a necessidade de informação desses alunos.

Propõe-se também que seja realizado um movimento de apresentação e aproximação entre as bibliotecas públicas e comunitárias da região com os pré-vestibulares comunitários, propondo que sejam ofertados serviços direcionados a esses grupos dentro do ambiente da biblioteca e, caso não seja possível por questões financeiras, que os alunos frequentem a biblioteca. Os profissionais podem oferecer serviços e atividades mensais no espaço dos cursinhos.

Encontro com autores

Como os dados coletados na pesquisa apontaram para pouca relação desses alunos com autores. Propomos que seja realizado encontro com autores. O bibliotecário irá entrar em contato com editoras, bibliotecas e até mesmo com os escritores, apresentando o projeto e o universo que o mesmo está inserido com o objetivo de convidar um ou mais autores para uma tarde de conversa com os alunos dos pré-vestibulares.

Outra forma de colocar em prática essa atividade é tentar identificar escritores que residem nas comunidades ou pela proximidade e convidá-los para compartilhar um pouco do processo de criação, bem como dificuldades encontradas no processo de criação, ou seja, criar um ambiente para trocar ideias em torno do objeto livro.

Essa atividade tem por finalidade estimular as práticas de leitura e aproximar os alunos dos escritores, pessoa que, para muitos, não faz parte do cotidiano, além de facilitar o acesso a livros com preços mais acessíveis e estimular a participação dos alunos ao universo literário.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo principal refletir sobre as contribuições que o bibliotecário e/ou a biblioteca pública podem oferecer para estimular a leitura de jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários. Partiu dos seguintes questionamentos: - Qual o perfil dos leitores jovens que frequentam os cursinhos pré-vestibulares comunitários da zona oeste do município do Rio de Janeiro? Esses jovens e adultos têm acesso ou frequentam bibliotecas públicas? Quais contribuições as bibliotecas públicas podem oferecer para instrumentalizar os indivíduos que frequentam os cursos de pré-vestibulares comunitários?

Configurou-se como uma pesquisa aplicada de abordagem qualitativa e quantitativa, com objetivos exploratórios. Adotou-se o levantamento bibliográfico como técnica para a construção do referencial teórico e o questionário como instrumento de coleta de dados.

Dentro desse contexto, o primeiro passo no sentido de atender aos objetivos propostos foi a realização de um levantamento bibliográfico no campo da Educação, Ciências Sociais e, principalmente, na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Este levantamento apontou a ausência de estudos e reflexões acerca da temática do perfil leitor dos alunos dos pré-vestibulares comunitários e a contribuição da biblioteca pública para emancipação social desses grupos no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Partindo do conceito de diversidade cultural, foi possível fazer uma reflexão sobre o que entendemos por “multiculturalismo” e “interculturalismo” existente nesses cenários, que se refletem na busca pela emancipação social, da igualdade de oportunidade, sem perder a identidade cultural de cada indivíduo. Somar tudo isso às questões que se apresentam no âmbito das políticas públicas que dão acesso ao ensino superior adotadas nos últimos anos e seus impactos na sociedade.

As discussões e reflexões feitas sobre os pré-vestibulares comunitários, o perfil dos alunos destas instituições e a busca do multiculturalismo contribuíram para que pudéssemos compreender a importância da busca por reconhecimento da existência de uma sociedade plural e a necessidade de se respeitar as diferenças e individualidades.

Percebemos que, por meio das políticas públicas implementadas pelo governo federal, a partir dos anos 2000, algumas possibilitaram minimizar a desigualdade do acesso ao ensino superior e outras precisam ser mantidas e ampliadas para garantir a igualdade de oportunidades educacionais para todos os brasileiros. No entanto, o momento político vivido atualmente, coloca em risco a existência dessas políticas, tendo em vista a escassez de

recursos e a necessidade de escolha por prioridades de aplicação, visto a aprovação da PEC 241.

A partir da visão de leitura de mundo, apresentamos reflexões sobre leitor, leitura e letramento. Buscamos na literatura entender a importância do PNLL, a relação dos jovens com a leitura, bem como o papel da biblioteca pública para auxiliar nas práticas de leitura junto a esses jovens e adultos e a contribuição do CERLALC para o desenvolvimento do leitor na América Latina e Caribe. Acreditamos que a leitura contribui para que o indivíduo mude seu lugar na sociedade e também possibilita o desenvolvimento do senso crítico.

Com base na metodologia proposta pelo CERLALC, foi possível traçar o perfil leitor de jovens e adultos, num determinado tempo e lugar, ou seja, dos alunos que frequentam cursos pré-vestibulares da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

O perfil leitor foi traçado a partir do entendimento de leitura, da autopercepção dos alunos como leitores, das dificuldades apresentadas para ler e escrever, do uso da internet, do papel das redes sociais e da web no processo de leitura e escrita, da leitura de livros, jornais e revistas no meio físico e digital e, por fim, do uso da biblioteca.

Os resultados apontam dificuldades de leitura e concentração, pouca familiaridade com o texto escrito e a necessidade de melhorar a prática leitora desse grupo.

Ficou evidenciado que a família teve pouca participação na formação leitora e que os jovens e adultos têm dificuldades para compreensão de texto. A maioria dos alunos entende a leitura como o uso das redes sociais e da internet e a principal fonte de leitura são as redes sociais e *web*.

É preocupante constatar que os bibliotecários tiveram pouca influência na formação leitora do grupo analisado, no entanto, vale refletir sobre as seguintes questões: esses bibliotecários estão atuando como mediadores de leitura? Ou será que o quantitativo de bibliotecários não é suficiente para que tenha representatividade na formação dos leitores no país? Afinal, se comparado com o número de professores os bibliotecários compõem um grupo muito pequeno e pouco representativo. Tais questionamentos merecem ser pesquisados.

Poucos têm a prática de leitura de outros tipos de materiais e suportes, principalmente, de livros. Poucos leem revistas e jornais e, quando o fazem, a forma de leitura é no meio digital, no entanto, a leitura de livro é realizada pela maioria no suporte em papel e muitos não têm tempo para se dedicar à leitura. Já a leitura religiosa, dos diversos tipos, o meio mais usual é no suporte em papel.

Os resultados confirmaram a hipótese inicial de que os jovens que frequentam os cursos pré-vestibulares não percebem as bibliotecas públicas como uma oportunidade de

acesso à informação e ao conhecimento; bem como outros espaços culturais. Já a hipótese de que as bibliotecas públicas não conhecem as necessidades de leitura desse público e, por consequência, não estão trabalhando no sentido de oferecer serviços que atendam às necessidades de informação e leitura desse público, não pode ser verificada em função da atual situação do Governo do Estado que fechou as bibliotecas públicas Parque em 30 de dezembro de 2016. Esse fato inviabilizou a realização de entrevistas com os bibliotecários dessas instituições. Isso nos leva a crer que essa pesquisa deve ser continuada a título de complementariedade quando a situação do Governo do Estado for regularizada.

Ainda sobre essa questão, é importante registrar que duas perguntas levantadas logo no início desse trabalho não puderam ser respondidas, são elas: - Será que as bibliotecas públicas percebem esse universo como usuários potenciais? - Até que ponto as bibliotecas se aproximam desses grupos sociais? Para respondê-las pretendíamos fazer entrevistas com bibliotecários que atuam na Biblioteca Parque da Rocinha, o que foi inviabilizado pelo fato da mesma ter sido fechada pelo Governo do Estado.

Acreditamos que a identificação do perfil leitor realizado nesta pesquisa seja relevante para a área e esperamos que contribua positivamente para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que essas reflexões podem servir de base para um estudo de usuário, propondo um novo diálogo entre os bibliotecários em busca de melhoria do serviço das bibliotecas públicas.

As bibliotecas por sua vez devem estar atentas ao perfil desses leitores, propondo novas formas de dialogar, estimulando a prática de leitura e conscientizando esse novo leitor, mais tecnológico e com pouco tempo para se dedicar a leitura, da importância de se ler mais e que essas leituras sejam com um grau maior de qualidade.

Os resultados desta pesquisa possibilitarão também gerar um documento que trate de ações de incentivo à leitura, a partir da seção 7, o que se configura no produto deste mestrado profissional, cujo objetivo é fornecer aos profissionais formas para contribuir junto a esses grupos como mediador cultural, promovendo ações de incentivo a leitura nos cursos pré-vestibulares comunitários e até mesmo em outros espaços.

Acreditamos que quanto mais a população se afastar da biblioteca, mais a biblioteca deve se esforçar para ir ao encontro de seus usuários, apresentando e disseminando a informação de forma que desperte o interesse desses possíveis usuários de frequentar uma biblioteca. Nesse sentido, a figura do bibliotecário ganha importância, pois ele passa a ser um promotor cultural e mediador de informação e leitura.

A pergunta que ficou a ser respondida era se, efetivamente, de que forma as bibliotecas públicas estão apoiando essa população? No entanto, os resultados apontaram que as bibliotecas públicas, mesmo tendo representatividade, pouco contribuem na formação literária desses estudantes, ficando a cargo do próprio cidadão ou dos professores.

Quanto ao instrumento utilizado, acreditamos que o mesmo seja um mecanismo útil para análise do perfil leitor e pode ser aplicado em outros universos com diferentes finalidades de estudos. No entanto, ao ser reaplicado deverá levar em conta aspectos locais, forma de aplicação, entre outros aspectos que podem qualificar ainda mais os resultados.

No caso dessa pesquisa, ainda que se tenha aplicado o questionário teste, observou-se no processo de análise das respostas, que faltaram algumas perguntas chaves que complementassem melhor os resultados. Por exemplo, a respeito do uso de bibliotecas, sentimos falta de questões que evidenciassem: o conhecimento e uso da biblioteca escolar; perguntas sobre a frequência de visita e uso; o tempo que fica na biblioteca; a relação do bibliotecário com o usuário; e qual o nome da biblioteca que frequenta.

Como já mencionado no início desse trabalho, essa investigação é parte do Projeto de Pesquisa Políticas culturais em bibliotecas públicas, que integra o Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas do Brasil, nesse sentido varias das questão levantadas a partir dos resultados dessa investigação poderão ser desdobradas em outras pesquisas. Dentre as questões que não puderam ser respondidas, ou que surgiram durante a mesma, vale destaque para:

- Porque o bibliotecário não é identificado como um agente formador de leitores?
- Quais os resultados e impactos das ações de estímulo à leitura proposta na seção 7?
- As bibliotecas públicas estão preocupadas com esse grupo de usuários? Desenvolvem alguma ação específica para aproximar os jovens e adultos de classes populares que encontram-se na busca de vagas para a ensino superior?
- Qual o impacto da formação desses jovens e adultos no ensino médio e as consequências ao perfil leitor dos mesmos?

Acreditamos que os pré-vestibulares comunitários são instrumentos de emancipação social para jovens e adultos, uma vez que oportunizam o debate social-histórico,

potencializam as ações políticas e culturais estimulando a solidariedade, igualdade e respeito aos seres humanos. Além disso, busca desenvolver um trabalho de conscientização e formação de militância para as lutas populares por democracia e justiça social.

Acreditamos que os trabalhos do bibliotecário e da biblioteca pública são importantes para ampliar a prática leitora e auxiliar na emancipação social dos jovens e adultos que frequentam os pré-vestibulares comunitários. Não basta ter livros para que a biblioteca exista, mas sim leitores ávidos por livros e pela leitura. Logo, formar leitores é uma tarefa imprescindível para existência das bibliotecas e esta contribuir diretamente para o letramento da população. Acreditamos que, uma vez letrados esses jovens e adultos poderão fazer a diferença na sociedade e, conseqüentemente, contribuir para mudar a realidade que estamos vivendo no Brasil.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO (Org). **INAF Brasil 2011:** principais resultados. São Paulo: Ação Educativa, 2011.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública** : avaliação de serviços. Londrina : Eduel, 2013.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

_____; BORTOLIN, S. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In. SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

AMARAL, D. P. do; OLIVEIRA, F. B. de. O Prouni e a conclusão do ensino superior: questões introdutórias sobre os egressos do programa na zona oeste do Rio de Janeiro. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, jan./mar. 2011.

AMORIM, Simone Rodrigues. **A abordagem da Cidadania Cultural na Formulação do Plano Nacional do Livro e Leitura** – PNLL. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2009. 97p. Dissertação (Mestrado) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-graduação em História Política e Bens Culturais;

APRILE, Maria Rita; BARONE, Rosa Elisa Mirra. Políticas Públicas para acesso ao Ensino Superior e inclusão no mundo do trabalho: o Programa Universidade para todos (PROUNI) em Questão. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6, 2008, Lisboa. [Anais]. Lisboa: [s.n.], 2008.

_____. Educação superior: políticas públicas para inclusão social. **Revista ambiente educação**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 39-55, jan./jul. 2009.

BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**, v.3, n.5, p. 141-151 jan./jun. 2009.

BRASIL. **Constituição** (1988). Emenda constitucional n. 9, de 9 de novembro de 1995. **Lex:** legislação federal e marginália, São Paulo, v. 59, p. 1966, out./dez. 1995.

_____. Decreto nº. 6.096, de 24 de abril de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2007. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/ decreto/d6096.htm> Acesso em: 15/12/2015.

_____. Lei nº.10.260, de 12 de julho de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10260.htm>. Acesso em: 30/11/2015.

_____. **Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003.** Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 28 jun. 2017.

_____. Lei nº.10.861, de 14 abril de 2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 abr. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm>. Acesso em: 30/11/2015.

_____. Lei nº. 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jan. 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/.../Lei/L11096.htm>. Acesso em: 30/11/2015.

_____. Ministério da Educação. **Censo da educação superior 2013.** Brasília: INEP, 2013.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Divulgação Enem 2015 por escola.** Brasília: MEC, 2016, 75p. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/enem_por_escola/2015/apresentacao_enem_por_escola_2015.pdf> Acesso em: 15/11/2016.

_____. Ministério da Educação. **Planejando a próxima década:** conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2014, 63 p.

_____. Ministério da Educação. **O plano de desenvolvimento da Educação:** razões, princípios e programas. Brasília: 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>> . Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. Ministério da Educação e Ministério da Cultura. **Plano Nacional do Livro e Leitura.** Brasília, 2010 . Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5QJujJhZbE9Y3hIeEJqVS1taG8/view>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Brasil no PISA 2015:** Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. OCDE. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

CARTA DE PRINCÍPIOS. PVNC, 1998.

CARVALHO, J. S. F. “Democratização do ensino” revisitado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 327-334, maio/ago. 2004.

CASTRO, C. A. **Cursinhos alternativos e populares:** Movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP. Presidente Prudente, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural:** o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perceus Abramo, 2006.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Tradução Sandra Trabucco. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Políticas inclusivas e compensatórias na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 11-32, jan./abril, 2005.

FILARDI, André Moura Blundi. Desenvolvimento do Reuni: crítica à sua implantação e sua relação econômica. In. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.20, n.43, p. 563-582, set./dez. 2014.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.23, p. 16-35, mai/ago, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989. 88 p.

_____. **Educação e Mudança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 80 p.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2016. p. 115.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais: Belo Horizonte. UFMG, 2011. p. 49-94.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 47-66.

IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLAA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: [s.n.], 2002. Disponível em <www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **Manifesto IFLA por la biblioteca multicultural**, 2008. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural_library_manifesto-es.pdf>. Acesso em 22 dez.2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2º trimestre de 2016**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201602_trimestre_caderno.pdf>. Acesso em: 16/01/2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **PNAD 2009** - Primeiras análises: Situação da educação brasileira - avanços e problemas. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101118_comunicadoipea66.pdf>. Acesso em: 15/12/2015.

_____. **Comunicados do Ipea nº 66**. PNAD 2009 - Primeiras análises: Situação da educação brasileira -avanços e problemas. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010, 36 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101118_comunicadoipea66.pdf>. Acesso em: 30/11/2015.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. **In:** KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LAVILLE, Chistian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. **Novos Estudos** n.87, n.2, p. 77-95, Jul., 2010.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP, Brasil., São Paulo, 2008.

_____. **Biblioteca como prática de responsabilidade social:** relatório parcial. Rio de Janeiro, 2008. Não publicado.

_____; CALIL JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 115-127, out./dez. 2014.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.17, supl. 3, São Paulo, 2002. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/acb/v17s3/15255.pdf>> Acesso em:

MARTINS, José de Souza. Introdução; O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. **In: Exclusão social e a nova desigualdade**. 6.reimp. São Paulo: Paulus, 1997. p. 25-38.

MARTINS, Maria Helena. **O que é a leitura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MINAYO, Maria Cedília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo – qualitativo: oposição ou

complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3: p. 239-262, jul/set, 1993.

_____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MIRANDA, R. C. da R. "O uso da informação na formulação de ações estratégicas pelas empresas". **Ciência da Informação**, Brasília, v.28, n.3, p.284-290, set./dez. 1999.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Movimentos sociais, educação e cidadania**: um estudo sobre os cursos Pré-Vestibulares Populares.1999. 116 p. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Humanidades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,1999.

PAIVA, Jane. **Projeto Diagnóstico da Qualidade de Ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**: um estudo de caso no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. (mimeo).

_____. **Direito à educação para quem?** 2007. Disponível em: <<http://forumeja.org.br>>. Acesso em: 03/02/2016.

_____. **Direito à educação de jovens e adultos**: concepções e sentidos. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

_____. Qualidade na educação de jovens e adultos: traduções em disputa na prática de redes públicas no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, v. 19, n. 37, p. 79-108, jan./jun. 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. IDSHM em Educação In: _____. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-educacao.pdf>>. Acesso em: 29/12/15.

OLIVEIRA, Nirlei Maria. A biblioteca das instituições de ensino superior e os padrões de qualidades do MEC: uma análise preliminar. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 207-221, jul./dez. 2002.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Bibliotecas públicas e o acesso às informações artísticas sob a perspectiva da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 21-34, jan. 2016. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/41070/31199>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Marília, 2013.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.18, n. 60, dez. 1997.

SANTA ANNA, Jorge; GREGÓRIO, Elaine; GERLIN, Meri Nadia Marques. Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do hospital universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 77-88, jan./jun., 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: _____. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SILVA, Luiz Etevaldo. O sentido e significado sociológico de emancipação. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, n.11 v.03 set./dez. 2013.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005, 4. ed. rev. atual. 138p.

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**, Janeiro, 1999.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio-ago. 2000.

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e arte e educar. **Educação e Ciências Sociais**, ano 2, v. 2, n. 5, 1957.

TEIXEIRA, Katia Regina Poma. **Projetos de leitura**. 2009, 79 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TFOUNI, LedaVardiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Disponível em <http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

VAZ, Lílian Fessler. Novas questões sobre a habitação no Rio de Janeiro: o esvaziamento da cidade formal e o adensamento da cidade informal. In **Anais do XXI International Congress Latin American Studies Association**, Chicago, 1998, CDRom.

WADA, Marcia Miyoko. **Juventude e leitura**. São Paulo: Annablume Ed., 2004.

ZITKOSKI, Jaime José. Humanização/desumanização. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.**

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO-
UNIRIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A ATUAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA JUNTO AOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES COMUNITÁRIOS: UMA PARCERIA PARA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Elisa Machado

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52872016.1.0000.5285

Instituição Proponente: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.411.058

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Dissertação de Mestrado que pretende Avaliar a utilização da biblioteca pública da Rocinha pelos alunos dos cursos pré-vestibulares populares da comunidade.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar quais as ações que a biblioteca desenvolve para atender as necessidades do grupo de alunos da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco que pode ocorrer é que "nem todos os alunos que frequentam os pré-vestibulares respondam o questionário, o que pode acarretar em não obtermos o resultado esperado". Como benefícios a pesquisa informa "propor a biblioteca uma nova maneira para atender aos seus leitores potenciais facilitando o processo de ensino e aprendizado e o acesso ao ensino superior, para emancipação social desses indivíduos."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área de conhecimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos obrigatórios parcialmente apresentados em atendimento a Resolução 466. Apresenta folha de rosto. Apresenta projeto na íntegra. O TCLE necessita de ajustes considerando os itens em

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep.unirio09@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO-
UNIRIO**



Continuação do Parecer: 1.411.058

atendimento a Resolução. Não foi apresentado autorização do responsável pela biblioteca e curso pre vestibulares comunitários para acesso aos estudantes e informações. É necessário apresentar o Termo de Assentimento (ver modelo CEP UNIRIO) para alunos menores de 18 anos. Neste caso o TCLE deverá ser assinado pelo responsável do participante (aluno)

Recomendações:

-

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TCLE em atendimento a Resolução 466/2012(ver modelo CEP UNIRIO) para os participantes e para os responsáveis.

Termo de assentimento para os participantes menores de 18 anos (ver modelo Cep UNIRIO)

Autorização dos cenários para pesquisa pelos responsáveis com data e assinatura.

Reescrever os riscos em atendimento a Resolução 466/2012.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP considera necessária a correção do protocolo apresentado, e solicita revisão específica, modificação ou informação relevante que deverá ser atendida em até 30 dias.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_653031.pdf	28/01/2016 13:01:25		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	28/01/2016 13:00:16	PATRICIA DOS SANTOS COSTA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	28/01/2016 12:59:38	PATRICIA DOS SANTOS COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Atuacao_das_Biblioteca_Publicas.docx	28/01/2016 12:06:00	PATRICIA DOS SANTOS COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimento.docx	28/01/2016 12:01:42	PATRICIA DOS SANTOS COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep.unirio09@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO-
UNI RIO



Continuação do Parecer: 1.411.058

Não

RIO DE JANEIRO, 16 de Fevereiro de 2016

Assinado por:
Sônia Regina de Souza
(Coordenador)

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep.unirio09@gmail.com

ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Nome completo:
2. Telefone:
3. E-mail:
4. Qual série você está? Ou já concluiu o ensino médio?
5. Qual sua disponibilidade de tempo? Tem o sábado livre?
6. Como você conheceu o projeto?
7. O que te motiva a se inscrever no nosso projeto?
8. Já tentou alguma vez o vestibular ou já participou de outro curso pré-vestibular?
9. .Largaria o curso por uma proposta de emprego ou outro curso?
10. Onde você se vê daqui a 5 anos?
11. Por que devemos escolher você (1 minuto para a resposta)?

**APÊNDICE A - ADAPTAÇÃO AO QUESTIONÁRIO DO CERLALC:
QUESTÕES RETIRADAS, INCLUÍDAS E/OU MODIFICADAS**

Perguntas do questionário do CERLALC	Adaptações para a pesquisa
Parte I - Caracterização do entrevistado	
A. Identificação	
Questões originais	Questões adotadas nessa pesquisa e justificativa relativa a mudança
1. Região	1. Bairro 2. Sub-Bairro:
2. Província, estado ou departamento	Informações irrelevantes para pesquisa e retirados, uma vez que apenas serão entrevistados alunos dos cursinhos pré-vestibulares comunitários de Jacarepaguá.
3. Cidade ou município	
4. Endereço da moradia	
5. Telefone	
6. Total de domicílios na moradia	
7. Número domicílio	
8. Total de pessoas no domicílio	
B. Dados da moradia	
1. Casa	Todas as informações do Item B retirado. Dados irrelevantes para a pesquisa.
2. Apartamento	
3. Habitação alugada dentro de uma moradia	
3. Outra moradia	
C. Dados do domicílio	
1. Renda mensal do domicílio 2. Valor mensal \$ __ (registrar o mês e o ano)	Todas as informações do Item C foram retirados. Dados irrelevantes para a pesquisa
1. Quais dos seguintes serviços ou bens se utiliza neste domicílio? 2. Serviço de Internet 3. Televisão por assinatura 4. Televisão aberta 5. Computador de uso compartilhado	
D. Registro de pessoas	

1. Quais são os nomes e sobrenomes das pessoas que comem e dormem nesse domicílio?	Todas as informações do Item D foram retirados. Dados irrelevantes para a pesquisa
E. Caracterização do entrevistado	
1. Gênero: a. Feminino b. Masculino	3. Gênero: a. Feminino b. Masculino c. Outro Adaptação feita para que os respondentes tenham mais opções de resposta.
2. Data de nascimento	4 – Idade: * A data de nascimento não apresenta relevância para a pesquisa.
3. Qual é a sua ocupação principal? a. Empresário; b. Assalariado; c. Profissional autônomo; d. Aposentado; e. Estudante; f. Desempregado; g. Outra	5 - Qual é a sua ocupação principal? * a. Só estuda; b. Estuda e trabalha; c. Estuda e Cuida do Lar. A modificação foi feita para adaptar o questionário à realidade dos alunos.
4. Qual dispositivo tecnológico você usa diariamente com maior frequência? a. Um computador de escritório no trabalho; b. Um computador de escritório no domicílio; c. Um <i>notebook</i> ou <i>tablet</i> no trabalho; d. Um <i>notebook</i> ou <i>tablet</i> no trabalho de uso pessoal; e. Um celular do trabalho; f. Um celular de uso pessoal;	Item retirado. Mais à frente, aparecem perguntas semelhantes.

g. Nenhum dos anteriores	
5. Você sabe ler e escrever?	Item retirado, por motivo óbvio.
6. Em que grau de escolaridade você se encontra? a. Fundamental; b. Médio; c. Curso técnico d. Formação profissional não universitária; e. Universitário; f. Pós-graduação; g. Sem instrução.	6. Pretende prestar vestibular para qual área:?* a. Ciências Humanas () b. Ciências Exatas () c. Ciências da Saúde (...). A modificação foi feita para adaptar o questionário à realidade dos alunos.
Parte II - Perfil do leitor	
A –Autopercepção	
1. Qual é o seu grau de compreensão de um texto (sendo 1 muito fácil e 5 muito difícil)?* () 1 () 2 () 3 () 4 () 5	Itens mantidos.
2. Em relação a um ano atrás, você considera que...? * a. Lê mais b. Lê igual c. Lê menos d. Não sabe/não responde	
3. Marque o seu nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por gosto ou por necessidade: * Muito Bastante Pouco Nada Gosto () () () () Necessidade () () () ()	
4. Para que você acha que lhe serve a leitura? * a. Para aprender b. Para se divertir c. Para melhorar no trabalho	

<p>d. Por cultura geral</p> <p>e. Para nada</p> <p>f. Outro</p>	
<p>5. Avalie de 1 a 4: você está de acordo ou em desacordo em relação às seguintes afirmativas? *</p> <p>(1 se estiver completamente em desacordo e 4 se estiver completamente de acordo)</p> <p>a. Só leio se preciso</p> <p>b. Ler para mim significa perder tempo</p> <p>c. Ler é um dos meus passatempos favoritos</p> <p>d. Gosto de falar com outras pessoas sobre o que leio</p> <p>e. Fico contente de receber um livro de presente</p> <p>f. Gosto de visitar livrarias e bancas de revistas</p> <p>g. Gosto de visitar bibliotecas</p> <p>h. Gosto de trocar livros e revistas com os meus amigos</p> <p>i. É difícil, para mim, terminar de ler um livro</p> <p>j. É difícil, para mim, ler na tela</p> <p>k. Não posso permanecer lendo por mais de alguns minutos</p> <p>l. Gosto de ler na tela</p>	
<p>6. Em que idiomas você lê?</p>	<p>Perguntas retiradas. Dados irrelevantes para a pesquisa.</p>
<p>7. Em que idioma você prefere ler?</p>	
<p>8. A que você dedica o tempo que antes dedicava à leitura?</p>	

B. Práticas leitoras, motivos e dificuldades para ler		
<p>1.Quais são as principais razões para você ler e com que frequência faz isso? *</p> <p>(Diariamente, Alguma vez por semana, Alguma vez no mês, Alguma vez por trimestre, Nunca)</p> <p>a. Por razões de estudo</p> <p>b. Para se informar</p> <p>c. Para atualização ou aperfeiçoamento profissional</p> <p>d. Por lazer e/ou gosto</p> <p>e. Por motivos religiosos</p> <p>f. Para o crescimento ou superação pessoal</p> <p>g. Por cultura geral</p>	Itens mantidos.	
<p>2.Quais leituras você realiza por gosto e por necessidade? *</p> <p style="text-align: center;">(Gosto, Necessidade)</p> <p>a. Livros</p> <p>b. Revistas</p> <p>c. Jornais</p> <p>d. Correio eletrônico</p> <p>e. Redes sociais</p> <p>f. Páginas web (diferentes a jornais, revistas, blogs)</p> <p>g. Blogs, fóruns e outros</p>		
<p>3. Que material e em quais dos seguintes lugares você costuma ler?</p>		

<p>(Livros, Revistas, Jornais)</p> <p>a. Em casa</p> <p>b. Na sala de aula</p> <p>c. Em centros com acesso a Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)</p> <p>d. Em livrarias</p> <p>e. Em lugares religiosos</p> <p>f. Nas bibliotecas</p> <p>g. Em lanchonetes</p> <p>h. No local de trabalho</p> <p>i. Ao ar livre</p> <p>j. Nos consultórios/salões de beleza</p> <p>k. No transporte público</p> <p>l. Em outros lugares</p>	
<p>4. Para quem você lê e com que frequência?</p>	<p>Item retirado. Mais a frente, aparece pergunta semelhante.</p>
<p>4. Quais das seguintes limitações ou dificuldades você tem para ler? *</p> <p>a. Lê muito devagar</p> <p>b. Não compreende tudo o que lê</p> <p>c. Não tem concentração suficiente para ler</p> <p>d. Não tem paciência para ler</p> <p>e. Não lê por limitações físicas</p> <p>f. Nenhuma</p> <p>g. Outro</p>	<p>Itens mantidos.</p>
<p>5. Quais são as principais razões para você não ler com maior frequência?</p> <p>a. Porque você não gosta de ler</p>	

<p>b. Por falta de tempo</p> <p>c. Porque você prefere outras atividades recreativas</p> <p>d. Porque tem preguiça</p> <p>e. Por falta de dinheiro</p> <p>f. Porque não sabe o que ler</p> <p>g. Porque não tem um lugar apropriado para ler</p> <p>h. Por limitações de compreensão ou física para ler</p> <p>i. Porque não tem acesso permanente à Internet</p> <p>j. Outro</p>	
C. Leitura durante a infância e práticas com as crianças	
<p>1. Em sua infância, quem lia para você e com que frequência? *</p> <p>(Sempre, 1x semana, 1x mês, 1x trimestre, Nunca)</p> <p>a. Você lia sozinho</p> <p>b. Seu pai lia para você</p> <p>c. Sua mãe lia para você</p> <p>d. Algum familiar lia para você</p> <p>e. Os seus professores liam para você</p>	Perguntas mantidas.
<p>2. Que pessoas influenciaram você a ler? *</p> <p>a. Os seus pais</p> <p>b. Outros familiares</p> <p>c. Os seus professores</p> <p>d. Os seus amigos</p> <p>e. Lia por iniciativa própria</p>	

<p>f. O bibliotecário</p> <p>g. Ninguém</p> <p>h. Outro:</p>	
<p>3. Depois que você aprendeu a ler, os seus pais ou familiares lhe deram livros, revistas em quadrinhos e/ou outras revistas? *</p> <p>a. Muitas vezes</p> <p>b. Algumas vezes</p> <p>c. Poucas vezes</p> <p>d. Nunca</p>	
<p>4. No seu domicílio, quando os adultos leem para as crianças de 5 a 12 anos, por diversão?</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p> <p>f. Nunca</p>	<p>4. Você lê para bebês, crianças, jovens, adultos, ou idosos? *</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p> <p>f. Nunca</p> <p>Pergunta modificada para ficar mais abrangente.</p>
D. Cenários transmidiáticos	
<p>1. Você poderia dizer se realiza estas ações e com que frequência? *</p> <p>(Diariamente, Alguma vez durante a semana, Alguma vez por mês, Alguma vez no trimestre, Alguma vez no ano, Nunca)</p> <p>a. Lê com a televisão ligada</p> <p>b. Lê escutando música</p>	<p>Itens mantidos.</p>

<p>c. Lê, enquanto navega nas redes sociais</p> <p>d. Lê em silêncio</p> <p>e. Lê em voz alta</p> <p>f. Lê e toma notas ou sublinha</p> <p>g. Atende ligações enquanto lê</p> <p>h. Utiliza o chat enquanto lê</p>	
<p>2.Você realiza alguma atividade participativa na Internet vinculada com o que lê, com o tema ou com o autor?</p> <p>(Livros, Revistas, Periódicos)</p> <p>a. Realiza comentários nas comunidades que participa das mídias sociais (Facebook, Twitter, etc.)</p> <p>b. Escreve no seu blog</p> <p>c. Participa da elaboração de histórias paralelas</p> <p>d. Comenta no blog do autor ou da editora</p> <p>e. Escreve correios eletrônicos aos seus contatos</p> <p>f. Escreve correios eletrônicos para o autor ou para a editora</p> <p>g. Consulta sobre o tema, autor ou editora nas comunidades das redes sociais</p> <p>h. Participa ou se inscreve em lugares e redes para se manter informado acerca do tema, autor ou editora</p> <p>i. Não faz nada</p>	
<p>3. Que atividades você realiza durante o seu tempo livre? *</p> <p>(Muito, Bastante, Pouco, Nada)</p>	

<ul style="list-style-type: none"> a. Assistir televisão b. Assistir vídeos c. Ler (jornais, revistas, livros) d. Escutar música e. Sair para dançar f. Escutar rádio g. Navegar na Internet h. Praticar esporte i. Ir ao cinema j. Ir ao teatro/dança/concertos k. Ir a museus/exposições l. Passear ao ar livre m. Sair com amigos 	
<p>Parte III – Perfil leitor de livros (Caso você tenha respondido que não lê livros, pule essa parte)</p>	
<p>1.Com que frequência você lê livros impressos?</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Diariamente b. Alguma vez durante a semana c. Alguma vez por mês d. Alguma vez no trimestre e. Alguma vez por ano f. Nunca 	<p>Pergunta mantida.</p>
<p>2.Que tipo de livros você lê e em qual formato?</p> <p>(Impresso, Digital)</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Livros infantis b. Livros juvenis c. Textos educativos 	<p>2.Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato?</p> <p>(Impresso, Digital)</p> <ul style="list-style-type: none"> b. Literatura c. Textos educativos

<ul style="list-style-type: none"> d. Enciclopédias e dicionários e. Científicos/técnicos/profissionais f. História, política e sociais g. Operacionais h. Literatura i. Religião j. Superação pessoal/autoajuda k. Culinária l. Outro 	<ul style="list-style-type: none"> d. Enciclopédias e dicionários e. Científicos/técnicos/profissionais f. História, política e sociais i. Religião j. Superação pessoal/autoajuda k. Culinária <p>A pergunta foi adaptada para ficar mais clara e específica.</p>
	<p>3.Caso leia livros de literatura especifique qual/ quais o(s) gênero(s) de sua preferência.</p> <p>A pergunta foi acrescentada para ser registrada a preferência literária dos pesquisados-leitores.</p>
<p>4.Quais são as razões para você escolher um livro?</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Pelo tema b. Pelo título c. Pelo autor d. Por recomendação de um amigo ou familiar e. Por motivos educacionais f. Por motivos de trabalho g. Por comentários e/ou anúncios em imprensa, rádio ou televisão h. Por recomendações em sites especializados/redes sociais 	<p>Perguntas mantidas na íntegra.</p>
<p>5.Os livros que você lê são:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Comprados b. Fotocopiados 	

<p>c. Presenteados</p> <p>d. Emprestados de bibliotecas</p> <p>e. Emprestados por familiares e/ou amigos</p> <p>f. Baixados da Internet no PC ou em aparelhos móveis</p> <p>g. Outro:</p>	
<p>6.Os livros que você compra são adquiridos em:</p> <p>(Impresso, Digital)</p> <p>a. Livraria</p> <p>b. Sites especializados</p> <p>c. Outros sites</p> <p>d. Feiras do Livro</p> <p>e. Grandes lojas ou supermercados</p> <p>f. Bancas de revistas</p> <p>g. Vendas ambulantes</p> <p>h. Porta a porta</p> <p>i. Outro:</p>	<p>6.Os livros que você compra são adquiridos em:</p> <p>(Impresso, Digital)</p> <p>a. Livrarias físicas</p> <p>b. Sites na WEB</p> <p>d. Feiras do livro</p> <p>e. Grandes lojas ou supermercados</p> <p>f. Bancas de revistas</p> <p>g. Vendas ambulantes</p> <p>h. Porta a porta</p> <p>Pergunta modificada para simplificar as opções.</p>
<p>7.Quantos livros você comprou nos últimos doze meses? (Quantidade)</p> <p>a. Total livros.....</p> <p>b. Total textos escolares.....</p>	<p>Pergunta retirada por ser considerada irrelevante.</p>
<p>7.No total, quantos livros têm?</p> <p>a.Total livros digital</p> <p>b.Total livros impressos</p>	<p>Pergunta desmembrada:</p> <p>7.No total, quantos livros digitais você tem? *</p> <p>8.No total, quantos livros impressos você tem?*</p>

<p>9.Com que frequência você?*</p> <p>(Sempre, Às vezes, Nunca)</p> <p>a. Começa a leitura de um livro e não termina</p> <p>b. Lê mais de um livro ao mesmo tempo</p> <p>c. Lê o mesmo livro mais de uma vez</p> <p>d. Lê somente algumas partes do livro</p> <p>e. Lê um livro inteiro de cada vez</p> <p>f. Vai até o final do livro inclusive quando não gostou dele</p>	<p>Pergunta mantida.</p>
<p>Parte IV - Perfil do leitor de jornais</p> <p>(Caso você tenha respondido que não lê jornais, pule essa parte.)</p>	
<p>1.Com que frequência você lê jornais impressos?</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p> <p>f. Nunca</p>	<p>1.Com que frequência você lê jornais impressos?</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p>
<p>2.Que tipo de jornais você lê e em que suporte?</p> <p>(Impresso, digital)</p> <p>a. Informativos gerais</p> <p>b. Econômicos</p> <p>c. Religiosos</p> <p>d. Esportivos</p>	<p>2. Que tipo de jornais você lê e em que suporte?</p> <p>(Impresso, digital)</p> <p>a. Informativos gerais</p> <p>b. Econômicos</p> <p>c. Religiosos</p> <p>d. Esportivos</p>

e. Para jovens f. Outros	Pergunta simplificada.
3.Os jornais que você lê são? a. Comprados em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.) b. Comprados através de assinatura (impressos) c. Comprados através de assinatura (digital) d. Gratuitos (impressos) e. Gratuitos (através de Internet) f. Empréstados de bibliotecas g. Empréstados por familiares e/ou amigos h. Outro:	Pergunta mantida.
Parte V - Perfil do leitor de revistas (Caso você tenha respondido que não lê revistas, pule essa parte.)	
1.Com que frequência você lê revistas impressas? a. Diariamente b. Alguma vez durante a semana c. Alguma vez por mês d. Alguma vez no trimestre e. Alguma vez por ano f. Nunca (pare por aqui)	1.Com que frequência você lê revistas impressas? a. Diariamente b. Alguma vez durante a semana c. Alguma vez por mês d. Alguma vez no trimestre e. Alguma vez por ano
2.Que tipo de revistas você lê e em qual suporte? (Impresso, Digital) a. Informativos gerais	Perguntas mantidas

<ul style="list-style-type: none"> b. Histórias em quadrinhos/Passatempos c. Música/Vídeo/Cinema e Fotografia d. Esportes e. Natureza/Animais f. Agropecuárias g. Profissionais/Científicas/Tecnologia h. Arte/Cultura/Literatura i. Moda/Culinária/Espetáculos j. Política/Econômicas k. Eróticas l. Esotéricas m. Religiosas n. Saúde 	
<p>3.As revistas que você lê são?</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Compradas em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.) b. Compradas através de assinatura (impressos ou digital) c. Compradas através de assinatura (impressos ou digital) d. Gratuitas (impressos ou digital) e. Gratuitas (através da Internet) f. Empréstadas de bibliotecas g. Empréstadas por familiares e/ou amigos 	
Parte VI - Internet, usos e acesso	
<ul style="list-style-type: none"> 1. Você tem serviço de Internet? a. Sim (Continuar) b. Não (Passar para o VII) 	Pergunta retirada.

<p>1.Com que frequência você se conecta à Internet?</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p> <p>f.Nunca (terminar aqui)</p>	<p>1.Com que frequência você se conecta à Internet?*</p> <p>a. Diariamente</p> <p>b. Alguma vez durante a semana</p> <p>c. Alguma vez por mês</p> <p>d. Alguma vez no trimestre</p> <p>e. Alguma vez por ano</p>
<p>2.Em quais lugares você se conecta à Internet?</p> <p>a. Trabalho</p> <p>b. Universidade</p> <p>c. Casa</p> <p>d. Cyber-café</p> <p>e. Biblioteca pública</p> <p>f. Áreas públicas</p> <p>g.Outro:</p>	<p>2.Em quais lugares você se conecta à Internet?*</p> <p>a. Trabalho</p> <p>b. Universidade</p> <p>c. Casa</p> <p>d. Cyber-café/lanhouse</p> <p>e. Biblioteca pública</p> <p>f. Áreas públicas</p> <p>g.Outro:</p>
<p>3.Com que dispositivo você se conecta?</p> <p>a. Computador de escritório</p> <p>b. Portátil/desktop</p> <p>c. Tablet</p> <p>d. Leitor de livros digitais</p> <p>e. Telefone celular</p> <p>f.Outro:</p>	<p>Pergunta mantida.</p>
<p>4.O que você lê nos dispositivos digitais e com que frequência?</p> <p>(Diariamente, Alguma vez durante a semana, Alguma vez por mês, Alguma vez</p>	<p>4.O que você lê nos dispositivos digitais e com que frequência?*</p> <p>(Diariamente, Alguma vez durante a semana, Alguma vez por mês, Alguma vez no</p>

<p>no trimestre, Alguma vez no ano, Nunca)</p> <p>a. Livros</p> <p>b. Revistas</p> <p>c. Jornais</p> <p>d. Correio eletrônico</p> <p>e. Redes sociais</p> <p>f. Páginas web (diferentes a jornais e blogs)</p> <p>g. Blogs, fóruns e outros</p>	<p>trimestre, Alguma vez no ano, Nunca)</p> <p>a. Livros</p> <p>b. Revistas</p> <p>c. Jornais</p> <p>d. Correio eletrônico</p> <p>e. Mídias sociais</p> <p>f. Páginas web (diferentes a jornais e blogs)</p> <p>g. Blogs, fóruns e outros</p>
<p>5.O que você costuma ler com os dispositivos digitais?</p> <p>a. Material de interesse pessoal</p> <p>b. Material para o estudo</p> <p>c. Material para o trabalho</p> <p>d. Material sobre trâmites</p> <p>e. Notícias e informação atual</p> <p>f. Correio, chat, redes sociais</p> <p>f. Literatura</p> <p>g. Outro:</p>	<p>5.O que você costuma ler com os dispositivos digitais?</p> <p>a. Material de interesse pessoal</p> <p>b. Material para o estudo</p> <p>c. Material para o trabalho</p> <p>e. Notícias e informação atual</p> <p>f.. Literatura</p> <p>g. Outro:</p>
<p>6.Quais são as três principais razões para você se conectar à Internet?</p> <p>a. Para ler livros online</p> <p>b. Para ler jornais ou revistas</p> <p>c. Para buscar informação</p> <p>d. Para estudar</p> <p>e. Para trabalhar</p> <p>f. Para realizar trâmites (bancários, etc.)</p>	<p>Item mantido.</p>

<p>g. Para participar de redes sociais</p> <p>h. Para jogar</p> <p>i. Para escutar música</p> <p>j. Para assistir vídeos</p> <p>k. Para fazer compras</p> <p>l.Outro:</p>	
Parte VII - Uso de bibliotecas	
<p>1. Que biblioteca você usou nos últimos doze meses?</p> <p>a. Pública</p> <p>b. Universitária</p> <p>c. Comunitária</p> <p>d. Especializada, empresas</p> <p>e. Outras. Quais?</p> <p>f. Não visitou nenhuma - passar para a questão 4</p>	<p>1. Que biblioteca você usou nos últimos doze meses?</p> <p>a. Pública</p> <p>b. Universitária</p> <p>c. Comunitária</p> <p>d. Especializada, empresas</p> <p>e. Não visitou nenhuma - passar para a questão 4</p> <p>f. Outras:</p>
<p>2. Quais são os motivos para você usar uma biblioteca?</p> <p>a. Para procurar informação</p> <p>b. Para estudar</p> <p>c. Para ler</p> <p>d. Para participar de cursos e/ou oficinas</p> <p>e. Para participar de atividades culturais</p> <p>f. Para se conectar à Internet</p> <p>g. Para ver filmes</p> <p>h. Para escutar música</p> <p>i. Outro:</p>	<p>Perguntas mantidas.</p>
<p>3. Que tipo de atividades você realiza na</p>	

<p>biblioteca?</p> <p>a. Ler livros</p> <p>b. Ler revistas</p> <p>c. Ler jornais</p> <p>d. Utilizar o computador e a Internet</p> <p>e. Assistir concertos, exposições, etc.</p> <p>f. Ver filmes/escutar música</p> <p>g. Solicitar empréstimo de livros</p> <p>h.Outro:</p>	
<p>4.Quais são as principais razões para você não usar uma biblioteca?</p> <p>a. Não tem tempo</p> <p>b. Não gosta de ler</p> <p>c. Não gosta de bibliotecas</p> <p>d. Não encontra material de leitura que lhe interessa</p> <p>e. Não sabe onde existe, não conhece nenhuma</p> <p>f. Fica muito longe</p> <p>g. Prefere conseguir material de leitura por outros meios</p> <p>h. Não oferece um bom serviço ou não tem boas instalações</p> <p>i. O horário não lhe convém</p> <p>j. Tem problemas de saúde ou alguma deficiência</p> <p>Outro:</p>	<p>Acrescentou-se a informação “Se você respondeu "e. Não visitou nenhuma" no item 1”.</p>
Parte VIII - Práticas de escrita	
<p>1.Quanto você gosta de escrever?</p>	<p>Todas as perguntas mantidas.</p>

<p>a. Muito</p> <p>b. Um tanto</p> <p>c. Pouco</p> <p>d. Nada</p>	
<p>2. Escrever para você é?</p> <p>a. Muito fácil</p> <p>b. Fácil</p> <p>c. Difícil</p> <p>d. Muito difícil</p> <p>e. Não sabe/não responde</p>	
<p>3. Qual é a principal razão para você escrever?</p> <p>a. Para se comunicar com outras pessoas</p> <p>b. Para o trabalho</p> <p>c. Para aprender</p> <p>d. Para expressar as suas emoções ou pensamentos</p> <p>e. Para discutir ou confrontar ideias</p> <p>f. Para se sentir melhor</p> <p>g. Para revelar acontecimentos importantes (familiares, sociais, etc.)</p> <p>h. Outro:</p>	
<p>4. O que você escreve e com que frequência faz isso?</p> <p>(Diariamente, Alguma vez durante a semana, Alguma vez por mês, Alguma vez no trimestre, Alguma vez no ano, Nunca)</p> <p>a. Documentos de trabalho</p> <p>b. Documentos acadêmicos</p>	

c. Mensagens de texto (telefone móvel) d. Correio eletrônico e. Conversas no chat f. Mensagens em redes sociais g. Em um blog ou fóruns de discussão h.Nada	
IX. Comportamento leitor para pessoas entre 5 e 12 anos de idade	
Item retirado por ser não se aplicar à pesquisa.	

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE MEDIÇÃO DO
COMPORTAMENTO LEITOR EM AMBIENTES TRADICIONAIS E DIGITAIS**

Dia: _____ Local: _____

PARTE I - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Bairro: _____ 2. Sub-Bairro: _____
3. Gênero:
a. Feminino () b. Masculino () c. Outro ()
4. Idade: _____
5. Qual a sua ocupação principal?
a. Só estuda () b. Estuda e Trabalha () c. Estuda e Cuida do Lar ()
6. Pretende prestar vestibular para qual área:
a. Ciências Humanas () b. Ciências Exatas () c. Ciências da Saúde (...)

PARTE II - PERFIL DO LEITOR

A. AUTOPERCEPÇÃO

1. Qual é o seu grau de compreensão de um texto (sendo 1 muito fácil e 5 muito difícil)?
1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
2. Em relação há um ano atrás, você considera que...?
a. Lê mais () b. Lê igual () c. Lê menos () d. Não sabe/não responde ()
3. Marque o seu nível de interesse de acordo com a leitura que realiza por gosto ou por necessidade:
- | | Muito | Bastante | Pouco | Nada |
|----------------------------|-------|----------|-------|------|
| a. Leitura por gosto | () | () | () | () |
| b. Leitura por necessidade | () | () | () | () |
4. Para que você acha que lhe serve a leitura?
a. Para aprender () b. Para se divertir () c. Para melhorar no trabalho ()
d. Por cultura geral () e. Para nada () f. Outro ()

5. Avalie de 1 a 4: você está de acordo ou em desacordo em relação às seguintes afirmativas? (1 se estiver completamente em desacordo e 4 se estiver completamente de acordo)

	1	2	3	4
a. Só leio se preciso				
b. Ler para mim significa perder tempo				
c. Ler é um dos meus passatempos favoritos				
d. Gosto de falar com outras pessoas sobre o que leio				
e. Fico contente de receber um livro de presente				
f. Gosto de visitar livrarias e bancas de revistas				
g. Gosto de visitar bibliotecas				
h. Gosto de trocar livros e revistas com os meus amigos				
i. É difícil, para mim, terminar de ler um livro				
j. É difícil, para mim, ler na tela				
k. Não posso permanecer lendo por mais de alguns minutos				
l. Gosto de ler na tela				

B. PRÁTICAS LEITORAS, MOTIVOS E DIFICULDADES PARA LER

1. Quais são as principais razões para você ler e com que frequência faz isso?

	Diariamente	Alguma vez por semana	Alguma vez por	Alguma vez no	Nunca
a. Por razões de estudo					
b. Para se informar					
c. Para atualização ou aperfeiçoamento profissional					
d. Por lazer e/ou prazer					
e. Por motivos religiosos					
f. Para crescimento ou superação pessoal					
g. Por cultura geral					

2. Quais leituras você realiza por gosto e por necessidade?

	Por Prazer	Por Necessidade
a. Livros (bíblia)	()	()
b. Revistas	()	()
c. Jornais	()	()
d. Correio eletrônico (e-mail)	()	()
e. Redes sociais	()	()
f. Páginas web (diferentes de jornais, revistas, blogs)	()	()
g. Blogs, fóruns e outros	()	()

3. Que material e em quais dos seguintes lugares você costuma ler?

	Jornais	Livros	Revistas
a. Em casa			
b. Na sala de aula (classe)			
c. Em centros com acesso a Computadores			

4. Você lê para bebês, crianças, jovens, adultos, ou idosos?

- a. Diariamente () b. Alguma vez na semana () c. Alguma vez no mês ()
 d. Alguma vez no trimestre () e. Alguma vez por ano () f. Nunca ()

D. CENÁRIOS TRANSMIDIÁTICOS

1. Você poderia dizer se realiza estas ações e com que frequência?

	Diariamente	Alguma vez na semana	Alguma vez por mês	Alguma vez no ano	Nunca
a. Lê com a televisão ligada					
b. Lê escutando música					
c. Lê, enquanto navega nas redes sociais					
d. Lê em silêncio					
e. Lê em voz alta					
f. Lê e toma notas ou sublinha					
g. Atende ligações enquanto lê					
h. Utiliza o chat enquanto lê					

2. Você realiza alguma atividade participativa na Internet vinculada com o que lê, com o tema ou com o autor?

	Livros	Revistas	Periódicos
a. Realiza comentários nas comunidades que participa das mídias sociais (Facebook, Twitter, etc.)			
b. Escreve no seu blog			
c. Participa da elaboração de histórias paralelas			
d. Comenta no blog do autor ou da editora			
e. Escreve correios eletrônicos aos seus contatos			
f. Escreve correios eletrônicos para o autor ou para a editora			
g. Consulta sobre o tema, autor ou editora nas comunidades das redes sociais			
h. Participa ou se inscreve em lugares e redes para se manter informado acerca do tema, autor ou editora			
i Não faz nada			

3. Que atividades você realiza durante o seu tempo livre?

	Muito	Bastante	Pouco	Nada
a. Assistir televisão				
b. Assistir vídeos				
c. Ler (jornais, revistas, livros)				
d. Escutar música				
e. Sair para dançar				
f. Escutar rádio				

g. Navegar na Internet				
h. Praticar esporte				
i. Ir ao cinema				
j. Ir ao teatro/dança/concertos				
k. Ir a museus/exposições				
l. Passear ao ar livre				
m. Sair com amigos				

PARTE III - PERFIL DO LEITOR DE LIVROS

Caso você tenha respondido que não lê livros, pule essa parte.

1. Com que frequência você lê livros impressos?

- a. Diariamente () b. Alguma vez na semana () c. Alguma vez no mês ()
d. Alguma vez no trimestre () e. Alguma vez por ano () f. Nunca ()

2. Que tipo de conteúdos você lê e em qual formato?

	Impresso	Digital
a. Literatura		
b. Textos educativos		
c. Enciclopédias e dicionários		
d. Científicos/técnicos/profissionais		
e. História, política e sociais		
f. Religião		
g. Superação pessoal/autoajuda		
h. Culinária		

3. Caso leia livros de literatura especifique qual(is) o(s) gênero(s) de sua preferência.

4. Quais são as razões para você escolher um livro?

- a. Pelo tema () b. Pelo título () c. Pelo autor ()
d. Por recomendação de um amigo ou familiar () e. Por motivos educacionais ()
f. Por motivos de trabalho ()
g. Por comentários e/ou anúncios em imprensa, rádio ou televisão ()
h. Por recomendações em sites especializados/redes sociais ()

5. Os livros que você lê são?

- a. Comprados () b. Fotocopiados () c. Presenteados ()
d. Emprestados de bibliotecas () e. Emprestados por familiares e/ou amigos ()
f. Baixados da Internet no PC ou em aparelhos móveis () g. Outro ()

6. Os livros que você compra são adquiridos em:

	Impresso	Digital
a. Livrarias físicas		

b. Sites na WEB		
c. Feiras do livro		
d. Grandes lojas ou supermercados		
e. Bancas de revistas		
f. Vendas ambulantes		
g. Porta a porta		

7. No total, quantos livros digitais você tem? _____

8. No total, quantos livros impressos você tem? _____

9. Com que frequência você...?

	Sempre	Às vezes	Nunca
a. Começa a leitura de um livro e não termina			
b. Lê mais de um livro ao mesmo tempo			
c. Lê o mesmo livro mais de uma vez			
d. Lê somente algumas partes do livro			
e. Lê um livro inteiro de cada vez			
f. Vai até o final do livro inclusive quando não gostou dele			

PARTE IV - PERFIL DO LEITOR DE JORNAIS

Caso você tenha respondido que não lê jornais, pule essa parte.

1. Com que frequência você lê jornais impressos?

- a. Diariamente () b. Alguma vez na semana () c. Alguma vez no mês ()
 d. Alguma vez no trimestre () e. Alguma vez por ano () f. Nunca ()

2. Que tipo de jornais você lê e em que suporte?

	Impresso	Digital
a. Informativos gerais		
b. Econômicos		
c. Religiosos		
d. Esportivos		

3. Os jornais que você lê são?

- a. Comprados em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.) ()
 b. Comprados através de assinatura (impressos ou digital) ()
 d. Gratuitos (impressos ou digital) ()
 f. Empréstados de bibliotecas ()
 g. Empréstados por familiares e/ou amigos ()
 h. Outro ()

Especifique _____

PARTE V - PERFIL DO LEITOR DE REVISTAS

Caso você tenha respondido que não lê revistas, pule essa parte.

1. Com que frequência você lê revistas impressas?

- a. Diariamente () b. Alguma vez na semana () c. Alguma vez no mês ()
 d. Alguma vez no trimestre () e. Alguma vez por ano () f. Nunca ()

2. Que tipo de revistas você lê e em qual suporte?

	Impresso	Digital
a. Informativos gerais		
b. Histórias em quadrinhos/Passatempos		
c. Música/Vídeo/Cinema e Fotografia		
d. Esportes		
e. Natureza/Animais		
f. Agropecuárias		
g. Profissionais/Científicas/Tecnologia		
h. Arte/Cultura/Literatura		
i. Moda/Culinária/Espetáculos		
j. Política/Econômicas		
k. Eróticas		
l. Esotéricas		
m. Religiosas		
n. Saúde		

3. As revistas que você lê são?

- a. Compradas em estabelecimentos comerciais (bancas de revista, lojas, etc.) ()
 b. Compradas através de assinatura (impressos ou digital) ()
 d. Gratuitas (impressas ou digital) ()
 f. Empréstadas de bibliotecas ()
 g. Empréstadas por familiares e/ou amigos ()

PARTE VI - INTERNET, USOS E ACESSO

1. Com que frequência você se conecta à Internet?

- a. Diariamente () b. Alguma vez na semana () c. Alguma vez no mês ()
 d. Alguma vez no trimestre () e. Alguma vez por ano () f. Nunca ()

2. Em quais lugares você se conecta à Internet?

- a. Trabalho () b. Instituições Educativas () c. Casa ()
 d. Cyber-café/lanhouse () e. Biblioteca pública () f. Áreas públicas ()
 g. Outro ()

Qual? _____

3. Com que dispositivo você mais se conecta?

- a. Desktop do escritório () b. Desktop em casa () c. Notebook ou tablet ()
 d. Leitor de livros digitais () e. Telefone celular () f. Outro ()

4. O que você lê nos dispositivos digitais e com que frequência?

	Diaria-mente	Alguma vez na semana	Alguma vez por mês	Alguma vez no ano	Nunca
a. Livros					
b. Revistas					
c. Jornais					
d. Correio eletrônico					
e. Mídias sociais					
f. Páginas web (diferentes a jornais e blogs)					
g. Blogs, fóruns e outros					

5. O que você costuma ler com os dispositivos digitais?

- a. Material de interesse pessoal () b. Material para o estudo () c. Material para o trabalho ()
 d. Notícias e informação atual () e. Literatura () f. Outro ()

6. Quais são as três principais razões para você se conectar à Internet?

- a. Para ler livros online () b. Para ler jornais ou revistas ()
 c. Para buscar informação () d. Para estudar ()
 e. Para trabalhar () f. Para realizar trâmites (bancários, etc.) ()
 g. Para participar de redes sociais () h. Para jogar ()
 i. Para escutar música () j. Para assistir vídeos ()
 k. Para fazer compras () l. Outro ()

PARTE VII - USO DE BIBLIOTECAS

1. Que tipo biblioteca você usou nos últimos doze meses?

- a. Pública () b. Universitária ()
 c. Comunitária () d. Especializada, empresas ()
 e. Outro () Qual? _____
 f. Não visitou nenhuma (passar para a questão 4) ()

2. Quais são os motivos para você usar uma biblioteca?

- a. Para procurar informação () b. Para estudar ()
 c. Para ler () d. Para participar de cursos e/ou oficinas ()
 e. Para participar de atividades culturais () f. Para se conectar à Internet ()
 g. Para ver filmes () h. Para escutar música ()
 i. Outro () Quais: _____

3. Que tipo de atividades você realiza na biblioteca?

- a. Ler livros () b. Ler revistas () c. Ler jornais ()
 d. Utilizar o computador e a Internet () e. Assistir concertos, exposições, etc. ()

- f. Ver filmes/escutar música () g. Solicitar empréstimo de livros ()
 h. Outro ()
 Qual? _____

4. Quais são as principais razões para você não usar uma biblioteca?

Só responda essa questão se você respondeu "e. Não visitou nenhuma" na primeira questão dessa parte.

- a. Não tem tempo () b. Não gosta de ler () c. Não gosta de bibliotecas ()
 d. Não encontra material de leitura que lhe interessa ()
 e. Não sabe onde existe, não conhece nenhuma () f. Fica muito longe ()
 g. Prefere conseguir material de leitura por outros meios ()
 h. Não oferece um bom serviço ou não tem boas instalações () i. O horário não lhe convém ()
 j. Tem problemas de saúde ou alguma deficiência que lhe impede ()
 k. Outro ()
 Qual? _____

PARTE VIII - PRÁTICAS DE ESCRITA

1. Quanto você gosta de escrever?

- a. Muito () b. Um tanto () c. Pouco () d. Nada ()

2. Escrever para você é?

- a. Muito fácil () b. Fácil () c. Difícil ()
 d. Muito difícil () e. Não sabe/não responde ()

3. Qual é a principal razão para você escrever?

- a. Para se comunicar com outras pessoas () b. Para o trabalho () c. Para aprender ()
 d. Para expressar as suas emoções ou pensamentos ()
 e. Para discutir ou confrontar ideias () f. Para se sentir melhor ()
 g. Para revelar acontecimentos importantes (familiares, sociais, etc.) ()
 h. Outro ()

Qual? _____

4. O que você escreve e com que frequência faz isso?

	Diariamente	Alguma vez na semana	Alguma vez por mês	Alguma vez no ano	Nunca
a. Documentos de trabalho					
b. Mensagens de texto (telefone móvel)					
c. Correio eletrônico					
d. Conversas no chat					
e. Mensagens em redes sociais, blogs ou fóruns de discussão					

5. Qual é a principal razão para você não escrever com uma maior frequência?

- a. Não tem vontade () b. Não lhe interessa ()

APÊNDICE C – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Rio de Janeiro,.....dede 2017

Prezado(a).....,

Eu, Patrícia dos Santos Costa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGB/UNIRIO), estou realizando a pesquisa intitulada “O PERFIL LEITOR DOS JOVENS E ADULTOS QUE FREQUENTAM OS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES COMUNITÁRIOS: ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA A FAVOR DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA” com o objetivo de identificar o perfil leitor desses jovens e, a partir dessa análise, propor uma metodologia para atuação do bibliotecário junto aos cursos de pré-vestibular comunitários.

Junto a minha orientadora, Elisa Campos Machado, solicito autorização para aplicação do questionário da pesquisa de medição do comportamento leitor em ambientes tradicionais e digitais. Da mesma forma, solicito sua autorização para utilização dos dados coletados para o estudo mencionado, desde já informando o comprometimento com a ética na pesquisa, assegurando o sigilo e a preservação da identidade de todos participantes. Outro compromisso que assumo com o pré-vestibular e com os participantes é o retorno dos resultados da pesquisa.

Serão aplicados questionários aos alunos dos pré-vestibulares e sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante à execução da mesma, podendo ao final produzir uma contribuição relevante para atuação profissional de bibliotecários e realização de práticas de leitura. Em qualquer momento, fique a vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Agradeço sua participação e colaboração com o desenvolvimento da pesquisa de mestrado e em caso de dúvida estou à disposição através de e-mail patricia1scosta@gmail.com.

Cordialmente,

Patrícia dos Santos Costa
Mestranda do PPGB/UNIRIO

Elisa Campos Machado
Orientadora

APÊNDICE D – APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E A METODOLOGIA DE APLICAÇÃO

Perfil leitor dos alunos do Pré-vestibular Comunitário

O objetivo dessa pesquisa é analisar o comportamento leitor dos alunos dos cursos do Pré-vestibular Comunitário, matriculados nas turmas de 2017.

Esse questionário é uma adaptação do questionário proposto no documento "Metodologia comum para examinar e medir o comportamento leitor", proposta pelo Centro Regional para El Fomento del Libro en America Latina y el Caribe (CERLALC).

É formado por oito partes e um total de cinquenta e seis questões. Trata-se de um instrumento de coleta de dados da pesquisa de Mestrado Profissional, dentro do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO, intitulada: “O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários: atuação bibliotecária a favor da educação emancipadora”.

As respostas são anônimas e colaborarão para a construção de uma estratégia para integrar ações de estímulo à leitura, principalmente a literária, nos cursos Pré-vestibulares Comunitários.

O questionário será aplicado simultaneamente a todos os alunos desse cursinho e a pesquisadora estará presente para tirar as dúvidas que possam surgir durante o preenchimento.

O tempo médio de resposta é de 25 minutos.

Desde já agradecemos a sua participação.

Rio de Janeiro, janeiro de 2017.

Patrícia dos Santos Costa

Mestranda do CMP/PPGB/UNIRIO